

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO

JANAÍNA JOSIAS DE CASTRO

**DO IDEAL AO REAL: A Coluna de Salvação – Agricultura e Alimentação
Orgânica Natural na Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB) / *Johrei*
Center Extensão Goiânia.**

GOIÂNIA

2020

JANAÍNA JOSIAS DE CASTRO

**DO IDEAL AO REAL: A Coluna de Salvação – Agricultura e Alimentação
Orgânica Natural na Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB) / *Johrei*
Center Extensão Goiânia.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Thais Alves Marinho.

GOIÂNIA

2020

C355d Castro, Janaina Josias de

Do ideal ao real : a coluna de salvação :
agricultura e alimentação orgânica natural na
Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB),
Johrei center extensão Goiânia

/ Janaina Josias de Castro.-- 2020.

150 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia

Universidade

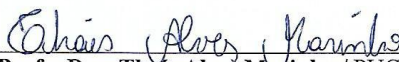
Católica de Goiás, Escola de Formação de
Professores e Humanidades, Goiânia, 2020

Inclui referências: f. 139-148

**DO IDEAL AO REAL: A COLUNA DE SALVAÇÃO – AGRICULTURA E
ALIMENTAÇÃO ORGÂNICA NATURAL NA IGREJA MESSIÂNICA
MUNDIAL NO BRASIL (IMMB) / JOHREI CENTER EXTENSÃO GOIÂNIA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 06 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Thaís Alves Marinho / PUC Goiás (Presidente)



Profa. Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva / UFG



Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Janine Helfst Leicht Collaço / UFG (Suplente)

Dedico este trabalho a minha família, e a todos os amigos que estiveram ao meu lado me dando forças para realizar o sonho de ser mestre em Ciências da Religião, aos colegas de profissão que se esforçam diariamente para fornecer alimentos à sociedade.

AGRADECIMENTOS

No caminhar da minha vida, nada posso fazer sem antes agradecer ao Deus de Amor e Misericórdia, a Ele toda a minha adoração, por tanta proteção, cuidado e amor.

Aos meus pais, Geraldo e Iêda, o caminhoneiro e a diarista que diante de todas as dificuldades nunca desistiram de mim e sempre me apoiam em todos os momentos de minha vida. Ao meu irmão Josias, que sempre me inspira forças para persistir e continuar.

Ao *Johrei Center* Extensão Goiânia, pela acolhida, ensinamentos, partilhas, entrevistas e por toda convivência que a escrita deste trabalho nos permitiu.

A professora Dra. Thaís Alves Marinho, minha gratidão por ter acolhido a minha proposta de pesquisa, suas orientações, carinho, compreensão diante as limitações para desenvolvimento da escrita. Em diversos momentos as dificuldades estiveram presentes, mas os impasses não foram suficientes para nos desmotivar.

A CAPES, por proporcionar minha bolsa de estudo, sem ela essa pesquisa não se efetivaria. E Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

A minha turma de mestrado, agradeço pela alegria vivenciada nos nossos momentos de estudo e descontração.

Enfim, a todos que estiveram comigo nesta trajetória, agradeço carinhosamente pela colaboração, pois de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste estudo. Sem vocês certamente eu teria dificuldades para concluir com tanto êxito esta pesquisa.

Para viver, precisamos diariamente partir o corpo e derramar o sangue da Criação. Quando fazemos isso conscientemente, amorosamente, habilidosamente, reverentemente, esse é um sacramento. Quando o fazemos de forma ignorante, ávida, desajeitada, destrutiva, é uma profanação. Nessa profanação, condenamos à solidão espiritual e moral, e outros à carência.

Wendell Berry

RESUMO

CASTRO, Janaína Josias de. DO IDEAL AO REAL: A Coluna de Salvação – Agricultura e Alimentação Orgânica Natural na Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB) / *Johrei Center* Extensão Goiânia. PUC Goiás, 2020.

Este estudo inscrito na linha de pesquisa Cultura e Sistema Simbólico, busca apresentar as relações entre Alimentação e Religião, na Igreja Messiânica Mundial (IMM), em particular no Brasil na unidade religiosa da cidade de Goiânia – Go, conhecida como *Johrei Center* Extensão Goiânia. A pesquisa busca interpretar e compreender os ensinamentos deixados pelo fundador da Igreja Messiânica Mundial (IMM), Meishu Sama, em relação à segunda coluna de salvação que é a Agricultura e Alimentação Orgânica Natural, a fim de problematizar as diferenças de concepções alimentares entre os brasileiros e o que é valorizado pela Igreja Messiânica. O gosto e o paladar são cultivados no emaranhado dos acontecimentos da história, a partir dos valores culturais. Logo, partimos para uma compreensão da trajetória de como a alimentação se constitui historicamente no Brasil, e mais especificamente em Goiás, o que chamamos de *habitus* alimentar, a fim de esclarecer as afinidades eletivas entre a motivação dos adeptos da IMMB em levar a cabo (ou não) a coluna de salvação voltada para a alimentação saudável. Partimos do pressuposto de que a cultura é caracterizada por fluxos fragmentários e justapostos, por isso, nos valem do conceito de afinidade eletiva de Max Weber (2004), que busca superar as relações mecânicas de causalidades entre os sentidos construídos nas ações sociais, para compreender como os múltiplos sentidos ligados à alimentação se mesclam, são ressignificados e reinventados pelos membros da IMM para justificar suas posições frente à adesão ou não adesão à II Coluna de Salvação da IMM. Como percurso metodológico, foram construídos tipos ideais dos sentidos possíveis atribuídos à alimentação no contexto goiano, a partir da história local, a fim de comparar com os sentidos atribuídos pelos messiânicos, a partir da reconstrução da trajetória de vida e observação participante dos membros do *Johrei Center* Extensão Goiânia. Para a análise utilizou-se cinco tipos ideais do *ethos* goiano fundado no *habitus* caipira: ligado ao consumo de alimento natural; ligado ao sustento; ligado ao status; pouco habituado a alto investimento em alimentação; espiritualista e ecológico.

Palavras chave: religião, alimentação, agricultura, messiânicos.

ABSTRACT

This study is enrolled in the line of research Culture and Symbolic System, which seeks to present the relations between Food and Religion, in the World Messianic Church (IMM), particularly in the religious unit of the city of Goiânia - GO, known as Johrei Center Extension Goiânia. The research seeks to interpret and to understand the teachings left by the founder of the World Messianic Church (IMM), Meishu Sama, concerning the second salvation column, which is Agriculture and Natural Organic Food, to problematize the differences in food conceptions among Brazilians and what is valued by the Messianic Church. Likes and taste are cultivated in the tangle of historical events, based on cultural values. Therefore, we seek to understand the trajectory of how food is historically constituted in Brazil, and more specifically in Goiás, what we call food habitus (in the wake of Bourdieu's understanding), to clarify the elective affinities between the motivation of IMMB supporters to carry out (or not) the lifeline focused on healthy eating. We start from the assumption that culture is characterized by fragmentary and juxtaposed flows, therefore, we make use of Max Weber's (2004) concept of elective affinity, which seeks to overcome the mechanical relationships of causalities between the meanings constructed in social actions, to understand as the multiple meanings related to food are mixed, re-signified and reinvented by the IMM members to justify their positions regarding adherence or non-adherence to the II IMM Salvation Column. As a methodological path, ideal types of possible meanings attributed to food in the state of Goiás were built, based on local history, to compare with the meanings attributed by messianics, based on the reconstruction of the life trajectory and participant observation of the members of Johrei Goiânia Extension Center. For the analysis, five ideal types of the Goian ethos based on the hick habitus were used: linked to the consumption of natural food; linked to livelihood; linked to status; little used to high investment in food; spiritualistic and ecological.

Keywords: religion, food, agriculture, messianic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1- História da Alimentação Japonesa..... | 30 |
| Figura 2 - Mokiti Okada fundador da Igreja Messiânica Mundial..... | 51 |
| Figura 3 - Panfleto informativo..... | 84 |
| Figura 4 - Convite do culto de entronização..... | 86 |
| Figura 5 e 6 - Igreja Messiânica Mundial do Brasil em Goiânia..... | 87 |
| Figura 7- Solo Sagrado de Guarapiranga..... | 92 |
| Figura 8 e 9 – Cultivo Orgânico e Natural de vegetais que abastecem o Solo Sagrado de Guarapiranga..... | 93 |
| Figura 10 – Membros realizando vivência no Solo Sagrado de Guarapiranga..... | 94 |
| Figura 11 – Refeição Fornecida no Solo Sagrado de Guarapiranga..... | 96 |
| Figura 12 e 13 – Área de Alimentação do Solo Sagrado de Guarapiranga..... | 96 |
| Figura 14- Exposição Horta da Agricultura Natural no Solo Sagrado de Guarapiranga..... | 98 |
| Figura 15 – Culto Matinal..... | 108 |
| Figura 16 – Culto Mensal..... | 109 |
| Figura 17 e 18 – Culto da Agricultura Natural..... | 111 |
| Figura 19,20,21 e 22 – Exposição durante Culto..... | 112 |
| Figura 23 e 24- Momento de Confraternização após culto Natalício..... | 113 |
| Figura 25 e 26 – Produção de Refeições..... | 114 |
| Figura 27 e 28 – Horta Orgânica Natural do <i>Johrei Center</i> Extensão Goiânia..... | 115 |
| Figura 29,20,31 e 32 – Café da manhã e Almoço no <i>Johrei Center</i> Extensão Goiânia..... | 115 |
| Figura 33,34 e 35 – Alimentos vendidos durante “arraiá messiânico”..... | 116 |
| Figura 36 – Comanda Ação Social..... | 119 |
| Figura 37- Comanda Ação Social..... | 120 |
| Figura 38 e 39 – Aula Prática do Curso de multiplicadores da horta caseira..... | 122 |
| Figura 40 e 41 – Apostila utilizadas durante curso..... | 123 |
| Figura 42 e 43 – Envelope para “Donativo de gratidão” e certificado do curso.... | 123 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1- Dados Obtidos em entrevista..... | 105 |
|--|-----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1 RELIGIÃO, CULTURA E ALIMENTO | 23 |
| 1.1 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO: DO SURGIMENTO DA SIMBOLIZAÇÃO À CIVILIZAÇÃO HUMANA..... | 25 |
| 1.2 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO JAPÃO E O MOVIMENTO CONTRA-MODERNIZAÇÃO..... | 30 |
| 1.3 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL: DA SIMPLICIDADE ÀS MÚLTIPLAS REFERÊNCIAS..... | 35 |
| 1.3.1 A Alimentação Goiana: do sertanejo caipira ao moderno..... | 38 |
| 1.4 ALIMENTAÇÃO, RELIGIÃO E CULTURA: COMO SISTEMAS SIMBÓLICOS..... | 44 |
| 2 O IDEAL: CONTEXTUALIZAÇÃO DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL | 48 |
| 2.1 O CAMPO RELIGIOSO – A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL (IMMB). | 48 |
| 2.1.1 O Fundador Mokiti Okada..... | 50 |
| 2.1.2 Igreja Messiânica Mundial – Uma Nova Religião Japonesa | 56 |
| 2.1.3 A Crença Messiânica..... | 63 |
| 2.1.4 Espiritualidade Messiânica | 66 |
| 2.2 A II COLUNA DE SALVAÇÃO MESSIÂNICA – AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO ORGÂNICA NATURAL..... | 69 |
| 2.2.1 O despertar da II Coluna de Salvação | 69 |
| 2.2.2 Agricultura e Alimentação Natural – O ideal de Meishu-Sama | 70 |
| 2.3 A Igreja Messiânica Mundial No Brasil (IMMB) | 72 |
| 2.3.1 Fundação Mokiti Okada (FMO)..... | 75 |
| 2.3.2 Korin Empreendimentos | 77 |
| 2.3.3 A IMMB Em Goiânia | 79 |
| 3 O REAL: A II COLUNA DE SALVAÇÃO NA IGREJA MESSIANICA MUNDIAL DO BRASIL – JOHREI CENTER EXTENSÃO GOIÂNIA | 88 |
| 3.1 – O REAL NO PROTÓTIPO DO PARAÍSO TERRESTRE: VISITA AO SOLO SAGRADO DE GUARAPIRANGA-SP | 91 |
| 3.2 RECONSTRUÇÃO DO <i>HABITUS</i> ALIMENTAR DOS MEMBROS DO JOHREI CENTER EXTENSÃO GOIÂNIA..... | 102 |
| 3.3 O REAL: A LL COLUNA DE SALVAÇÃO PRATICADA PELOS MEMBROS DO JOHREI CENTER EXTENSÃO GOIÂNIA | 110 |

| | | |
|-----------------------------------|--|------------|
| 3.3.1 | Os cultos..... | 111 |
| 3.3.2 | Culto de Agradecimento Mensal..... | 112 |
| 3.3.3 | Culto em agradecimento pela Agricultura Natural | 113 |
| 3.3.4 | O Culto Natalício..... | 119 |
| 3.3.5 | A alimentação na rotina do <i>Jorei Center</i> Extensão Goiânia..... | 121 |
| 3.3.6 | Ação Social..... | 128 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | | 137 |
| REFERÊNCIAS..... | | 141 |

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa versa sobre as relações entre Alimentação e Religião, na Igreja Messiânica Mundial no Brasil, em particular na unidade religiosa da cidade de Goiânia conhecida como *Johrei Center* Extensão Goiânia.

A alimentação tem sido objeto de pesquisa de diversas ciências. O tema apresenta suas complexidades, o que requer diálogo interdisciplinar, para lidar tanto com sua dimensão biológica, quanto com sua dimensão social e simbólica. Deste modo, esta pesquisa é resultado dessa conexão dos alimentos em diversos campos de conhecimento e requer um aprofundamento sobre como os seres humanos orientam simbolicamente sua alimentação e qual sua relação com o plano do sagrado.

Sacralidade e simbologia são frequentemente acionadas no ato de alimentar. Isso porque as religiões não conferem apenas uma relação ritual à alimentação, mas implica em um modelo de vida, onde restrições, permissões, jejuns e práticas de cultivo orientam o indivíduo religioso. Diante disso, a compreensão das diretrizes sobre a alimentação estabelecida pela Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB), especificamente, o *Johrei Center* Extensão Goiânia, colabora para aprofundar as pesquisas entre alimento e religião.

A religião é um fator determinante na vida de muitos indivíduos. Para Souza (2014) a maneira como muitas pessoas religiosas se alimentam é determinada pela religião que ela segue. As religiões em sua maioria ditam quais e quando os alimentos devem ser consumidos ou excluídos de sua dieta.

A história da alimentação se entrelaça à história das religiões. E por isso, ao definir o que é alimento, a Organização Mundial de Saúde – OMS apresenta a definição dividida em dois sentidos. A primeira definição é no sentido fisiológico como material nutritivo introduzido no organismo e que preenche as necessidades de manutenção, crescimento, funcionamento e restauração dos tecidos. A segunda definição é no sentido comportamental como sendo material biológico identificado pelo indivíduo ou pelo grupo como sendo próprio para cumprir as

funções fisiológicas, acima descritas, e geralmente, consumidas para esse fim, ou às vezes por motivos sociais ou motivos religiosos, culturais, etc.

Nessa mesma esteira, para Montanari (2013) a linguagem alimentar traz consigo a representação de identidades, posições sociais e diversos significados religiosos.

O alimento exerce, portanto, uma função importante na vida do ser religioso. São inúmeros exemplos ligados à religião e à alimentação. No Cristianismo, especificamente para o católico, o grande momento litúrgico é a Eucaristia, que é o ato de comer o corpo e beber o sangue de Cristo através do pão e do vinho. No Judaísmo é proibido o consumo de carne de porco, frutos do mar e misturar carne com leite. No Islamismo as leis alimentares são o *Halal*, e seguem os mesmos conceitos do Judaísmo. No Hinduísmo a grande maioria é vegetariana, não consomem carne bovina, pois a vaca é considerada um animal sagrado. No candomblé há uma importante ligação entre homem e deuses através de suas oferendas e sacrifícios (FIORE, 2014). Para os Messiânicos uma de suas colunas de salvação é a Agricultura e a Alimentação Orgânica Natural.

O fundador dessa Igreja é Meishu-Sama, este é o nome religioso de Mokiti Okada que significa “Senhor da Luz”. Ele nasceu no dia 23 de dezembro de 1882 no Japão e ascendeu ao Mundo Divino em 10 de fevereiro de 1955. Em 1935, Meshu-Sama instituiu em solo Japonês a Igreja Messiânica Mundial, que tem como objetivo final reconduzir a humanidade a uma vida concorde com a Lei da Natureza e construir uma nova civilização, alicerçada na verdadeira saúde, na prosperidade e na paz (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIÂNICAS, 2014, p.5)

Johrei¹, Agricultura e Alimentação Orgânica Natural e o Belo² são práticas da fé messiânica que se completam apresentando Deus em todos os seres, constituem os três pilares de salvação da Igreja Messiânica Mundial. Para os messiânicos, os alimentos são dádivas de Deus. Neste sentido, a religião deve levar o ser humano ao desfrute da vida e assim, todas as coisas passam a ser dádivas de Deus.

Para Meishu-Sama, alimento e religião têm a mesma origem, por acreditar nisso a doutrina messiânica tem como uma de suas colunas de salvação a

¹ O Johrei é um método de canalização de energia espiritual para a purificação do espírito. O Johrei é um método de criar felicidade (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIANICAS, 2014, p.12).

² O Belo consiste em atividades artísticas e culturais. Atividades que enobrecem os sentimentos e o caráter humano (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIANICAS, 2014, p.12).

Agricultura Orgânica Natural, esta que tem como princípio oferecer alimentos puros e saudáveis, pois os alimentos não se relacionam apenas com o físico do ser humano, mas estão conectados diretamente com o espírito.

Para a produção de alimentos de acordo com a filosofia de Mokiti Okada, a Igreja Messiânica Mundial no Brasil conta com a empresa agropecuária Korin, localizada na Estrada Municipal Camaquã, s/n Zona Rural, Ipeúna – SP, esse polo fabril produz e comercializa alimentos segundo as práticas messiânicas promovendo a saúde e o bem-estar do consumidor, bem como a prosperidade do produtor, utilizando métodos de cultivo e produção que gradativamente concretizem a Agricultura Natural preconizada por Mokiti Okada. A Korin possui lojas próprias em cinco cidades brasileiras (São Paulo, Ipeúna – SP, Rio de Janeiro, Niterói – RJ e Brasília – DF) e em diversos outros pontos espalhados pelo Brasil. O *Johrei Center* Extensão Goiânia realiza a Ação Social para adquirir produtos da Korin por um preço mais acessível comprando direto do distribuidor. Os pedidos são feitos uma vez ao mês e retirados na própria Igreja em Goiânia.

Com o intuito de expandir a II Coluna de Salvação, a IMMB conta com o programa “Horta em Casa & Vida Saudável”. São cursos oferecidos nas Igrejas Messiânicas em todo o Brasil, para membros e não membros, possibilitando o aprendizado sobre gratidão, cuidado diário do solo e das plantas e respeito à criação de Deus. Atualmente o *Johrei Center* extensão Goiânia possui uma horta que é mantida pelos membros de acordo com os princípios da agricultura natural que foram aprendidos durante o curso do programa “Multiplicadores da horta caseira”.

Desse contexto, a investigação dessa pesquisa diz respeito a interpretar e compreender os ensinamentos deixados pelo fundador da Igreja Messiânica Mundial em relação ao segundo pilar da coluna de salvação que é a Agricultura e Alimentação Orgânica Natural, e, também problematizar as diferenças de concepções alimentares entre os brasileiros e o que é valorizado pela Igreja Messiânica.

Culturalmente, o pluralismo religioso é uma marca do brasileiro, por outro lado, possui uma malha industrial significativa de produtos alimentícios, ao mesmo tempo, em especial no estado de Goiás, se apresenta como referência na agricultura e na pecuária. Esses elementos e características são instigantes para compreender como se dá a relação alimento e religião na Igreja Messiânica

Mundial no Brasil, no contexto goianiense. Como os membros vivenciam a coluna de salvação deixada pelo fundador da Igreja em questão? Qual a relevância de ter um polo agroindustrial para a produção de alimentos segundo os ensinamentos messiânicos? Como os membros da Igreja Messiânica em Goiânia vivenciam essa coluna de salvação? Cabe assim realizar tal pesquisa, pois o campo de estudo e observação das práticas é acessível e pouco explorado.

Parto do pressuposto de que os alimentos não atuam somente como combustível vital de sobrevivência orgânica, mas como um vetor de incorporação à cultura, apresentando padrões de comportamento e relações de grupo, imprimindo características sociais e existenciais, como também evoluem dentro de sua própria dinâmica fomentando o diálogo direto com as religiões, orientando a conduta comportamental e sensorial dos adeptos.

Canesqui e Garcia (2005a) enfatizaram em estudos sobre os hábitos alimentares brasileiros que o gosto e o paladar, em vez de se naturalizarem, são cultivados no emaranhado da história, da economia, da política e da própria cultura, o alimentar-se vai além de uma questão fisiológica de necessidade de nutrientes e constrói costumes, acompanha ritos de passagem, liberta os espíritos e sela relações entre o indivíduo e a sociedade. Desse modo, entendemos que compreender a trajetória de como a alimentação se constitui historicamente no Brasil, e mais especificamente em Goiás, poderá esclarecer a afinidade eletiva entre a motivação dos adeptos da IMMB em levar a cabo (ou não) a coluna de salvação voltada para a alimentação saudável.

O empenho dos messiânicos em praticar e disseminar essa coluna de salvação é devido à crença religiosa de que são alimentos puros e mais saudáveis restituindo a humanidade e o planeta ao seu equilíbrio original. Porém, de acordo com Gonçalves (2009) mesmo sendo um dos pilares da doutrina deixado pelo fundador Meishu-Sama, a prática e o consumo da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural ainda não atinge todos os adeptos da doutrina. No caso de Goiânia, esse fato pôde ser atestado empiricamente durante a pesquisa. A pouca adesão a este pilar entre os goianienses pode ser compreendida a partir de como o brasileiro, e mais especificamente, o goianiense, vê a alimentação.

Uma de nossas hipóteses é de que a alimentação no contexto goiano foi metaforizada como sendo uma forma de sustento para as atividades cotidianas, devido à formação econômica voltada historicamente para atividades agropastoris,

após a dita decadência da mineração. Por outro lado, a alimentação, ligada à tradição judaico-cristã é vista como mérito pelo trabalho árduo, podendo indicar inclusive *status*, estando presente nos principais festejos e rituais religiosos da região, esse *ethos* cristão, também dificultaria a visualização do alimento enquanto elemento de salvação como proposto pela IMM. Por outro lado, a tradição familiar de cultivo da terra, inscrita na história dos goianienses, poderia ser uma fonte de motivação para a prática da alimentação natural e saudável.

Nesse sentido Carvalho e Luz (2011, p. 149) salientam que há um movimento de valorização da alimentação natural em função das pressões condicionantes da globalização e da “rejeição a um ideal de modernidade, de caráter fordista, de produção em larga escala e de eugenia” coerentes com os contextos ditos pós-modernos.

No âmbito religioso, esse mesmo movimento de contestação e contracultura seria responsável pelo crescimento de um esoterismo secularizado, baseado no individualismo religioso, chamado por alguns de *New Age*, mas que tende a adotar uma perspectiva holista e cósmica da realidade, o que insere ao âmbito da espiritualidade preocupações com a ecologia, o meio ambiente, o cosmo, o corpo, a alimentação saudável e natural, entre outros, que pode favorecer a adesão de membros da IMM à II Coluna de salvação.

Assim, partindo do pressuposto de que uma cultura já não é mais unitária, mas caracterizada por fluxos fragmentários e justapostos, nos valem do conceito de afinidade eletiva de Max Weber (2004), que busca superar as relações mecânicas de causalidades entre os sentidos construídos nas ações sociais, para compreender como esses múltiplos sentidos se mesclam, são ressignificados e reinventados pelos membros da IMM para justificar suas posições frente à adesão ou não adesão à II Coluna de Salvação da IMM.

Veremos, na esteira de Gonçalves (2009), que mesmo diante da importância do ensinamento empregado na relação alimento e religião na Igreja Messiânica Mundial do Brasil, “a agricultura natural não é tão enfatizada como o *Johrei*”. E que embora não haja hierarquia doutrinária entre as colunas de salvação, os brasileiros, especificamente, os goianienses acabam hierarquizando tais colunas, e racionalizando a II coluna para que não haja conflito com sua permanência na IMM. Muitos dos membros que fazem esse exercício de reelaboração doutrinária apresentam um grau de independência em relação às

tradições e coletividades, coerente com os sujeitos pós-modernos que buscam as novas espiritualidades, e que usam o *Johrei* para estreitar sua experiência individual com o transcendental, ao mesmo tempo em que buscam a cura.

Assim, concluímos que apesar de se constituir como um pilar de salvação para os messiânicos, a agricultura e alimentação natural não é muito enfatizada na doutrina (consumo e utilização nos ritos), porque há uma perceptível hierarquia entre os três pilares, sendo o *Johrei* de maior importância sobre os outros pilares que constituem a doutrina. Logo, nosso intuito é captar os múltiplos esquemas particulares que podem ser "inventados" diante das afinidades eletivas entre os valores e sentidos incorporados pelos sujeitos membros da IMM ao longo de suas trajetórias individuais e as ofertas da IMM em relação à alimentação e ao mundo espiritual.

Assim, buscaremos captar o *habitus* (BOURDIEU, 1989), entendido como “uma estrutura estruturante estruturada”, dos membros da IMMB de Goiânia, para observarmos as afinidades eletivas entre os sentidos herdados das estruturas sociais aos quais tiveram acesso ao longo de suas trajetórias individuais e os oferecidos pela IMM em relação à alimentação e à espiritualidade. Culturalmente o campo alimentar no Brasil foi pautado na lógica do “sustento” e também na obtenção de status (CANESQUI e GARCIA, 2005). Essa lógica é aprendida tradicionalmente nos contextos familiares, em função da presença da família na constituição de *habitus* (subjetividade). Para que os indivíduos apresentem motivação para o consumo do alimento natural se faz necessário que essa lógica seja internalizada em seus *habitus* ao longo de suas trajetórias individuais. Sendo assim, uma de nossas hipóteses é que a prática da agricultura natural messiânica não apresenta melhores resultados no contexto brasileiro em função dos *habitus* primários construídos em torno da alimentação, daí o foco nas trajetórias individuais dos membros da IMM.

Conforme Carvalho, Luz e Prado (2011) “a escolha alimentar não diz respeito somente a uma questão racional, mas à construção de novas sensibilidades, transformações e permanências de significados nas práticas de alimentação”. A ordem alimentar seguiria, portanto, a lógica da disseminação do biopoder. Como vimos culturalmente o campo alimentar no Brasil se estrutura pela lógica do “sustento” e na obtenção de status (CANESQUI e GARCIA, 2005b). Por outro lado, o *habitus* alimentar goiano, com forte apelo rural, somado à nova onda

esóterica típica de contextos urbanos globalizados, pode prover sentidos que valorizem a alimentação natural, possibilitando que os adeptos façam a adesão à segunda coluna de salvação.

O *habitus* originário embora seja mais forte, é uma estrutura aberta, sendo possível sempre apreender novas informações que comporão nossos *habitus*, e como há um crescimento da lógica da alimentação saudável e natural como diretriz no campo alimentar, disseminada especialmente pela mídia e pelos nutricionistas e nutrólogos, possivelmente o pilar da alimentação ganhe mais importância entre os messiânicos.

Para estruturar os sentidos possíveis que orientam as escolhas dos messiânicos no contexto de Goiânia, utilizaremos a construção de tipos ideais, conforme indica Weber (2003). Os conceitos de Max Weber utilizados aqui têm finalidades metodológicas e não analíticas, uma vez que Weber (2003) parte de uma perspectiva ocidental Europeia para entender a religião e a sua compreensão sobre a religião não é apreensível para dinâmica que ocorre na IMM. Assim, a partir da história alimentar do Brasil e de Goiás, construiremos tipos ideais de sentidos possíveis atribuídos à alimentação, com o intuito de comparar o mundo social empírico, no contexto do *Johrei Center* em Goiânia, com os tipos ideais que construímos, a fim de visualizar as afinidades eletivas entre os tipos ideais e a realidade empírica. Acreditamos, conforme Weber (2003), que à medida que descrevemos o quanto a realidade se aproxima ou se distancia do tipo “puro” construído para essa pesquisa, essa realidade se revelará em seu caráter mais complexo, possibilitando que os comportamentos alimentares ligados à religião venham à tona revelando a racionalidade e a irracionalidade que os tornou possíveis.

Assim, para fazer esse exercício analítico buscaremos captar os sentidos atribuídos à alimentação para perceber a afinidade eletiva com os princípios messiânicos de salvação relacionados ao segundo pilar, ou seja, captar o *habitus* reconstruindo a trajetória de vida dos membros da Igreja Messiânica no Brasil através da história de vida e história oral. Foram feitas entrevistas, no ambiente natural do entrevistado em tom informal, que seguiram um roteiro de perguntas. A entrevista como coleta de dados é a técnica mais utilizada no trabalho de campo, ela permite obter informações de dados subjetivos, estes que se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

A investigação da Segunda Coluna de Salvação da IMM foi um tanto desafiadora uma vez que há poucos trabalhos científicos a respeito da doutrina, e grande parte deles foram escritos por membros da religião. Assim, grande parte das fontes sobre a Segunda Coluna de Salvação apresentam teor doutrinário e panfletário, tornando o desafio interpretativo instigante.

A pesquisa participante oferece ao pesquisador uma grande imersão no objeto a ser estudo. O *Johrei Center* Goiânia proporcionou todo o acolhimento e disponibilizou o que era possível para adentrar no universo da pesquisa. Porém, como não sou membro da IMMB, não tive acesso a um rol de informações da IMM. Por mais que o ambiente tenha oferecido artifícios para interpretação dos resultados e execução da pesquisa, houve uma limitação de acesso à alguns rituais.

Justifica-se a realização deste trabalho, a fim de reforçar os estudos que tratam a alimentação e a religião tendo como caso particular a Igreja Messiânica Mundial no Brasil. Diante dos poucos teóricos em relação a essa prática messiânica e tendo como impulso os fatores apresentados por Gonçalves (2009), torna-se instigante esta pesquisa buscar a compreensão a partir do Ideal preconizado por Meishu-Sama em relação à coluna de salvação – Agricultura e Alimentação Orgânica Natural, e do que é Real a partir do que é praticado pelos membros.

Considerando todos esses elementos apresentados, esta pesquisa se apresenta organizada em três capítulos que apresentam uma sequência que se intercalam de modo que o aporte teórico articula com os dados empíricos.

Desse modo, o primeiro capítulo apresenta uma contextualização acerca do enlace alimento e religião. Para compor essa contextualização se faz necessário percorrer a história da alimentação abordando seus aspectos culturais e simbólicos na construção do *habitus* alimentar do indivíduo religioso. O objetivo principal do capítulo é descrever, a partir do contexto brasileiro, a relação e a importância do alimento como sendo sagrado desde a sua obtenção, utilização nos ritos, caráter simbólico e como o mesmo interfere na vida dos adeptos. Pierre Bourdieu (1989), Canesqui e Garcia (2005) e Carvalho, Luz e Prado (2011) colaborarão nessa construção.

No segundo capítulo apresenta-se o percurso histórico da construção da Igreja Messiânica e o ideal do fundador na constituição das Colunas de Salvação

messiânicas com foco na II Coluna, objeto desta pesquisa. Deste modo é apresentada a figura de Mokiti Okada – Meishu-Sama e o desenrolar da criação da instituição em meio ao contexto histórico Japonês. Neste capítulo também é descrito a chegada dessa instituição no Brasil e como ela se instala na cidade de Goiânia. A ênfase neste capítulo é a descrição da doutrina messiânica apresentando detalhadamente a coluna de Salvação da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural.

No terceiro capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa empírica para fomentar o diálogo com o campo teórico. Assim, serão apresentados os dados obtidos na pesquisa de campo, o que pôde ser captado em relação ao *hatibus* durante a reconstrução da trajetória de vida e observação participante a partir dos sentidos atribuídos à alimentação para verificar a afinidade eletiva com os princípios messiânicos de salvação relacionados a coluna de salvação da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural.

1 RELIGIÃO, CULTURA E ALIMENTO

Esse capítulo busca contextualizar os entrelaçamentos históricos entre alimento e religião. A história da alimentação esteve atrelada à capacidade de simbolizar dos seres humanos, e se estabelece como um componente de linguagem e comunicação entre os seres humanos. Sendo que a diversidade de soluções simbólicas atribuídas à alimentação são marca registrada da humanidade. Tanto a produção quanto a distribuição social da produção simbólica obedecem, no entanto, a regras específicas, que podem ser compreendidas apenas se nos voltarmos à compreensão das tramas estabelecidas a partir do sistema simbólico da cultura, que inclui a religião.

A história comparada das religiões também buscou descrever e interpretar as representações e regulamentações sagradas sobre o consumo dos alimentos (CARNEIRO, 2003). Em quase todas as civilizações “o alimento é um dos primeiros deuses ou tem um deus tutelar”. Os cogumelos alucinógenos mexicanos do gênero *Psilocybe* são sagrados e denominados "carne de deus". As plantas psicoativas como a ayahuasca que é de origem indígena e diversos cactos andinos e mexicanos, como o San Pedro e o peiote, são exemplos de alimentos e bebidas divinizadas.

A alimentação chama atenção por ser uma das primeiras necessidades humanas, já que esta que não está ligada somente a questão nutricional, mas faz com que o homem interaja entre si, com o meio ambiente, com os demais seres vivos e diversas culturas. Logo, os alimentos unem os humanos entre si, ao território, aos demais seres vivos, e segundo Wirzba (2011, p. 27) à Deus, e ao transcendente.

Embora dependa da materialidade, e esteja inscrita na racionalidade da produção agrícola, a alimentação aciona o numinoso, em função de sua obtenção e produção nem sempre atravessar uma fórmula exata. Assim, a magia por trás da produção do alimento possibilita uma experiência com o numinoso no sentido da definição de Schleiermacher, “reação como sentimento de dependência”. Conforme relata Otto, a religião se mostra como uma tentativa de arquitetar um universo significativo, que causa medo em relação à um objeto externo. O mistério por trás do aperfeiçoamento das técnicas de obtenção e preparação de alimento

nos primórdios do desenvolvimento das civilizações humanas justificam essa associação da alimentação ao transcendente e as formulações religiosas posteriores.

Para Geertz (1989), a religião é uma rede de significados e um conjunto de experiências e ações humanas interligadas entre o comportamento religioso e a crença religiosa, podendo ser compreendida na construção da identidade de um indivíduo e as suas relações sociais, das quais incluem a alimentação. Nesse mesmo sentido Croatto afirma que,

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa. Dizer “expressão” é falar de manifestações de ordem religiosa que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, em modelos de vida. Aquilo que é expresso em tantas maneiras, que de fato compreende todos os registros de vida humana, é algum tipo de experiência do transcendente. Como toda experiência humana, ela também tende à comunicação e à socialização (CROATTO, 2001, p. 09).

Enquanto Geertz (1989), aponta o componente simbólico e cultural da religião, Croatto (2001) adiciona o elemento do transcendente como componente da religião. Nesse sentido, Eliade (1992) descreve que o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. É certo que a linguagem e a necessidade de alimentação exprimem ingenuamente o *tremendum* ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo do domínio natural ou a vida espiritual profana do homem.

Alimento e religião têm uma ligação muito antiga. Segundo Mintz (2001) o ato de alimentar não é algo recente que desperta interesse na antropologia. A alimentação exerce uma função importante na vida de seus adeptos. São inúmeras proibições, permissões, jejuns, modelos alimentares, utilização em rituais, proteção aos animais, dentre outros.

Wirzba (*apud* SCHMEMANN, 2011, p. 23) descreve, por exemplo entre os cristãos, que: “para viver, precisamos diariamente partir o corpo e derramar o sangue da Criação. Quando isso é feito conscientemente, amorosamente, habilidosamente é um sacramento, quando não se tem respeito e age de forma ignorante e destrutiva é uma Profanação”.

Para Souza (2015, p. 33) “a religião foi a “ciência” antes da ciência” e esta servia de lente para enxergar o mundo, diante disso era natural que a religião

“explicasse e determinasse modelos de conduta” a serem seguidos incluindo a conduta alimentar. Ainda para ela,

A religião não apenas explicava a procedência dos alimentos, mas também determinava, de acordo com as explicações míticas, como usar estes alimentos, ou seja, criou regras para consumo. Uma das primeiras formas de atribuir valores simbólicos aos alimentos foi certamente a religiosa (SOUZA, 2015, p.34).

Apesar de Souza (2015) trabalhar a partir de um certo determinismo da religião na alimentação, a perspectiva trabalhada aqui, parte de uma perspectiva mais relacional em relação a esse determinismo. Assim, é possível pensar que os sujeitos ao receberem essas instruções míticas de uso dos alimentos, imprimam particularidades o que vai gerando mudanças na própria religião.

Desse modo, uma incursão sobre a história da alimentação possibilita acionar as representações sociais, políticas e religiosas desenvolvidas por cada grupo. Logo, buscaremos ultrapassar a compreensão do alimento apenas como ato de nutrir, pois, o alimento possui substâncias e propriedades imponderáveis para o espírito, bom humor e para a disposição criadora, conforme relata Cascudo (2004, p.348). Assim, lançamos uma discussão que enfoca “o alimento em sua transcendência maior como símbolo” (CARNEIRO, 2005, p. 75-6).

Visando abarcar a complexidade do estabelecimento da alimentação enquanto elemento simbólico, buscaremos compreender, tanto a história da alimentação a partir do desenvolvimento da própria humanidade, mas também a partir do contexto brasileiro e goiano, visualizando a relação e a importância do alimento como o sagrado desde a sua obtenção, utilização nos ritos e caráter simbólico na construção do *habitus* alimentar do indivíduo religioso. Pierre Bourdieu (1989), Canesqui e Garcia (2005) e Carvalho, Luz e Prado (2011) colaborarão nessa construção.

1.1 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO: DO SURGIMENTO DA SIMBOLIZAÇÃO À CIVILIZAÇÃO HUMANA

A história da alimentação abrange, portanto, mais do que a história dos alimentos, de sua produção, distribuição, preparo e consumo. O que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com

quem se come. As mudanças dos hábitos alimentares e dos contextos que cercam tais hábitos é um tema intrincado que envolve a correlação de inúmeros fatores, conforme indica Carneiro (2003)

A alimentação é um fenômeno cujo estudo foi estabelecido nos últimos dois séculos a partir de quatro diferentes enfoques: o biológico, o econômico, o social e o cultural. A história da alimentação, dessa maneira, abrange ao menos quatro grandes aspectos: os aspectos fisiológico-nutricionais, a história econômica, os conflitos na divisão social e a história cultural (para a qual a Antropologia trouxe grande quantidade de informações que se imbricam com a Linguística, a Religião e a História Geral das Civilizações) que inclui a história do gosto e da culinária, para a qual os livros de receitas constituem fontes primárias (CARNEIRO, 2003, p.3).

Assim, nós lançamos a uma incursão nos primórdios do desenvolvimento da alimentação, enquanto elemento simbólico. A simbolização entre os homens se intensifica devido às alterações ambientais na África, há 40 mil anos a. C. quando surgiu a vegetação tropical provocada pelo pouco volume de chuvas, nesse contexto os habitantes começaram a produzir utensílios em pedra (ARAÚJO *et al*, 2005). Em 20 mil anos a. C. a realidade foi mudada devido ao aumento do volume das chuvas, assim as regiões áridas puderam ser povoadas (ARAÚJO *et al*, 2005, p.16)

Proporcionalmente ao crescimento da vida animal, a população humana teve o mesmo resultado. Conforme explica Araújo (2005, p.16) há 10 mil anos a. C. a dificuldade para a caça começou a surgir devido ao desaparecimento de algumas espécies de animais (bois, mamutes, felinos e bisão gigante), essa realidade fez com que o ser humano buscasse alternativas para sua sobrevivência.

O homem pré-histórico ampliou sua variedade de alimentos a partir do momento que começou a criar suas próprias armas. Este fato também possibilitou ao homem pré-histórico migrar de uma alimentação que predominava o consumo de vegetais para uma alimentação carnívora (SENAC DN, 2007, p.15)

Senac (2007) descreve que esta passagem da alimentação vegetariana para a alimentação carnívora trouxe consequências ao homem pré-histórico. Com a mudança o homem precisou se organizar para atrair, matar e devorar as presas. Devido a isso, o homem permanecia nos locais somente enquanto houvesse alimentos, quando se tornava escasso migravam para outros locais.

Com essa mudança na prática alimentar do homem pré-histórico surge o canibalismo, segundo Senac (2007)

Outra consequência da mudança para uma alimentação carnívora foi o aparecimento do canibalismo. Grupos inteiros tornaram-se canibais porque lhes faltavam as proteínas da carne e eles não tiveram outra forma de consegui-las. O canibalismo também fazia parte de rituais mágicos. O inimigo era comido com muito prazer, não propriamente por gulodice ou fome, mas para que suas qualidades fossem transferidas para quem comia (SENAC DN, 2007, p. 16).

O canibalismo, em várias culturas, estava atrelado à uma interpretação religiosa, tanto do inimigo, quanto do próprio ato de consumo de carne humana, conforme indica Hernandez (2000) sobre os astecas, e Sahlins (2001) sobre os havaianos, por exemplo.

A descoberta do fogo foi decisiva para diferenciar o homem dos outros animais. Sendo luz e calor, o fogo era associado à magia e ao sobrenatural (SENAC DN, 2007, p. 16). Nessa mesma esteira Flandrin; Montanari (2015, p. 30), apresenta:

Há 500 mil anos, o homem teria dominado o fogo, diferenciando-se de forma definitiva de seus ancestrais hominídeos que ainda viviam num estado de animalidade. Os historiadores da pré-história parecem admitir que, de início, o fogo foi utilizado para cozer os alimentos e só bem mais tarde foi empregado para outros fins. Daí a se afirmar que a cozinha faz o homem, e que tanto um como outro têm 500 mil anos, é um passo.

Com a descoberta do fogo, o homem pré-histórico pôde aprimorar os seus hábitos alimentares desenvolvendo diversas técnicas de preparo e também de conservação dos alimentos.

Com o crescimento populacional a escassez de alimentos começou a ser um problema, logo, o homem primitivo começou a buscar outras formas de sobrevivência. O homem ao interagir com o solo começou a semear alguns tipos de grãos, assim começou a surgir a agricultura. “O início da nossa civilização está intimamente relacionado com a procura dos alimentos e com os rituais e costumes de seu cultivo e preparo” (SENAC DN, 2007, p. 18).

Além disso, surgem os rituais de oferenda, que visam, entre outras mazelas, sanar, inclusive, os problemas de escassez de alimento. Segundo Wirzba, (2011) ao oferecer um alimento em sacrifício envolve uma dupla oferenda, uma oferenda do presente e uma oferenda de si próprio. A oferenda é um pagamento ou agradecimento por algo recebido.

Os gregos e romanos estabeleceram um comércio de grande porte, em que passaram a importar especiarias do Extremo Oriente, o que fez com que a disseminação de diferentes alimentos entre os continentes se estabelecesse, pluralizando os cardápios alimentares (ABREU *et al*, *apud* GARCIA, 1995).

Os períodos que procedem a época pré-histórica, o ser humano transformou e modificou seus hábitos alimentares à medida que ia descobrindo novas técnicas. A caça, a pesca, a agricultura e coleta foram sendo aprimoradas, a partir das relações com outros povos e a necessidade de sua sobrevivência.

À medida que as práticas alimentares foram se desenvolvendo, os alimentos não apenas eram ingeridos para sobrevivência física, estes começaram a ter outros significados. Os alimentos começaram a fazer parte do convívio social e a ser inseridos nos ritos dos povos.

Como resposta às necessidades individuais, a alimentação torna-se progressivamente elemento essencial da estruturação dos grupos, de expressão de uma identidade própria e origem de um pensamento simbólico. Esta evolução manifesta-se muito claramente, do ponto de vista arqueológico, nas próprias opções pelos alimentos e na maneira de consegui-los. É provável, todavia, que ela se refira também às modalidades de preparação, às “receitas” culinárias, tomando estes termos no sentido lato (FLANDRIN; MONTANARI, 2015, p.52).

A alimentação assume função de distinguir religiosamente os povos para os quais a dieta torna-se um assunto muito mais transcendente do que a simples função nutricional. As disposições nas literaturas sagradas sobre a alimentação são motivos de debate histórico e antropológico. A história dos alimentos é imbricada com a história das religiões. “As origens dos alimentos remetem-se às origens reais e simbólicas de todas as civilizações humanas” (CARNEIRO, 2003, p. 111).

A maneira como se come é um comportamento que atrai atenção. O comportamento do ser humano com o alimento remete a uma identidade social. Por mais rotineiro que seja, o ato de alimentar assume uma posição no aprendizado social. A comida pode marcar um território, um lugar, servindo como marcador de identidade ligado a uma rede de significados.

As cruzadas são elucidativas desse processo, uma vez que permitiram o contato de outros povos com o Oriente médio promovendo interesse comercial, mas também, motivados pelo interesse nas especiarias na Idade Média, que eram usadas nos banquetes como ostentação. Portugal e Espanha com grandes

interesses econômicos financiaram as frotas marítimas em busca de especiarias. “Essas viagens promoveram a descoberta de novos alimentos e de novas especiarias”, assim, Portugal e Espanha obtiveram domínio econômico (ABREU *et al*, *apud* MEDVED, 2001, p. 5). Sobre esse assunto Meneses afirma que

A maior revolução na alimentação humana ocorreu no período moderno com a ruptura no isolamento continental, quando o intercâmbio de produtos de diferentes continentes, que ocorreu no bojo da expansão colonial europeia, alterou radicalmente a dieta de praticamente todos os povos do mundo. As especiarias asiáticas se difundiram para Europa e chegaram aos outros continentes. As plantas alimentícias das Américas: o milho, a batata, o tomate, o amendoim, os pimentões, propagaram-se pelo planeta. Gêneros tropicais como a cana-de-açúcar, o chá, o café, o chocolate combinaram-se para fornecerem um novo padrão de consumo de calorias e de bebidas excitantes, que, ao lado do tabaco tornaram-se hábitos internacionais. Produtos típicos da Europa mediterrânica como o trigo e a uva acompanharam a colonização de diversos países e o álcool destilado penetrou em todos os continentes (MENESES *et al.*, 1997, p.47).

Assim, a inserção das especiarias na alimentação resultou em uma intensa busca lucrativa por este tipo de comércio. As rotas marítimas em busca de especiarias contribuíram para grandes descobrimentos. O intercâmbio para essa busca lucrativa fez com que diversas outras especiarias fossem descobertas interferindo e promovendo alterações nos hábitos alimentares.

Um exemplo intrigante de uma influência decisiva da alimentação na história política e econômica é a afeição pelas especiarias, cuja motivação foram atribuídas diferentes origens. As especiarias são alimentos/drogas, substâncias de consumo gustativo, mas também medicinal e afrodisíaco. As atribuições de origens míticas para essas substâncias que viriam do próprio Jardim do Éden, carregadas pelos quatro rios que nele nascem, e que incorporariam as virtudes solares das regiões quentes e desconhecidas do Oriente foram analisadas por Jean-Pierre Albert (1990) (MENESES *et al.*, 1997, p.48).

Assim, vemos que o grande motor do movimento inicial de globalização, de alguma maneira esteve associado à alimentação e à religião, indicando como esses elementos são importantes para o estabelecimento das civilizações humanas.

1.2 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO JAPÃO E O MOVIMENTO CONTRA-MODERNIZAÇÃO

O desenvolvimento das grandes navegações no ocidente proporcionou a inserção de hábitos alimentares europeus durante os séculos XV e XVII no Japão (SAKATSUME, 2015, p.2). Segundo Araújo (*et.al*, 2005) as fases da civilização japonesa foram marcadas por várias fases

Antes de 525 d. C., imigrantes polinésios, via Indonésia, Filipinas e Mongólia penetraram no território japonês pela China e pela Coréia. Os chineses chegaram (522 d. C./ 710 d. C.) impondo calendário e escrita. Mudanças político-religiosas deram-se no Japão no século XVII ao século XIX. O isolamento intensificou a xenofobia e comprometeu a evolução nipônica. Iniciando-se o século XX o país envolveu-se com os Estados Unidos e a Europa na I Grande Guerra, movimentação que difundiu a cultura japonesa no mundo (ARAÚJO, et al. 2005, p.24-5).

Os processos migratórios desencadeados pelas duas grandes guerras foram responsáveis pela disseminação da cultura japonesa por todo o mundo. Os imigrantes levavam consigo toda uma herança cultural, que inclui os hábitos alimentares japoneses, notavelmente marcados pelo consumo de frutos do mar e da agricultura. Motta (2016) sintetiza a história do Japão constituída em “eras” apresentando as seguintes características, conforme apresenta na figura abaixo:

Figura 1- História da Alimentação Japonesa

| ERA | CARACTERÍSTICAS |
|--------------------------------|---|
| Jomon 8000 a.C. a 300 a.C. | Habitantes caçadores e coletores de vegetais – início do uso de objetos de barro |
| Yayoi 300 a.C. a 300 d.C. | Chegada do arroz e metal por meio dos coreanos e soja, feijão azuki e trigo através dos chineses. |
| Yamato Séc. III. | Introdução do budismo via China. |
| Nara Séc. VIII | Grande influência da China – difusão da cultura chinesa no país – introdução do leite e da manteiga. |
| Heian ou Fujiwara Séc. XVII | Surge a figura do Samurai – com a difusão do budismo o povo fica proibido de comer carne. |
| Kamakura Séc. XII | Governo dos samurais – maior intercâmbio com a China: introdução do tófu e chá. |
| Muromachi Séc. XIV | Austera disciplina do Bushido(código dos samurais) – desenvolvimento da agricultura - hábito de três refeições por dia. |
| Azuchimoyama Séc.XVII | Influência europeia: portugueses trazem: abóbora, tomate e batata, <i>tempura</i> , doces e biscoitos |
| Edo ou Tokugawa Séc. XIX | Conserva de rabanetes e soja tornam -se comuns e aumento da quantidade de doces – aumento também dos produtos regionais, como o <i>saké</i> |
| Meiji Séc. XIX/XX | Influência ocidental: aumento do consumo de carne (bovina) – leite – pão – chocolate – sorvete . |

Fonte: MOTTA, 2006, p.46, *apud*, História da culinária Japonesa, 2004.

Cada era foi constituindo a história do povo e o costume Japonês. Conforme afirma Cwierka (2008, p.63) “O multiculturalismo é a característica definidora da cena culinária do Japão” Passam de caçadores e coletores para agricultores, sendo o budismo um marco decisivo nos hábitos alimentares, que exclui a carne da dieta. Motta (2006) salienta que apesar de a agricultura ser muito moderna ela não supre a necessidade do mercado interno”, deste modo o Japão é o primeiro em importação de alimentos. Além disso, recebeu influência da cultura alimentar chinesa, coreana e de ilhas vizinhas.

A era Meiji (1868-1912) foi o período que colocou o Japão no cenário mundial. Foi um período de grandes transformações no país, incluindo mudanças na alimentação deste povo. Acostumados com a filosofia budista que vetava o consumo de carne vermelha, aos poucos, sob influência ocidental foram inserindo a mesma em sua alimentação. Houve resistência no início, mas como salienta Motta (2006)

As transformações ocorridas na Era Meiji não se limitaram apenas ao setor industrial. O sistema de poder centralizado foi sendo

gradativamente, com modificações no sistema de ensino, no alistamento militar, nos impostos territoriais e em outros aspectos. Enquanto, de um lado, a estrutura de país moderno ia sendo organizada rapidamente, todos os aspectos da vida cotidiana do povo, desde o tipo de penteado, de calçado e de comida, iam sofrendo grandes modificações (FMO, 1982, p.71)

“O budismo conviveu – e convive até hoje – com o xintoísmo, a religião nativa do povo japonês” (MOTTA, 2006, p. 45). O xintoísmo é fortemente expresso no cotidiano deste povo, bem como o budismo que influencia diretamente a alimentação estabelecendo normas do *Yin* e *Yang* que classificam tanto os alimentos quanto as atitudes (SENAC DN, 2005, p. 25).

Para Rocha e Shimoda (*apud* DE CERTAU, 1998 p. 106) as práticas culinárias japonesas compreendem saberes e fazeres. Os segredos e rituais de sua cultura de origem preservam a integridade dos sabores dos alimentos, conservando a regra do estado puro em que a mistura é refutada e a apresentação do prato é admirada (ROCHA; SHIMODA, 2014, p.106)

Com o final da segunda Guerra mundial, o Japão sai devastado e uma grande crise assola o país. Ao ver essa triste realidade em seu país, Mokiti Okada, fundador na Igreja Messiânica Mundial na década de 1940, através dos seus estudos começa a difundir a agricultura natural, esta que difere da agricultura orgânica praticada atualmente (ALIMENTAÇÃO PONTO DE VISTA MESSIÂNICO, 1992).

O manejo indicado como ideal por Mokiti Okada consiste em deixar com que o solo manifeste sua própria força e energia, para isso, o produtor deve primeiramente torná-lo puro e limpo, pois segundo o fundador, quanto mais puro o solo, maior é a sua força para o desenvolvimento das plantas. De acordo com os ensinamentos do fundador, o uso de adubos químicos encharca o solo de substâncias nocivas que o matam gradativamente, pois retiram toda a sua energia e força. Além disso, o aparecimento de pragas se torna recorrente e contribuem para o enfraquecimento das plantas. Os adubos químicos também afetam a saúde de humanos e animais: ao ingerirem alimentos cultivados a partir do método convencional, as impurezas neles contidas chegam ao corpo, tornando-o fraco e doente.

Na Agricultura Natural, deve-se utilizar apenas compostos naturais, como a mistura de capim ou folhas de árvores com terra, cujo uso é orientado pelo

fundador para o aquecimento do solo e para facilitar o crescimento dos vegetais (FONSECA, 2018, p. 113).

Na doutrina messiânica, Gonçalves (2009) apresenta que a agricultura e a alimentação natural são um princípio religioso básico, que proporciona saúde física e o bem estar espiritual. Conforme ensinamento deixado por Meishu-Sama em 1949, descrito no livro “Alicerces do Paraíso”:

[...] se a Religião excluir a matéria e preocupar-se unicamente com a salvação do espírito, ela não estará promovendo a verdadeira salvação, pois a crença na possibilidade da solução dos problemas materiais é que nos permitirá obter a verdadeira tranquilidade espiritual (FMO, 1991).

A Agricultura Natural tem seu fundamento na Verdade da Lei da Natureza e caracteriza-se por dar vida à missão do solo, mantendo-o puro. É justamente a pureza do solo que lhe permite produzir alimentos saudáveis com elevada energia vital. Para Mokiti Okada, o termo "agricultor" significa "tesouro", sem eles para produzir alimentos os consumidores estariam em apuros. Segundo alguns teóricos, é possível compreender que a iniciativa de Mokiti Okada em estabelecer a alimentação orgânica e natural como um dos pilares religiosos de sua doutrina, se explica como uma reação ao contexto de modernização pelo qual passava o mundo.

Godoy (*et.al*, 2016) argumenta nesse sentido que a valorização da alimentação natural pela IMM estaria associada a conscientização sobre a nocividade dos alimentos industrializados, para ele

as concepções ligadas a uma agricultura natural sem uso de agrotóxicos, uma valorização das formas de reequilíbrio do ser com a natureza onde vigora uma isenção de remédios segue-se a essas prioridades. As práticas religiosas ligadas ao consumo de alimentos naturais tem sido um meio de introduzir adeptos que se tornam conscientes de uma concepção com um padrão teórico e científico. Nesse caso, não apenas vêm sendo introduzidos conceitos abrangentes do universo científico como se criam espaços para que os intelectuais possam ser “introduzidos” no milieu religioso. *Intellectus ages!* Surpreende-se com dois informantes que se tornaram líderes religiosos pelo domínio dos sentidos religiosos ligados às toxinas impregnadas nos alimentos. Ambos puderam construir um espaço de auto-identidade religiosa, com destaque (GODOY *et. al*, 2016).

Gonçalves (2009) apresenta que o mundo moderno acompanha um processo de industrialização e desenvolvimento científico e tecnológico, que com o tempo transformou antigas formas de práticas da agricultura, utilizando

máquinas e técnicas de cultivo, bem como adotou o uso de produtos químicos como fertilizantes e defensivos agrícolas. Para conservação e processamento industrial dos alimentos, iniciou a adição de vários componentes químicos.

É possível verificar que tanto Godoy (*et al.*, 2016) quanto Gonçalves (2009) apresentam que as IMM reagem reflexivamente às mudanças tecnológicas, seja, para adquirir adeptos como diz Godoy, seja para preservar valores como indica Gonçalves.

O crescimento demográfico, a industrialização, a urbanização, mudam o consumo e o estilo de vida, favorecendo o sedentarismo, a restrição da necessidade de gasto de energia para as atividades diárias e para o trabalho, além de facilitar o consumo de alimentos prontos aumentando os problemas de saúde como a obesidade, a hipertensão, câncer dentre outras doenças. Conforme apresenta Abreu (*et al.*, 2001, p.8) “a urbanização traz consigo as infecções advindas de água e alimentos contaminados”.

Todo esse processo de modernização da agricultura e alimentação gerou nos países ocidentais, reações expressivas de movimentos que defendiam alimentos integrais e orgânicos. Para Gonçalves (2009) uma vez que o moderno processo produtivo da agricultura atingiu o Japão, “a agricultura natural messiânica pode ser considerada em parte como um exemplo japonês de reação contra a modernidade agrícola e alimentar”.

Se por um lado, a modernização provocou reações contra a nocividade que a tecnologia e a ciência geraram para a alimentação, o que explica, a emergência da doutrina de Meishu-Sama, por outro lado, a modernização contribuiu também para garantir melhor acessibilidade do alimento ao homem. Flandrin (*et al.*, 2015) em sua obra “História da Alimentação” afirma que industrialização dos alimentos e a distribuição em larga escala constitui um fenômeno da modernidade e um grande avanço para a sociedade. Portanto, toda essa modificação introduzida nos gêneros não corresponde somente a uma demanda de consumidores. Desde 1960 a distribuição desempenha um papel determinante, como efeito, obedece a vários imperativos, logísticos, tecnológicos, econômicos e simbólicos.

A indústria, além da guerra muitas vezes associada a ela, foi o fator decisivo que influenciou mudanças na alimentação contemporânea. As técnicas de conservação dos alimentos, as conquistas da microbiologia, o desenvolvimento

dos transportes são todos aspectos de um processo mais geral: o da industrialização da produção e da distribuição da alimentação (CARNEIRO, 2003, p. 102). Mas, por outro lado, também gerou escassez alimentar, o que fez com que as populações afetadas pela guerra tivessem que criar soluções criativas para solucionar tal problema. No caso do Japão, a II Guerra Mundial afetou drasticamente a economia e a produção industrial e agrícola local. É nesse contexto que Mokiti Okada também inicia seus ensinamentos sobre a alimentação orgânica e natural. Logo, além de uma rejeição à modernização, a lógica da alimentação natural também pode estar associada à escassez de recursos na produção agrícola, o que reforçou um modelo agrícola mais simples e voltado ao natural, que se torna um dos sustentáculos dessa emergente religião.

Vemos que “toda a religião é um fenômeno histórico, vivido por homens e mulheres em um contexto social, cultural, histórico, econômico e linguístico preciso” (RIES, 2008, p. 17). E que a religião ocupa um lugar no espaço e no tempo, incluindo relações com os processos alimentares.

Os alimentos nas religiões não só atuam como sendo um combustível vital de sobrevivência orgânica, mas também como um vetor de incorporação à cultura. Apresenta padrões de comportamento e relações de grupo, imprimindo características sociais, existenciais. Também se desenvolvem dentro de sua própria dinâmica fomentando o diálogo direto com as religiões, determinando a conduta comportamental e gustativa dos seus adeptos. A alimentação nas religiões e crenças apresenta caráter de alimento espiritual, não apenas se importando com o caráter nutricional e de prazer, mas através de oferendas e restrições às quais as crenças são cultuadas e representadas.

1.3 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL: DA SIMPLICIDADE ÀS MÚLTIPLAS REFERÊNCIAS

No Brasil, o processo de modernização se estabelece de forma tardia. Esse fato decorre do modelo de colonização que adia investimentos no processo de industrialização, uma vez que se estabeleceu com base na lógica da exploração de recursos naturais e minérios e na agricultura da cana-de açúcar, posteriormente de café, e na mão-de-obra escravizada, seja dos nativos, seja dos africanos, forçados ao processo diásporico. Nesse contexto, foram intensas as

trocas culturais entre portugueses, indígenas e africanos, assim, a alimentação brasileira perpassa e retém heranças desses três povos.

A cultura alimentar nas Américas está fortemente relacionada às populações que para cá se deslocaram trazendo hábitos, necessidades, variedades de alimentos, temperos, mudança nas preferências, receitas, crenças e tabus. A cozinha brasileira é o resultado das influências portuguesa, negra e indígena, mas devemos considerar que o país possui uma dimensão continental não somente do aspecto geográfico, mas principalmente na sua diversidade cultural implantada pelos imigrantes que aqui se instalaram (italianos, alemães, japoneses, espanhóis, árabes, suíços e outros) (SONATI *et al*, 2009, p. 142).

De acordo com Araújo *et al* (2005) contrariando as bases colonizadoras europeias – exploração comercial por feitorias ou pura extração de riqueza mineral, vegetal ou animal – os portugueses formaram no Brasil a unidade de produção familiar, não do indivíduo nem do Estado, tampouco de companhias de comércio. Fizeram a sociedade agrícola da família rural, exploraram o trabalho escravo, com os africanos como a mão de obra do desenvolvimento.

A monocultura adotada pelos portugueses afetou a gastronomia brasileira. O padrão alimentar do brasileiro era monótono: mandioca e derivados, frutas nativas e carne de caça, cada vez mais raras (SENAC DN, 2007, p. 25). Senac (2007) indica como os processos de interrelações entre os distintos grupos se deu, promovendo a culinária brasileira, segundo ele

Juntamente com os negros que desembarcaram em nosso país, os portugueses iam entrando com suas famílias, muitos deles instalando-se aqui em definitivo. Nascia assim, o brasileiro, no início do século XVI, filho de indígenas, portugueses e africanos, todos anteriores a ele. E com ele também nascia a cozinha brasileira, resultado de uma primeira integração da culinária portuguesa com a indígena, que depois foi mesclada à cozinha africana, mas tendo um forte domínio do colonizador sobre os demais (SENAC DN, 2007, p.70).

Apesar do autor destacar o predomínio português, percebe-se que o domínio das culturas portuguesa, indígena ou africana variou conforme a região. A alimentação refletia a contribuição das populações. Dos portugueses se herdavam a língua, os costumes, a gastronomia, o hábito de festejar a vida em volta das mesas antecipando na preparação dos alimentos, a pretexto de reunir a família e amigos. E havia a mesa brasileira rica em temperos perfumados de influência nativa (ARAÚJO *et al.*, 2005, p.50).

Em função da escassez de carne, já que a produção agropecuária era insipiente no Brasil colônia, diferente do Japão que exclui o consumo de carne da dieta, vista como inadequada e profana, no Brasil a fonte animal tem sido socialmente considerada como melhor em termos de status, a ponto de em algum momento se medir a prosperidade de um período pelo consumo per capita de carne, como afirma Hernandez e Arnaiz (2005). Para Carvalho (*et al.*, 2011, p. 160)

Essa valorização do alimentar-se de carne, na perspectiva das Ciências Sociais, pode ser um elemento de construção do gosto – considerado por muitos uma competência individual da ordem do singular – que representa necessidade de construir e se apropriar das experiências vividas coletivamente, embora nem sempre isso aconteça de uma forma consciente. A sensação do gosto traduz uma cultura incorporada, tem um caráter coletivo que não se opõe ao individual, que o complementa, produzindo ou reproduzindo relações entre o corpo e o alimento. Segundo Canesqui e Garcia, o gosto e o paladar, em vez de se naturalizarem, são cultivados no emaranhado da história, da economia, da política e da própria cultura.

Deste modo para Carvalho e Luz (2011b) comer é uma ação concreta de incorporações dos alimentos, e o que cada alimento traz como significado envolvem elementos que expressam as relações sociais no agente social. Para elas

O gosto é uma sensação íntima, mas que envolve mais que somente a “boca” de um sujeito na ação concreta. O gosto expressa também o gosto do outro, um gosto social: a cultura. É como se algo da ordem do social estivesse sendo incorporado na intimidade de cada um a cada momento em que se come algo, ratificando ou transformando a sensação que estava na memória do corpo (p.148).

O ato de se alimentar e a importância que é dado a isto ao longo da vida são incorporados pelos sujeitos e são forças representativas durante sua trajetória de vida e social. As escolhas alimentares e o próprio ato de alimentar estão conectadas à cultura, lembranças e sentimentos. É algo de ordem social que incorpora na intimidade individual.

As escolhas alimentares não são totalmente aleatórias e racionais que une no corpo o individual com o coletivo:

os estilos de vida são os produtos sistematizados dos *habitus* que, segundo suas disposições, se tornam significativos e qualificadores como distintos ou vulgares. O comer não é uma ação totalmente aleatória, há uma espécie de acordo social informado na ação, um princípio unificador, um *habitus* que recapitula as incorporações anteriores do sujeito, a partir de seu acervo de possibilidades, para então o lançar em novas experiências (CARVALHO e LUZ. 2011b, p.148).

Segundo Bourdieu (1983), o *habitus* é um:

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentada' e 'reguladas' sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim ou um domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 1983, p. 15).

Para Bourdieu (1989) o *habitus* enquanto sistema de disposições duráveis é matriz que realiza ações em determinadas condições sociais, definidas pelos campos sociais, como o campo da alimentação, por exemplo. As regras no campo da alimentação não são fixas, são bem dinâmicas e estão em transformação o tempo todo, uma vez que este campo não se limita ao ato de comer, mas está relacionado desde a obtenção da matéria prima até o consumo dos alimentos (CARVALHO *apud* ARNAIZ, 2001, p. 157). Logo, vemos que apesar da compreensão da alimentação em distintos contextos é fundamental que lancemos um olhar sobre as peculiaridades da alimentação goiana, a fim de compreender culturalmente como se estabelece os gosto entre os goianos e as possíveis afinidade de sentido que esse gosto gera em relação à lógica da alimentação orgânica e natural da Igreja messiânica que se instala em Goiânia.

1.3.1 A Alimentação Goiana: do sertanejo caipira ao moderno

Conforme apresenta Carneiro (2005) desde as penetrações bandeirantes aos sertões brasileiros, foram plantados roças de milho e feijão, estes roçados cresciam rapidamente podendo ser transportados secos, servindo como a ração básica. Para Câmara Cascudo (2004), o feijão e farinha, predominavam nas mesas dos brasileiros desde a primeira metade do século XVII.

No sertão goiano, a culinária teve origem na cultura caipira, conforme indica Ortencio (1967) havia a presença na culinária de alimentos típicos do cerrado, tais como o pequi, a guariroba e o caju, além de preparações como pamonha, galinhada, empadão e o alfenim. O processo de urbanização, e conseqüente modernização do Estado, provocado pela transferência da capital de

Goiás para a cidade de Goiânia, em 1933, segundo autores como Arrais (2004) e Brandão (1981) alterou o hábito alimentar local.

Segundo Naves (*et. al.*, 2002) foi no século XVII e XIX que ocorreu a formação alimentar tradicional goiana, que sincretizou técnicas culinárias dos indígenas nativos que aqui viviam, com bandeirantes e tropeiros, e com os escravizados trazidos para atividade mineradora. Segundo dados de Rocha (1998) os indígenas do tronco do Macro-Jê, da Família JÊ e da Família Tupi-Guarani plantavam mandioca, milho, cará, banana, amendoim, batata doce, abacaxi, abóbora, fumo e feijão; além disso, coletavam pequi, bacaba, castanha, buriti, macaúba, mangaba, inajá, murici, pinhão, guariroba, pupunha, mel e açaí; caçavam porco, catitu, macaco, anta, tatu, veado, cutia, paca, tamanduá, jabuti e onça, além da pesca de peixes e tartarugas.

Por sua vez, Péclat (2003) indica que os tropeiros complementavam a alimentação com carne de caça (aves, pássaros, camaleões e tatus) e alimentos colhidos ao longo das Bandeiras, mas notadamente, utilizavam técnicas de conservação e incluía farinhas, carnes salgadas, brotos e cachaça. Segundo o professor Zoroastro Artiaga (1959), em referência aos tropeiros a: (...) alimentação consistia em arroz, feijão, carne de sol, palmitos, peixes e farinha de mandioca, quando havia. (...). Muitas bandeiras invernavam durante meses para fazer roça que seriam usadas para coleta de alimentos pelos tropeiros, conforme relata Silva (2005).

Os escravizados forçadamente trazidos para o sertão como mão de obra para a mineração e demais serviços, eram provenientes de Angola, Congo, Moçambique, Guiné. Conforme Cascudo (2004) a alimentação desses escravizados era composta de angu de milho, toucinho e carne uma vez por semana. A escassez de alimentos motivava a pesca e caça, além da coleta de frutos, especialmente o caju. Com as frutas eram produzidos doces, melaço de cana, mané pelado, cuscuz, mingau, curau, canjica e outras preparações com farinhas, preferencialmente de milho (BAIOCCHI, 1983).

A escassez de carne, tanto na alimentação dos tropeiros, bandeirantes quanto dos escravizados, gerou uma valorização desse item alimentar, que era tanto indicado como necessário para o sustento, quanto era um indicativo de status, argumento retomado por Canesqui e Luz (2011a), quando avaliam outro contexto brasileiro. Por outro lado, o hábito do cultivo, coleta e caça como

complementação à alimentação, naturalizou o pouco investimento financeiro em relação à obtenção de alimento, já que esse era originado dos recursos naturais, conforme reforça Signoreli (2010). Assim, as donas de casa, conforme afirma Ortencio (1967), utilizavam em suas receitas os ingredientes nativos e por vezes substituíam produtos estrangeiros por essas especiarias do cerrado, conforme indica o autor “se não havia batata inglesa a mandioca e o inhame nativos; a serralha entrava no lugar do almeirão, a taioba substituindo a couve” (p. 26).

Segundo Souza (2000), então, estas foram às influências iniciais que caracterizavam os hábitos alimentares dos goianos durante o período da mineração. Feijão, toucinho, arroz, derivados do milho, frutos do cerrado e eventualmente galinha, porco, gado ou caça faziam parte do cardápio.

Kuwae, Manego e Fernandes (2009) salientam que a “alimentação goiana neste período era bastante simples, composta de preparações cozidas e uma pequena diversidade de alimentos” (p. 36). Os alimentos cotidianos segundo Péclat (2003) eram angu, frango com quiabo, feijão cozido e tutu de feijão. Os pratos assados, tais como lombo, leitoa e frango eram comidas festivas, assim como o empadão goiano. Destaca ainda que na cozinha goiana o jantar era considerado a principal refeição, por indicar a finalização das tarefas diárias, exceto nos finais de semana, em que o almoço era a refeição mais valorizada.

A formação do corredor goiano foi influenciada pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso, desse modo, como indica Ortencio (1967, p. 21) “(...) alguns pratos estão presentes na culinária destes estados; como a carne de lata, a pamonha, o arroz Maria-Isabel (arroz com carne seca) e o feijão tropeiro, que são preparações típicas da cultura caipira, comuns a estas regiões e que tiveram, inicialmente, as mesmas influências dos bandeirantes”. A galinhada também é um desses pratos típicos caipira da região do centro-oeste (FISBERG; WEHBA; COZZOLINO, 2002).

Esses pratos compõem também a culinária goiana, que agregou à esses pratos alimentos característicos do cerrado e um modo de fazer peculiar, podendo assim se diferenciar da culinária de outros locais. Um exemplo simbólico, mencionado por Kuwae, Manego e Fernandes (2009) é o alfenim, um doce típico e exclusivo da cidade de Goiás, preparado com açúcar e polvilho e modelado na forma de flores, animais e símbolos religiosos. Doce de origem portuguesa, o alfenim teve seu preparo modificado, com incorporação do polvilho e a exclusão

do mel à receita tradicional, dando aos doces características diferenciadas do original português (NAVES *et al.*, 2002; CASCUDO, 2004). Outro destaque para a culinária goiana é a utilização de vegetais típicos do cerrado, o que tem grande destaque é o pequi e a guariroba, estes são tidos como alimentos símbolos da culinária goiana (NAVES, *et al.*, 2002). Deste modo estes dois alimentos ganham destaque na culinária e também são utilizados com objetivo industrial. Antes era necessário esperar o período de safra para o consumo destes produtos, atualmente estes podem ser consumidos em qualquer época do ano graças ao desenvolvimento industrial que viabilizou o processamento das conservas destes vegetais. No caso do pequi, realiza a extração do seu óleo e este tem ganhado grande visibilidade na indústria de cosméticos.

Brandão (1981) identifica que as primeiras mudanças no comportamento alimentar goiano aconteceram na cidade de Mossâmedes. A alimentação que era basicamente composta por cereais, mandioca e carne de caça. Com o desmatamento do cerrado e as mudanças econômicas foram introduzidos na alimentação goiana produtos industrializados como o macarrão e doces (KUWAE, *et al.*, 2009, p.37)

Vemos que em Goiás há a constituição do gosto orientado a um modelo de alimentação considerado “caipira”, já que o próprio estado se constitui em torno de uma atividade econômica predominantemente agrícola, e em muitos casos familiar, que depois vai favorecer o agronegócio. A alimentação se constrói em estreita relação com a religiosidade, os pratos típicos dos goianos figuram especialmente nas quermesses, quadrilhas, festas aos padroeiros, casamentos, batizados e no “santo” almoço de domingo.

A atividade agrícola está relacionada à religiosidade goiana. Conforme apresenta Almeida (*et al.*, 2015) é possível identificar diversos tipos de festas no estado de Goiás onde comida e religiosidade estão imbricados como, por exemplo, festas das colheitas, folclóricas, agropecuárias, festas religiosas de santos (padroeiros e romarias). No entanto, a alimentação é utilizada como premiação ao trabalho árduo durante o processo de produção do mesmo, e não vinculado à uma lógica que garantirá salvação. Assim, embora haja estreita relação entre alimentação e religião entre os goianos, o estabelecimento da alimentação enquanto pilar de salvação, não está presente no *ethos* cristão.

À medida que há a intensificação do desenvolvimento tecnológico e industrial, novos valores e rotinas vão sendo construídos e ressignificados, impondo desafios à tradição alimentar caipira goiana. O intenso processo de urbanização, que atraiu imigrantes de todas as partes do globo ao contexto goiano, possibilitou a inserção de novos *habitus* tanto espirituais quanto alimentares.

Nesse sentido, é importante mencionar que valores das Novas Espiritualidades, que dialogam com uma lógica *New Age*, fundada num individualismo religioso e num esoterismo secularizado (HANEGRAFF, 1999) passam a concorrer na constituição de novos *ethos* religiosos, e, por conseguinte, alimentar. Isso porque nessas novas espiritualidades prevalecem a expectativa e a crença de um Deus impessoal, com energia cósmica, e a salvação, entendida em termos de autopurificação, seria alcançada pela consciência do Todo (CAMURÇA, 1998). Nesse bojo, preocupações com a natureza, a ecologia, a alimentação saudável, o equilíbrio do corpo, a sustentabilidade passa a operar também sob a forma de manifestação espiritual, pela busca holista da salvação. Silveira (2005, p. 75) indica que esse movimento “Pode ser caracterizadas por uma ausência de uma teologia mais elaborada, ou preocupações do gênero”. No lugar, a ênfase no poder do pensamento e no poder da palavra, na eficácia simbólica da ação ritual, no êxtase e na libertação do indivíduo.

Assim, se por um lado, a globalização proporcionou a homogeneização da cultura, com a imposição do *fast food* do tipo Mc'Donalds e Coca Cola, por outro lado, providenciou versões locais em toda parte, sendo essas reinterpretações as promotoras da expansão global, indicando a existência de diversas modernidades, diversas globalizações e novos processos de criação cultural.

O contexto cada vez mais urbanizado de Goiânia favorece a nostalgia por uma alimentação caipira na rotina cotidiana, a ruralidade, o natural, o bucólico são nostalgicamente rememorados no modelo de alimentação “natural”. Por outro lado, conforme indicam Carvalho e Luz (2011),

O “natural” é um construto simbólico da pós-modernidade, oriundo de um momento pós-guerra de reconstrução dos países que foram destruídos, e de rejeição a um ideal de modernidade, de caráter fordista, de produção em larga escala e de eugenia. Rejeição também a uma disposição dos anos 50, a uma ideia de que o desenvolvimento social seria possível com intervenção econômica, aplicação tecnológica e conquistas sanitárias,

com mecanização, fertilizantes e intervenções transgênicas na busca racional por melhores espécies, com maior rendimento, para aumentar a produção e a exportação de alimentos que se aproxima do estilo do *habitus fast food*. Em contrapartida, o estilo “natural” tem disposição para uma agricultura menos intensiva e agressiva capaz de abastecer o mercado interno promovendo desenvolvimento social com ênfase nos pequenos e médios produtores, compreendendo que a tecnologia e a alta produção de alimentos podem gerar maior concentração de riqueza e acirrar a desigualdade social do Brasil (p. 149).

Assim, percebemos que há uma afinidade entre a constituição do gosto alimentar goiano, inscrito em um *habitus* caipira com o modelo de alimentação natural pós-moderno. Acreditamos que esse fato, por um lado, irá favorecer a afinidade com a segunda coluna de salvação da IMM, voltada à alimentação saudável e natural. Por outro lado, o consumo de determinados alimentos, como a carne bovina, associada com *status* e sustento não gerarão motivação para que os adeptos da IMM considerem essa coluna de salvação como interessante ao ponto de ser incluída em sua rotina. Além disso, entendemos que o alto custo deste tipo de alimentação, também pode se revelar como um entrave à adoção dessa coluna como elementar na vida cotidiana dos adeptos.

Portanto, para Zaneti (2012) a gastronomia do Cerrado é composta pelos sabores peculiares e intensos de seus frutos e caças e pelas influências socioculturais das diferentes etnias que se instalaram na região. Apresentando raízes da gastronomia tradicional sertaneja, onde os produtos regionais como a banha de porco, temperos múltiplos e muito açúcar, carregando denominações de uma cozinha típica caipira ou sertaneja. Contudo, mesmo carregando fortes traços da cozinha tradicional, a gastronomia Goiana e, principalmente seus frutos, souberam acompanhar a evolução da cozinha brasileira e caminhar rumo à modernidade.

A expansão agropecuária e industrial em Goiás proporcionou o encontro entre alimentos e produtos alimentícios vindos de outras regiões do Brasil e até mesmo de outros países, além de restaurantes que oferecem desde as comidas típicas nacionais e internacionais até as cadeias de *fast foods*. Outro fator que contribuiu com a modernização das práticas alimentares dos goianos são as inovações tecnológicas agrícolas, que permitiram que a sazonalidade de alimentos como o milho não seja mais um fator determinante de padrões do seu consumo, uma vez que sua produção ocorre durante o ano todo (KUWAE *et al*, 2009, p.38).

Para Kuwae *et al.*, (2009) o ato de se alimentar nas cidades é marcado pela falta de tempo e pela individualização e para o goiano isso não é diferente. Desta forma as refeições resumem-se a lanches, e isso pode ser visto com o crescente número de “*pit dogs*”³ chegando a ser atrativo turístico.

Kuwae (*et al.*, 2009), ressalta que em Goiás, o alto consumo de refrigerantes e o aumento da quantidade de refeições realizadas fora do domicílio são indicativos da adoção de alguns comportamentos típicos da modernidade alimentar. Apenas nos finais de semana a alimentação goiana apresenta ainda uma ligação mais próxima com o ritual alimentar do passado.

1.4 ALIMENTAÇÃO, RELIGIÃO E CULTURA: COMO SISTEMAS SIMBÓLICOS

O alimento ingerido carrega consigo uma carga de significados e símbolos. Remete o indivíduo a lugares, sensações e lembranças. Nenhum alimento é isento de simbologia, todos adquirem uma carga simbólica seja no meio social ou religioso.

Como indicam Carvalho e Luz (2011b) “as relações simbólicas impõe-se aos sujeitos como um sistema de regras irredutíveis tanto às regras do jogo econômico quanto às intenções particulares dos sujeitos”, construindo em cada indivíduo o que Pierre Bourdieu (1989) chamou de *habitus*, e que definem os gostos. Para Carvalho e Luz (2011b) essa estruturação ocorre mesmo com o comer, que passa a ser uma “ação concreta de incorporação tanto de alimentos como de seus significados, permeada por trocas simbólicas, envolvendo uma infinidade de elementos e de associações capazes de expressar e consolidar a posição de um agente social em suas relações cotidianas” (p. 148). Vimos que entre os goianos prevalece um *habitus* estruturado em torno de diretrizes caipiras de alimentação, que valorizam o consumo de carne bovino, pelo status que ela

³ Quiosques montados em praças que fazem sanduíches preparados na hora, são um dos principais símbolos da culinária de rua de Goiânia. De acordo com o sindicato (Sindpit-dog), atualmente existem 800 pit-dogs e sanduicherias em Goiânia, que vendem de 100 a até mil sanduíches por dia, cada. O nome teria surgido com uma corrida de carros que teve em Goiânia nos anos 60. Segundo o presidente do Sindicato dos Proprietários de Pit-dog em Goiânia (Sindpit-dog), Ademildo Pereira Godoy “Um pessoal de fora da cidade veio, montou algumas barraquinhas de sanduíche e fizeram sucesso”. Depois que o evento acabou e as barracas foram desmontadas, comerciantes locais aproveitaram a ideia para montar seus próprios estabelecimentos e conquistar a clientela. Desde então, os sanduíches de rua viraram uma tradição gastronômica para os goianienses (SANTANA, 2015). Fonte: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/01/do-pit-dog-aogourmet-sanduiche-e-paixao-gastronomica-em-goias.html>

trás e pela capacidade de prover o sustento necessário ao restabelecimento das energias para o trabalho.

Logo, é possível compreender a alimentação e a religião enquanto fatos sociais, que estão estruturados e são estruturantes do *habitus* dos indivíduos. Desta forma, *habitus* são disposições incorporadas nos agentes sociais. O ser, suas ações, seus sentimentos são evidências sociais no indivíduo que perpassa os diversos meios sociais que o mesmo acessa. Assim, conforme Carvalho e Luz (2011b) “os significados e sentidos incorporados pelos sujeitos ao longo da história vivida representam um acervo de possibilidades para a vida futura, sendo que o corpo representa o principal espaço para sua construção como uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade” (p.148). Segundo Mattos e Luz (2009), a construção de sentidos pelos agentes é capaz de produzir identidades individuais e coletivas, relações sociais e vínculos que ultrapassam a lógica consciente do discurso. É desse modo, que compreendemos que o *habitus* alimentar se instaura entre os goianos, definindo um gosto voltado à elementos que constituem a alimentação caipira, que por sua vez, têm uma afinidade com o modelo de produção orgânico e natural, defendido pela Igreja messiânica.

Logo, entre os goianos o *habitus* caipira se estrutura de forma definidora. Uma vez que usando como sustentáculo econômico primordialmente a agricultura, as relações de trabalho são familiares. O sustento se estabelece como um forte guia para a alimentação, já que as potencialidades da força de trabalho precisam ser reestabelecidas, pelo mesmo produto que as produziu e produzirá. Essa lógica requer também um planejamento visando a manutenção da atividade provedora que inclui a estocagem de sementes e mudas para a próxima safra. Além disso, a alimentação estrutura as interações sociais, uma vez que, as festas e festejos em muitos casos são organizados a partir das colheitas, que providenciarão espaços de comercialização da produção, e arranjos de trocas comerciais com os vizinhos. Nas festas dos padroeiros, nas quermesses, no dízimo, nas cerimônias familiares de casamento, batizado a alimentação se faz marcante entre os sertanejos goianos, essas cerimônias e esses rituais dependem da tradição alimentar da região.

O respeito e valorização aos antepassados agricultores também estão presentes na crença messiânica, o ser humano representa a síntese de inúmeros antepassados existindo na extremidade deste elo (FMO, 1982, p. 87). Ao praticar

a segunda coluna de salvação, o messiânico demonstra sentimento de gratidão aos antepassados pois eles correspondem aos primeiros agricultores. Desta forma, nos ritos litúrgicos e durante o cotidiano do messiânico são oferecidos alimentos aos seus antepassados. Vemos, conforme Geertz (1998) que a Religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica e projeta imagens desta ordem cósmica no plano da experiência humana, o que ocorre no cotidiano de cada povo. Por isso, no próximo capítulo demonstramos como a religião messiânica é estruturada e como ela se insere no contexto goiano, a fim de compreender como a alimentação se estabelece como forma de ajuste cósmico das ações humanas.

A II Coluna de Salvação Messiânica- Agricultura e alimentação orgânica natural consistem em um método de cultivo e ingestão dos alimentos provenientes de um modelo chamado por Meishu-Sama de natural, ou seja, livre de agrotóxicos e que seja predominante a energia vital. Desta forma, as práticas alimentares dos messiânicos não consiste em proibições, mas em uma mudança de consumo. Desta forma, o consumo dos alimentos pelos membros da IMM correspondem a culinária local, conforme descrito por eles durante as entrevistas. Pamonha, galinhada, pequi, feijoada dentre outros estão presentes no cotidiano dos messiânicos em Goiânia, seja no próprio *Johrei Center* ou mesmo nas relações fora da igreja. É possível verificar com frequência o costume de trocar alimentos que foram produzidos ou plantados em suas residências sendo levados para a igreja ou em outros locais para partilharem. Também como momento de partilha, os membros saem para confraternizar em locais que fornecem diversos tipos de alimentos mesmo que os locais não correspondam ao modelo alimentar praticado por eles.

Para Meishu-Sama “A verdade é o próprio estado natural das coisas e o homem só consegue ser feliz, se tiver como modelo a grande natureza e viver em harmonia com ela”. Desta forma, para viver em harmonia com a natureza é necessário estar em harmonia com o próximo, desta forma os alimentos provocam essas interações com os povos e culturas fazendo com que se tenham aproximações e trocas de conhecimentos.

Ao verificar as práticas alimentares messiânicas é possível verificar a inserção do *habitus* goiano em todo o contexto social e religioso dos membros. Desta forma levaremos em consideração cinco tipos ideais do *ethos* alimentar goiano ao analisar os depoimentos dos adeptos:

- 1 - *habitus* caipira ligado ao consumo de alimento natural;
- 2 - *habitus* caipira ligado ao sustento;
- 3 - *habitus* caipira ligado ao *status*;
- 4 - *habitus* caipira pouco habituado a alto investimento em alimentação;
- 5 - *habitus* caipira espiritualista e ecológico.

Buscaremos identificar entre os adeptos, por meio da reconstrução de seus *habitus*, ou seja, de suas trajetórias de vida, quais desses elementos são eletivos de gerarem ou não afinidade com a segunda coluna de salvação da IMM.

A alimentação em Goiás se constituiu em torno da economia agrícola e ainda hoje é uma das principais atividades econômicas do estado. A agricultura familiar não somente promovia o sustento da família bem como promovia as interações sociais, inclusive religiosas.

2 O IDEAL: CONTEXTUALIZAÇÃO DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL

No segundo capítulo visando compreender como a dimensão do sagrado se articula com a alimentação na Igreja Messiânica apresentamos o percurso histórico da construção dessa religião, visando identificar as disputas de poder no campo religioso japonês do início do século XX, objetivadas pela emergência das novas religiões japonesas. É nesse contexto que Mokiti Okada se torna fundador da Igreja messiânica. Deste modo é apresentada a figura de Mokiti Okada – Meishu Sama e o desenrolar da criação da instituição em meio ao contexto histórico Japonês, bem como a biografia do autor, visando compreender as motivações pessoais que o levaram a participar das lutas simbólicas religiosas nesse campo e estabelecer diretrizes particulares e específicas que caracterizam a Igreja Messiânica, até os dias atuais.

Neste capítulo também é descrito a chegada dessa instituição no Brasil e problematizo os embates da instalação dessa religião num contexto predominantemente cristão, focando seu estabelecimento na cidade de Goiânia. Descrevo também as estratégias utilizadas por essa Igreja para se manter enquanto agente dominante dentro do campo religioso, tanto japonês, quanto brasileiro, alçando vôos no campo econômico, a partir da inserção no setor de serviços e no mercado editorial com a Fundação Mokiti Oakada, e na indústria e pecuária com a Korin Empreendimentos. A ênfase neste capítulo é a descrição da doutrina messiânica apresentando detalhadamente a coluna de Salvação da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural, buscando identificar os elementos que dialogam e divergem do *ethos* cristão presente no campo religioso brasileiro, notadamente, em relação à relação entre a alimentação e o sagrado.

2.1 O CAMPO RELIGIOSO – A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL (IMMB).

Bourdieu (1983) ao conceituar campo coloca ênfase nas tensões e lutas por poder no interior de cada campo. Isso aparece quando novas pessoas objetivam legitimar sua posição em relação a um grupo ou a uma normativa dominante, entendemos que a atuação de Mokiti Okada se inscreve nessa categoria. Este processo assume formas de tentativas de proteger sua posição no campo: seja excluindo a concorrência, ou não legitimando o novo. O grupo

dominante no campo religioso, no Japão composto por xintoístas e budistas, é composto pelo conjunto de pessoas que detém o capital simbólico específico desse campo, constituído por determinadas regras, crenças, técnicas, conhecimentos, história, hierarquia, etc. Ao fazer uso desse capital simbólico, o dominante objetiva a manutenção de seu poder.

[...] um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, é como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para uma conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p.50).

Para Bourdieu (2015) a religião tem a função de conservar a ordem social e legitimar os poderes dos dominantes em relação aos dominados. A religião se organiza e se especializa para que, sendo a detentora de poder, cumpra a sua função social e política em favor a várias classes sociais.

Em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a religião funciona como princípio de estruturação que 1) constrói a experiência (ao mesmo tempo que a expressa) em termos de *lógica em estado prático*, condição impensada de qualquer pensamento, e em termos de *problemática implícita*, ou seja, de um sistema de questões indiscutíveis delimitando o campo do que merece ser discutido em oposição ao que está fora de discussão e que 2) graças ao efeito de consagração (ou de legitimação) realizado pelo simples fato da *explicitação*, consegue submeter o sistema de disposição em relação ao mundo natural e ao mundo social.

Para Bourdieu, (2015) um fenômeno religioso surge de uma experiência muito profunda e intensa, vivida por uma pessoa que é dotada de um grande carisma. A partir da experiência religiosa do carismático tende a atrair seguidores, que serão portadores da energia da experiência religiosa vivida pelo carisma fundante. Deste modo o carisma é compreendido como poder simbólico que confere ao carismático o fato de crer em seu próprio poder simbólico. Entendemos que Mokiti Okada é um desses líderes carismáticos o que assegura o sucesso no estabelecimento dessa nova religião. Para Bourdieu

A eficácia simbólica que se agrega aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico (BOURDIEU, 2015, p. 55).

A emergência da religião fundada por Mokiti Okada não condiz com um acontecimento isolado, diz respeito à um contexto específico em que novas religiões também surgiram no Japão. Fonseca (2018) destaca que desde 1600 até o período que corresponde I e II Guerra Mundial o Japão estava passando por um “momento de efervescência religiosa” e por mais que havia resistência política surgiam várias novas religiões, podendo destacar a Omoto (1889); Seicho-no-Ie (1930); Perfect Liberty (1924); Sukyo Mahikari (1959); Soka Gakkai (1930), Tenrikyo dentre outras.

2.1.1 O Fundador Mokiti Okada

Mokiti Okada nasceu em 23 de dezembro de 1882 na cidade de Tóquio no Japão. Nasceu em uma família pobre, “outrora fora abastada e proprietária de uma casa de penhores” (TOMITA, 2009, p. 23).

Mokiti Okada nasceu no bairro de Hashiba, situado em Asakusa, em 23 de dezembro de 1882, no dia seguinte ao dia do solstício de inverno no hemisfério norte. Esta data simboliza o início da fase positiva do ano, em que o período diurno volta a se tornar longo novamente. A comemoração do solstício no Japão remonta à mitologia da criação das ilhas japonesas, relatada no *Kojiki*, rememorando a saída de Amaterasu, a deusa do Sol, da caverna onde tinha se escondido, deixando o mundo às escuras. Por este motivo, este dia é festejado como sinal de respeito à luz do sol, origem de toda a vida, representando o momento em que a Luz ressurgiu e todas as coisas renascem. Este simbolismo foi estendido e relacionado com o nascimento de Mokiti Okada, segundo a doutrina messiânica (TERROR, 2009, p.19).

Vemos que o mito fundador da religião messiânica, que dialoga com as crenças tradicionalmente arraigadas na cultura japonesa, sustenta o carisma do fundador, que é reforçado pela sua biografia, e que garantirá a eficácia simbólica, que possibilitará a consolidação dessa nova religião. Desde criança sua saúde era debilitada. Sempre muito dedicado aos estudos, aos 13 anos concluiu os estudos primários e entrou para a escola de Belas Artes. Para tristeza de Okada seus estudos tiveram que ser interrompidos, pois foi acometido por uma grave doença na visão. Poucos anos depois, Okada foi diagnosticado com pleurisia e tuberculose, passou por muitos tratamentos, mas foi curado a partir do momento em que aderiu a dieta vegetariana (TOMITA, 2009, p. 23).

A associação da cura à alimentação é um vetor interessante para

compreender como a alimentação natural e orgânica se estabelece como uma das colunas de salvação da religião messiânica.

Aos 23 anos, Mokiti Okada após perder o seu pai, com o dinheiro da herança abriu uma loja de miudezas, o negócio prosperou. Neste período, Okada sofreu uma grave isquemia cerebral desencadeando diversas outras doenças: “crises de hemorróidas, dores de cabeça e estômago, reumatismo, prostração nervosa, amigdalite, catarro intestinal, problemas das válvulas cardíacas, periodontite, dores de dentes, entre outras” (TOMITA, 2009, p. 24)

A infância de Okada foi marcada pela dificuldade financeira que a família enfrentava. As condições de pobreza e miséria causava muito sofrimento. Na juventude, Okada foi marcado pelos problemas de saúde, pelo complexo de inferioridade e pela timidez (RAFFO, 2014, p.17).

Figura 2 - Mokiti Okada fundador da Igreja Messiânica Mundial



Fonte: FMO, 1982

Em 1907, aos 24 anos casou-se com Taka. Em 1915 sua esposa engravidou pela primeira vez, porém por três vezes seguidas os bebês faleceram. Em 1919 Taka veio a falecer (TOMITA, 2009, p.24). Conforme apresenta Terror (2009), aos 37 anos Mokiti Okada casou-se novamente. A família de Yoshi Ota, sua esposa, não era a favor do Matrimônio, mas devido à insistência, em 1919,

em um santuário xintoísta do Japão, Okada e Yoshi se casaram. As tragédias pessoais teriam forte impacto sobre Okada, e seria um grande motivador para ativar suas buscas religiosas.

Sempre honesto e justo, Okada era uma pessoa de bom coração em todos os aspectos de sua vida. Quando os seus negócios começaram a progredir, ele sentiu uma grande confiança em sua inteligência e capacidade. Okada acreditava que o sucesso do ser humano dependia unicamente do seu esforço, assim, a religião para ele não fazia sentido (TERROR, 2009, p. 28). Talvez, essa tenha sido uma motivação para atuar como agente subversivo do campo religioso japonês, levando-o à almejar a posição de contestador da doxa do campo, e passando a atuar como aquele que formula as diretrizes desse campo, ao estabelecer uma nova doutrina religiosa.

Após estabelecer sua vida pessoal, Mokiti Okada precisou recuperar-se financeiramente. Seus negócios estavam falidos. Devido a sucessão de duras experiências, Okada passou por mudanças de pensamentos (FMO, 1982, p. 242). Podemos observar no relato de Tomita (2009)

Até os 38 anos de idade, Okada nunca teria rezado. Costumava cochilar por ocasião de participação em algum ofício religioso fúnebre. Considerava irracional a adoração humana a imagens, estátuas e demais objetos criados para venerar divindades. Identificava-se com a teoria do filósofo alemão Rudolf Christoph Eucken, segundo a qual os ídolos são criados pelos próprios homens devido ao seu instinto de adorar algo, o que não passaria de auto-satisfação. Acreditava que a existência de numerosos templos e santuários poderia constituir uma espécie de obstáculo ao progresso do Japão. Como um ateu declarado teria se tornado um líder religioso carismático, fundador de uma NRJ⁴, que com o passar do tempo, se tornou uma das mais conhecidas do Japão? Segundo sua biografia, as amargas experiências vividas com a morte da primeira esposa e filhos, além da falência, teriam propiciado o início de “uma grande mudança de pensamento” no íntimo do fundador (TOMITA, 2009, p. 24).

De acordo com Fmo (2017, p.169) devido às circunstâncias que ele se encontrava “acabou recorrendo ao que todos procuram nessas ocasiões: a religião” Mokiti Okada foi em busca da salvação no Budismo e no Xintoísmo, religiões predominantes no Japão na época, passando também por diversas

⁴ NRJ: Novas religiões japonesas - O qualificativo “novas” aplicado às religiões japonesas não indica, sem mais, a data recente de sua origem, mas sua independência, naturalmente relativa, das grandes tradições do xintoísmo e do budismo. Recentemente têm sido acrescentadas às novas religiões algumas formas relacionadas ao cristianismo (PAIVA, 2005. apud Arai, 1974; Matsuno, 1974).

religiões, buscando respostas para os sofrimentos. A partir desse empreendimento Okada teve conhecimento da dimensão espiritual, da vida após a morte e da existência de Deus.

Após este fato, Okada passou a ver a vida diferente, segundo relatam seus biógrafos. Sentiu que o ser humano tem uma proteção especial, uma proteção por Deus. Ele percebeu também que o ser humano precisa reconhecer essa proteção para não ser um ser indivíduo vazio.

Foi em 1920 que Mokiti Okada conheceu a Oomoto⁵. Neste período, esta religião fixava sua propaganda em diversos jornais, suas conferências eram realizadas em diversos locais do país obtendo uma grande difusão. Ao participar de uma conferência da Oomoto, Okada se sentiu atraído pelo propósito que esta religião tem em reformar o mundo “com uma grande limpeza e lavagem dos três mil mundos, a terra se converterá no Reino de Deus, o qual perdurará pela eternidade” (FMO, 1982, p. 244). Outro motivo que o atraiu à Oomoto foi o ensinamento relacionado aos tóxicos contidos nos remédios que ao contrário do que era designado, os medicamentos não estavam curando, mas gerando ainda mais doenças nas pessoas (FMO, 1982, p. 245).

Esse é um dos indícios de que a nova religião fundada por Mokiti Okada se estabelece como uma forma de resistência e questionamento aos rumos da intensificação dos processos de modernização científica, especialmente, àqueles que afetam à saúde corporal.

Okada adentrou no mundo da fé fervorosamente. Passou a levar seus familiares a participarem das conferências Oomotanas. Porém, um acidente com um parente muito próximo acaba fazendo com que ele se distancie da religião Oomoto. Assim, ele permaneceu afastado por três anos, conforme relata Terror (2009)

(...) um acontecimento o afasta da Omoto por três anos: seu sobrinho Hikoitiro, voltando de um aprimoramento religioso, morre afogado num rio ao tentar salvar um conhecido. Isto foi um choque para Mokiti Okada e seu irmão Takejiro, que acabaram vendo a religião como causa indireta da tristeza que sentiam. Mas esse acontecimento acabou por despertar, dolorosamente, sua curiosidade sobre o mundo invisível e seus mistérios, mergulhando-o em inúmeras pesquisas religiosas, estudos de fenômenos

⁵ A Oomoto é uma organização religiosa criada pelo Deus verdadeiro a fim de proporcionar alegria de viver e energia vital aos homens, e também para construir na Terra um mundo de paz e tranquilidade, sem antagonismos. Foi fundada por Nao DEGUCHI (1837 – 1918), no dia 3 de fevereiro de 1892 (ano 25 da Era Meiji), em Ayabe, província de Quioto, situada quase no centro do território japonês. Disponível em: <https://www.oomotodobrasil.org.br/a-oomoto>

parapsicológicos, e provocando nele uma mudança radical. Sobre isso, ele disse: “Foi o meu segundo nascimento nesta vida” (TERROR, 2009, p.33).

É necessário destacar um importante fato em relação à religião Oomoto. Conforme descereve Terror (2009), entre 1916 e 1920 a Oomoto alcançou grande expansão. Neste período a indústria se desenvolvia no Japão e a mão de obra consequentemente aumentava. Por outro lado, crescia também a tensão entre empregadores e empregados, pois a economia no país estava em crise. Diante deste contexto, várias greves e tensões aconteceram. Como ensinamento de Deus, a Oomoto pregava que o mundo precisava de uma reforma, diversas pessoas viam nos ensinamento da Oomoto uma forma de esperança e motivação para dias melhores. O governo japonês não viu isso com bons olhos e a Oomoto sofreu seu primeiro ataque. Em 1921 o santuário e o sepulcro da fundadora foram destruídos. Este fato ficou conhecido como o Primeiro caso Oomoto.

Mesmo estando afastado da Oomoto, o sentimento religioso de Okada permaneceu. Neste período dedicou-se aos estudos dos textos sagrados da Oomoto (*Ofudessaki*) escritos pela fundadora Deguti Nao, teve contato também com pesquisas parapsicológicas. “Por sua própria intuição, fez prognósticos sobre o futuro, oculto no sentido das palavras de Deguti Nao” (FMO, 1982, p.261). Teve pressentimentos que Tóquio viraria chamas. Esse pressentimento foi concretizado três meses depois, conforme relata Fmo

(...) Esse foi o caminho que o levou a fazer uma renovação de sua própria pessoa: polir a espiritualidade que por longo tempo se mantivera oculta em seu íntimo, refletir sobre o significado de sua existência neste mundo e buscar uma forma verdadeira de vida. Como resultado, o caminho que se lhe apresentou não ficou restrito a uma forma de vida aplicável unicamente a sua pessoa. À medida que ele aprofundou e aperfeiçoou suas pesquisas, esse caminho foi se ampliando, até se tornar o caminho que todo homem deve seguir (FMO, 1982, p.262).

Esse caminho leva, no dia 25 de dezembro de 1926, Okada a entrar em estado de transe e receber uma Revelação Divina. Conforme descrito na obra biográfica Luz do Oriente (FMO, 1982, p. 270) Okada relata que por volta das 24 horas ele foi acometido por uma sensação estranha que ele nunca havia sentido. Uma grande força o tomava, assim ele solicitou Yoshi sua esposa para preparar pincel e papel, as palavras que emergiam vagarosamente confidenciavam fatos surpreendentes.

As revelações que Okada recebera perduraram por volta de três meses, fora escrito por ele cerca de quatrocentas páginas. O conteúdo dos escritos abordava desde a formação do Japão e a história da humanidade, descrevendo passado, presente e futuro. Mais tarde essas previsões foram concretizadas, como por exemplo, a II Guerra Mundial, a devastação do Japão e o mundo pós-guerra (FMO, 1982, p. 271).

Os escritos contendo as revelações foram queimados por Mokiti Okada. Ele temia “represálias decorrentes do controle das autoridades no tocante as questões religiosas” (TOMITA, 2009, p.26).

Neste período em que Okada recebia as revelações, ele já havia retomado suas atividades na Oomoto, neste período ele desenvolvia funções importantes dentro desta religião. Conforme apresenta Tomita (2009) em 1928, Okada tornou-se divulgador da Oomoto, no ano seguinte foi nomeado membro executivo da sede em Tóquio. Lá exercia a prática oomotana do *Tikon* que consiste em um método ensinado pelo xintoísmo primitivo que consiste em um serenamento da alma em que os próprios sentimentos devem ser excluídos. Essa prática possibilita receber poderes divinos que cura doenças e realiza milagres.

O interesse particular de Okada na cura de doenças, pode ser associado às diversas tragédias pessoais que o havia atingido durante sua juventude e com sua primeira esposa e filhos. Tomia (2009) indica que após o retorno ao Oomoto “sucessivos fatos misteriosos envolvendo Okada constituíram a base para a criação de uma nova religião” (TOMITA, 2009, p. 26).

Após sequências de milagres realizados por Mokiti Okada ele não teve dúvidas da existência de Deus e do seu chamado à missão divina.

Finalmente decidi dedicar-me de corpo e alma, obedecendo à Ordem Divina. Como cinquenta por cento eram vontade de Deus e cinquenta por cento, minha consciência, eu sentia maior segurança que as pessoas comuns, mas também sentia mais solidão que elas. Naturalmente, eu não tinha uma vida fácil, economicamente falando, e, em princípio, só dispunha do suficiente para me manter durante alguns meses, não havendo qualquer perspectiva de renda certa. Era uma vida extremamente insegura, mas os seguidos milagres e revelações interessantes me faziam esquecer a preocupação financeira, de modo que a vida se tornava realmente alegre (TERROR *apud* FMO, 1982, p.41).

Em 1931, Okada acompanhado por seus seguidores, ao escalar o Monte Nokoguri entoou a oração *Amatsu Norito*⁶. Neste instante ele intuiu que uma grande transformação no mundo espiritual acabara de acontecer. Conforme afirma Raffo (2014) esse momento ficou conhecido como “Revelação sobre a transição da era da Noite para a era do Dia” Essa revelação é de suma importância, pois mais tarde virá a ser fundamento da religião fundada por Mokiti Okada.

No que diz respeito a essa transição da era da Noite para a era do Dia, Terror (2009) explica:

Trata das Eras do Mundo Espiritual, que se alternam em ciclos, a partir da atuação maior ou menor do Bem e do Mal. Elas se refletem diretamente no Mundo Material, regidas pela “Lei da Precedência Espiritual”, ou seja, o plano espiritual é o plano das causas e o plano material, o das consequências. A dualidade Dia/Noite se constitui nos elementos simbólicos escolhidos para representar esses períodos: a Era de maior Verdade, maior Luz, é chamada por Mokiti Okada de Era do Dia, e a de maior atuação do Mal, de Era da Noite. De acordo com essa revelação, iniciou-se, naquela data, a transição da Era da Noite que a humanidade atravessava, para a Era do Dia, o tempo de paz e prosperidade para o mundo. A transição será a época de grandes mudanças e conflitos individuais e coletivos, para que o mundo se purifique e esteja em condições de alcançar o Dia, concretizado pelo Paraíso Terrestre. A missão que Mokiti Okada recebeu é a de despertar a humanidade para esta grande mudança e ajudar as pessoas a ultrapassá-la (TERROR, 2009, p.42).

Em 1934 Okada se afasta definitivamente da Oomoto, Tomita (2009) descreve que este afastamento se deu após contenda de seus discípulos em relação à distribuição do jornal que na época era periódico da Oomoto. A partir deste afastamento, Okada começou o seu caminho na concretização das revelações recebidas.

2.1.2 Igreja Messiânica Mundial – Uma Nova Religião Japonesa

⁶ A Amatsu-Norito é uma oração xintoísta. Essa oração remonta a uma época anterior à de Jinmu, o primeiro imperador do Japão. “Foi escrita por um deus da linhagem de Amaterassu-Omikami, adorado pelo clã Yamato; por isso suas palavras possuem um espírito muito elevado e uma ação intensa, tendo o poder de purificar o Céu e a Terra”. É uma súplica dos homens às divindades para que estas realizem a purificação do Universo através do espírito da palavra, conceito que detalharemos no capítulo 3. Esta oração vem sendo preservada como documento histórico a partir do início da Era Heian (794-1192) e, além de seu caráter religioso, é um importante documento da história e da literatura japonesas. Na IMM, ela é rezada com algumas modificações introduzidas por Mokiti Okada.(TERROR, 2009, p. 42)

Para Malinowski (1988), tanto a magia como a religião surgem e resultam de situações de tensão emocional: crises da vida, lacunas em objetos importantes, morte e iniciação nos mistérios tribais, infelicidades no amor e ódio não mitigado. Tanto a magia das religiões que assentam estritamente na tradição mitológica, quanto na atmosfera do milagroso, numa constante revelação do seu prodigioso poder. Com a Religião Messiânica não foi diferente. Ela nasce no contexto de pós II Guerra Mundial em meio a uma sociedade cheia de conflitos econômicos, políticos e sociais. Além disso, podemos associar às crises da própria vida de Mokiti Okada.

No dia 1º de Janeiro de 1935 foi instituída por Mokiti Okada no Japão a Dai Nippon Kannon Kai que de acordo com Raffo (2014) era uma associação que não chegava a ter “*status* de religião”.

Conforme Tomita (2009), o período que compreende o término da Segunda Guerra Mundial (1935-1945) foi marcado por grande pressão por parte das autoridades japonesas. Neste período as atividades religiosas não podiam ser realizadas livremente (FMO, 1982, p. 359)

(...) qualquer movimento organizado que tivesse “o objetivo de revolucionar o país ou não reconhecer o sistema de propriedade particular” recebia severa punição. Com a instalação das delegacias de Polícia Especial, em 1928 foi instituído o sistema de total controle sobre as questões ideológicas e especialmente as novas religiões (FMO, 1982, p. 360)

A Dai Nippon Kannon Kai (Associação Kannon do Grande Japão) é um grande marco e corresponde ao início da missão de Mokiti Okada. Neste período inicia-se a Obra Divina revelada a ele durante a viagem ao monte Nokoguri.

Por Mokiti Okada foram constituídas e dissolvidas seis principais organizações. Raffo (2014) apresenta quais foram:

1) Dai Nippon Kannon Kai (Associação Kannon do Grande Japão): de 1º janeiro de 1935 a 1º de julho de 1936; 2) Dai Nippon Kenko Kyokai (Associação Japonesa de Saúde): fundada em 15 de maio de 1936 e dissolvida em 28 de julho do mesmo ano; 3) Nippon Joka Ryoho Fukyukai (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação): de 11 de fevereiro de 1947 até, provavelmente, 30 de agosto; 4) Nippon Kannon Kyodan (Igreja Kannon do Japão): instituída em 30 de agosto de 1947 e dissolvida em 4 de fevereiro 1950; 5) Nippon Miroku Kyokai (Igreja Miroku do Japão): instituída em 30 de outubro de 1948 e dissolvida em 4 de fevereiro de 1950; 6) Sekai Meshiya Kyo (Igreja Messiânica Mundial): fundada em 4 de fevereiro de 1950 a partir da dissolução e da fusão das igrejas Kannon do Japão e Miroku do Japão.

Foi renomeada Sekai Kyusei Kyo em março de 1957 (RAFFO, 2014, p.33-4)

Conforme apresenta Fonseca (2018) o processo de construção da IMM passou por diversas interrupções pressionadas pelo Estado, pois era vista como ameaça ao povo japonês. Um exemplo disso é que as NRJ que surgiram neste período em particular a IMM apresentavam a medicina ocidental como tendo vários equívocos, deste modo a IMM apresentava métodos terapêuticos que seriam mais adequados e eficientes ao povo japonês (FONSECA, 2018, p. 86).

Assim, como medida de sobrevivência em relação às perseguições do Estado, as organizações criadas por Mokiti Okada, como apresentada acima ora tinham em sua nomenclatura instituição religiosa, ou instituições terapêuticas ou associações de arte (FONSECA, 2018, p.94).

O cume da Revelação que Mokiti Okada recebeu tratava sobre a transição da Era da Noite para a Era do Dia e também o *Johrei* (Joh=purificar/ rei=espírito). O *Johrei* é um método de canalização de energia através das mãos, por este método é transmitido a Luz Divina. Conforme descreve Fmo-moa

Depois de ter recebido a Revelação Divina, o fundador, solidificando ainda mais a sua convicção e compenetrando-se profundamente do sentimento de missão, empenhou-se em salvar as pessoas do sofrimento que as afligia. O núcleo e também a força motora dessa salvação foi o *Johrei*, que passou por diversas modificações até ser estabelecida a sua forma definitiva (FMO, 1982, p. 330)

Em 1934 Okada alugou um espaço e realizava ali a ministração de *Johrei*. Eram distribuídos panfletos explicativos do método. Devido aos milagres alcançados graças ao *Johrei* a frequência deste local começou a crescer bastante, assim, tiveram que migrar para um local maior. A difusão do *Johrei* teve grande participação na adesão das pessoas a Igreja e um aumento nas ofertas de donativos. A fama de Okada ia crescendo e tomava grandes proporções, com isso ele foi chamado até a delegacia para prestar esclarecimentos sobre as atividades que desenvolvia (TERROR, 2009, p. 45)

Até chegar a instituir de fato a Igreja Messiânica Mundial muitas coisas aconteceram. Tais fatores se dão pelo contexto japonês. Para Raffo (2014) as igrejas regionais tinham Okada como centro, existia entre elas uma rivalidade no campo doutrinário e organizacional.

Ao promulgar a Lei das Pessoas Jurídicas de Natureza Religiosa, o Japão

viu o grande crescimento de novas religiões. Algumas ainda não podiam se apresentar como religião, outras atuavam sob respaldo nas religiões tradicionais temendo serem vítimas das constantes perseguições. Por meio desta Lei as novas religiões puderam ser reconhecidas legalmente.

Este fato foi de grande importância para as Novas Religiões Japonesas (NRJ). Portanto, se de um lado favorecia, por outro causava grande transtorno, pois apareceram muitas “religiões de fachada” e a sociedade na época ficou desconfiada. Mokiti Okada sofreu com esses fatores de desconfiança. Como sua religião crescia muito, ele foi alvo de intensa perseguição religiosa, chegando a ser preso em 1950.

Toda essa conjuntura de conflito, no entanto, aumentava o carisma de Mokiti Okada. De acordo com Tomita (2009), Okada descreveu sobre a pressão que enfrentava e as medidas que foram necessárias tomar para a fundação da Igreja Messiânica Mundial:

Só em agosto de 1947 a nossa Igreja Messiânica Mundial foi fundada como entidade religiosa e começou a desenvolver suas atividades abertamente. Até então, a pressão por parte das autoridades era intensa, e por isso, como é do conhecimento de todos, ela vinha desenvolvendo a terapia popular sob a denominação “terapia de purificação japonesa”. Todavia, entre as pessoas que não tinham fé, a cura das doenças não era absoluta, e por esse motivo, dependendo da pessoa, eu fazia com que ela orasse diante da imagem de *Kannon* pintada por mim. Tal procedimento era aceito pelas autoridades, que, desde antigamente, diziam não ser problema esse tipo de fé. A esse ponto as autoridades detestavam as religiões novas... Felizmente, o mundo tornou-se democrático e foi permitida a liberdade em matéria de Religião. Desde então, pudemos desenvolver livremente as nossas atividades como organização religiosa. Na época, as pessoas que poderiam ser consideradas como membros eram apenas de duzentas a trezentas (TOMITA *apud* FMO, 2009,p.30).

No início da primavera, em 4 de fevereiro de 1950 foi instituída no Japão a *Sekai Meshiya Kyo*- Igreja Messiânica Mundial (IMM). Abaixo segue descrito o trecho de saudação proferido por Okada neste dia:

A Igreja *Kannon* do Japão, fundada como entidade religiosa em 30 de agosto de 1947, e a Igreja *Miroku* do Japão, fundada em 30 de outubro de 1948, estão dissolvidas a partir de agora. Com base em um novo projeto, essas duas entidades surgem unidas sob o nome de *Sekai Meshiya Kyo* (Igreja Messiânica Mundial), neste dia 4 de fevereiro de 1950, dia do início da primavera. O fato se reveste de um grande significado e, obviamente, obedece à profunda Vontade de Deus; é, pois, desnecessário dizer que ele não foi determinado pela vontade humana. É uma decorrência de termos entrado, finalmente, na época da Transição

da Noite para o dia no Mundo Espiritual, como temos sempre afirmado. Conforme costumamos dizer, a obra de salvação empreendida pelo budismo era do período da noite e, por isso, juntamente com a destruição da Noite, acelera-se a salvação efetuada por *Kanzeon Bossatsu*, o que, em outras palavras, significa a extinção do budismo. Conseqüentemente, é óbvio que a atuação de *Kanzeon Bossatsu* seja a própria atuação do Salvador do Mundo, ou seja, *Kanzeon Bossatsu*, que havia tomado a forma de Buda, tirando a máscara, reassume a sua forma original de Deus (TOMITA *apud*, (KYUSEI, 2009, p.35).

Com a Igreja instituída, Mokiti Okada que ocupava a posição de conselheiro, passa a ser responsável na posição de Líder Espiritual (*Kyoshu*) e a partir, de então, passa a ser chamado de Meishu-Sama⁷, que quer dizer Senhor da Luz (RAFFO, 2014, p. 45).

Conforme apresenta Clarke (2008, p.38), dentre os membros messiânicos não há uma visão uniforme de quem seja Mokiti Okada, para a maioria dos brasileiros ele é o intermediário entre “Deus (natureza) e a humanidade, outros o descrevem como salvador, outros ainda referem-se a ele como uma espécie de Jesus”. Mokiti Okada se apresentava como o profeta escolhido por Deus.

Dentre vários questionamentos sobre a divindade de Meishu-Sama, Ele descreve na obra Luz do oriente:

Naturalmente, sou religioso, mas não sou um fundador de religião como o foram Sakyamuni ou Jesus Cristo; tampouco sou um personagem sobrenatural. Em verdade, abranjo aspectos muito amplos” (...) Conseqüentemente, no futuro, quando se fizerem pesquisas sobre minha pessoa, inevitavelmente surgirão inúmeras críticas. Com este pensamento, quero deixar retratada a minha imagem mais real (FMO,1983, p. 36).

Meishu-Sama também se refere ao seu estado de *Shinjin Goitsu*, essa expressão significa: Deus; homem; união, um. Assim, este Estado de União com Deus, faz com que ele proclame o poema: “Fico a pensar em mim, Que sou homem sem ser homem, Que sou Deus sem ser Deus” (TOMITA, 2009, p.33).

Para Otto (1985), mistério significa o secreto, algo que é estranho e também inexplicável. Assim, o numinoso enquanto “o totalmente outro” comporta a relação com o divino, a piedade é devoção cultural que se relaciona com os três elementos – atributos que lhe são próprios, a *majestas*, *orge* e *mysterium* provocando no indivíduo encantamento e admiração. Assim é qualitativamente diferente porque é estranho, mas ao mesmo tempo fascinante e dominante.

⁷ A partir de agora não se trata mais do homem Mokiti Okada, mas o Senhor da Luz, logo irei me referir ao fundador como Meishu-Sama, pois é esta nomenclatura utilizada na IMM.

O próprio Meishu- Sama diz que sua natureza é cheia de mistérios, muitos que conviviam com ele não compreendiam, esse caráter misterioso contribui para seu carisma, o que reforça sua posição de dominante no campo religioso. Assim, como Ele é cheio de mistérios a Religião Messiânica também é. Isso porque conforme já anunciara Otto (1985) o sagrado não cessa em seus enunciados racionais, captáveis nas religiões e doutrinas, pois “compreende um elemento de qualidade absolutamente especial que se subtrai a tudo aquilo que chama de racional”; deste modo a compreensão não é acessada constituindo algo inefável.

Após a criação da IMM, sua difusão ocorreu de forma rápida. Conforme cita Raffo (2014), além de difundir a fé através do Johrei, Meishu-Sama também realizou palestras fora da Igreja em várias partes do Japão. Realizou diversas palestras sendo uma de grande destaque em *Hibiya Public Hall* falando diretamente a sociedade sobre a essência dos seus ensinamentos.

Com o término da II Guerra Mundial a IMM teve seu período de expansão no Japão e no Ocidente. Em 1953 Meishu-Sama enviou a ministra Kiyoko Higuchi para os Estados Unidos e a partir de então, a IMM se estabeleceu no Ocidente.

(...) é surpreendente o número atual de membros, que somam algumas dezenas de milhares. Existem 3.242 ministros; igrejas grandes, 4 unidades; igrejas médias, 88 unidades, e 524 filiais. A Igreja vem se expandindo dessa maneira e promete crescer ainda mais vigorosamente, a cada dia e a cada mês. Além disso, a partir da primavera deste ano, ela será ampliada no Havaí e, no verão, nos Estados Unidos. No que se refere à expansão, o número dos membros do Havaí, num período de mais ou menos meio ano, já ultrapassou a casa dos mil. Recentemente, foi adquirido, por 50 mil dólares, um terreno com casa, que poderá se tornar uma magnífica Sede Central; ao mesmo tempo, entre os membros nativos, pessoas fervorosas têm se tornado dirigentes das unidades filiais, que já são inúmeras. Atualmente, estão sendo criadas outras unidades em várias localidades. Nos Estados Unidos, também, no mês de agosto será inaugurada uma filial, e dias atrás recebi um relatório dizendo que o número de participantes nos cursos de iniciação tem aumentado dia a dia, tudo indicando que, no futuro, vai ser incalculável a expansão da Igreja naquele país (TOMITA *apud* FMO, 2009, p.135).

Conforme apresentado neste tópico, a IMM teve seu nome alterado diversas vezes até se estabelecer como Igreja Messiânica Mundial. Ao longo dos anos que a religião de Meishu-Sama ia se formando, o contexto de repressão às novas religiões no Japão colaboraram para essas mudanças nos nomes.

O que é muito questionado é o termo “messiânico” em se tratando de uma religião nascida no Japão. O termo remete ao Messias que advém do Cristianismo. Tomita (2009) apresenta que a concepção de messiânico na religião

messiânica contém aspectos de um “milenarismo” de caráter reformista tendo uma compreensão própria de Juízo Final e Paraíso Terrestre (TOMITA, 2009, p.34).

Para Meishu-Sama deixar o termo em Japonês poderia não provocar adesão das pessoas no ocidente. O termo “Igreja” e “Messiânico” foi a maneira encontrada para aceitação no ocidente. O que indica seu interesse em se posicionar como dominante do campo religioso não só no Japão, mas em todo o mundo.

Para os messiânicos, o fundador é de fato o Messias da era atual. De acordo com o fundador, para cada época Deus enviou um messias, e para a Época atual Deus enviou Meishu-Sama. Cada messiânico “exerce o papel de um pequeno messias” (TOMITA, 2009, p. 35) o presidente mundial Tetsuo Watanabe⁸ fala à respeito do nome “messiânica”: “Todos nós recebemos o Ohikari⁹ para sermos ligados ao mestre messias. Por isso a nossa Igreja chama messiânica, e messiânico é aquele que está ligado ao messias” (TOMITA, 2009, p. 35)

Para os messiânicos, Deus não discrimina seu povo e salva toda a humanidade independente de nação. Portanto, a palavra *Kyusseï* que quer dizer salvação do mundo fica muito restrita ao povo japonês, assim, foi escolhido um termo que abraçaria ocidente e oriente. “A palavra messias remete a Cristo e é de apreço dos povos civilizados” O termo Juízo Final tem o mesmo sentido que o final da Era da Noite e início da Era do Dia. Sendo assim, o termo permaneceu e teve grande participação na expansão da Igreja (TOMITA, 2009, p.38).

Atualmente, no Japão chama-se Sekai Kyusei Kyo (世界救世教) cuja tradução literal é mundo (世界); salvação do mundo (救世); e ensinamento (教). Em japonês, o sufixo kyo (教) é usado para designar kyodan (教団) ou shukyo (宗教). No Brasil, a denominação adotada é Igreja Messiânica Mundial, que, por várias vezes, é confundida como uma religião de origem cristã por aqueles que a desconhecem (TOMITA, 2009, p. 34).

A difusão da IMM acontecia com muita eficácia e dedicação dos membros missionários. A religião crescia à medida que saía os primeiros missionários do Japão. Com esta expansão para o ocidente, algumas dificuldades começaram a

⁸ O Japonês Tetsuo Watanabe chegou ao Brasil em 1962 com o intuito de fundar os primeiros templos messiânicos. Tornou-se presidente da Igreja em 1976 ficando 30 anos na liderança. Em 2006 recebeu o título de presidente de honra. Faleceu em 2013. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1355770-tetsuo-watanabe-1940-2013---trouxe-o-johrei-para-o-brasil.shtml>

⁹ Nome da medalha outorgada aos membros da IMM. Medalha de proteção.

fazer parte no cotidiano da Igreja. Como em qualquer outra instituição problemas pessoais e administrativos começaram a aparecer, houve também problemas devido a grande diferença linguística e nos costumes. E é nesse contexto que se insere a presente pesquisa, pois os conflitos no estabelecimento e na adesão de fieis à Igreja Messiânica do Brasil em Goiânia são elucidativos dos problemas ocorridos na difusão da religião no ocidente, especialmente no tocante às colunas de salvação da IMM, como discutiremos à frente.

Okada faleceu em 1955 aos setenta e dois anos de idade. Deixando esposa e seis filhos. Sua morte foi em decorrência de um acidente vascular cerebral.

Com a Ascensão de Meishu-Sama, baseando-se no ensinamento “Elo Espiritual”, Yoshi Okada, sua esposa assume como Líder Espiritual, que passou a ser conhecida como Nidai-Sama.

Desta forma foi instituído na IMM o “Trono de Kyoshu¹⁰”. Após a ascensão da Segunda Líder, quem a sucedeu foi Itsuki Okada, filha de Meishu-Sama e de Nidai-Sama (MATERIAL DE ESTUDO DA IGREJA MESSIANICA MUNDIAL, 2018). O trono de Kyoshu permanece centrado na família Okada. Atualmente seu sobrinho é o 4º líder.

Aqui retomo Bourdieu (2015) quando ele descreve que os sacerdotes, alicerçados na instituição religiosa, deverão manter a eficácia do carisma inicial do fenômeno religioso. A IMM garante isso por meio do estabelecimento do “Trono de Kyoshu”. A racionalização religiosa leva à burocratização com a consequente hierarquização. Esta formulação religiosa levada ao plano simbólico legitima a sociedade hierarquicamente constituída.

2.1.3 A Crença Messiânica

Conforme apresenta Fonseca (2018) os grupos religiosos que surgiram a partir do período de modernização do Japão, têm como centro de sua doutrina os ensinamentos de um fundador, geralmente proveniente das massas. Parte dessas novas religiões que iam surgindo foram influenciadas pelo catolicismo, sendo

¹⁰ A palavra Kyoshu significa, em sua origem, “senhor dos Ensinamentos”. Na nossa Igreja, ela ganhou o significado de “líder espiritual”. Nesse sentido, a palavra “trono” simboliza o “lugar” no qual a pessoa que virá a desempenhar a função de líder toma assento.

esses referenciais mesclados com elementos do Budismo, Xintoísmo, Taoísmo e Confucionismo.

De acordo com Bourdieu (2015) ao “definir a originalidade da comunidade em relação às doutrinas concorrentes” valoriza-se “signos distintivos” e também as “doutrinas discriminatórias”, isso para resistir tanto ao indiferentismo quanto à adesão a religião concorrente. Assim, embora haja sincretismo os elementos comparativamente distintivos das religiões são exaltados e reforçados para preservar a identidade da mesma. Foi essa mesclagem e experiência que contribuiu para Meishu-Sama compor a doutrina da IMM, mas também para reforçar os três pilares de salvação como sendo identitários da doutrina.

Os messiânicos creem em Deus, o Criador do universo, Doador de toda vida, o Princípio de Tudo. Deus objetivou a construção do Paraíso Terrestre, assim fez do ser humano seu representante e submeteu a ele todas as demais criaturas. Para os messiânicos a história da humanidade é constituída de estágios preparatórios para este Paraíso na Terra. Com isso, Deus fez surgir as pessoas e as religiões, cada qual com sua missão (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIÂNICAS, 2014, p. 8).

A Igreja Messiânica tem a finalidade de construir o Paraíso Terrestre, criando e difundindo uma civilização religiosa que se desenvolva lado a lado com o progresso material (FMO, 1978).

Na concepção messiânica, Paraíso Terrestre se refere ao mundo ideal, onde não existem doenças, conflitos e pobreza.

Creemos que, no presente, quando o mundo vagueia em tão caótica situação, Deus enviou Meishu-Sama, fundador da Igreja Messiânica Mundial, com a suprema missão de realizar a sagrada obra de salvação da humanidade. Por conseguinte, empenhamo-nos de corpo e alma na erradicação da doença, da pobreza e do conflito, os três grandes infortúnios que afligem a humanidade, visando à concretização do mundo ideal, de eterna paz e de perfeita Verdade, Bem e Belo (FMO, 2017, p.21).

Conforme descrito no material de ensino institucional “Primeiras Noções Messiânicas” (2014) o messiânico “cultiva o espiritualismo e o altruísmo, faz o homem crer no invisível”. Deste modo, não somente o ser humano possui espírito e sentimento, mas também os animais as plantas e os demais seres.

O objetivo final da IMM é reconduzir a humanidade em uma vida harmoniosa com a Lei da Natureza e construir uma nova civilização baseada na verdadeira saúde, prosperidade e paz (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIÂNICAS,

2014, p. 5)

O avanço espiritual depende da construção do Paraíso Terrestre, sendo que no mundo espiritual não há possibilidade de evoluir. “Afim de possibilitar esse progresso, é preciso voltar várias vezes a terra”, deste modo a crença messiânica é reencarnacionista. Por isso é necessário deixar a terra em boas condições para a volta (ANTÔNIO, 2019, p. 87).

Também se faz presente na crença messiânica e é muito enfatizada o culto aos antepassados. Segundo Meishu-Sama “Somos a síntese de milhares de antepassados”. Por continuarem vivos no mundo espiritual os nossos antepassados nos influenciam mentalmente, fisicamente ou espiritualmente. “A felicidade deles reflete na nossa própria felicidade” (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIÂNICAS, 2014, p. 14).

A concepção messiânica de salvação consiste em solucionar as questões materiais e espirituais alcançando o verdadeiro estado de paz interior. Deste modo, “a base material e espiritual é eliminar as doenças tornando as pessoas sadias”. A primeira condição para salvar as pessoas é alcançar a saúde (PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIÂNICAS, 2014, p. 22).

Meishu-Sama ensina que para salvar o próximo, o ser humano precisa elevar-se ao Paraíso e tornar-se seu habitante. Deste modo ele pode conduzir o próximo ao Paraíso e salva-lo (FMO, 2017, p. 22-3).

É preciso que cada indivíduo se torne um habitante do Paraíso, e agora é chegado o momento em que isso é possível. Naturalmente, o lar também se tornará Paraíso, e todos virão a ter uma vida paradisíaca. Somente assim poderemos puxar as pessoas do Inferno e traze-las à salvação (FMO 2017, p. 24).

Para Meishu-Sama, a religião messiânica não negligencia a salvação espiritual. Na realidade, para salvar verdadeiramente o ser humano, não basta que ele se sinta espiritualmente salvo. Caso fosse assim, a salvação não será completa. “É preciso também salvar-lhe a parte material, e neste ponto é que reside a grande diferença entre nossa religião e as demais”. Segundo Meishu Sama

Pela minha história de vida, sou uma pessoa comum, igual a tantas outras. Tenho, porém, um destino misterioso que não encontra paralelo na história de toda a humanidade. Digo isso porque, completamente diferente dos grandes líderes religiosos conhecidos mundialmente como Buda Sakyamuni, Jesus Cristo e Maomé, Deus me fez nascer com a grande missão de salvar o mundo. Em outras palavras, foi-me atribuída a

força para executar aquilo que não foi possível a esses grandes homens. Evidentemente, esta é a realidade da qual todos os fiéis estão cientes. Por exemplo, tudo aquilo que eu quero saber, me é esclarecido. Também tenho ciência de todos os fatos importantes, não só os relacionados aos três mundos? Divino, Espiritual e Material? Mas também àqueles ligados ao passado, ao presente e ao futuro. É claro que isso está limitado ao que se refere à salvação da humanidade e à construção do Paraíso. É interessante, pois antevejo como será o mundo daqui a um ou há vários anos, e também o meu destino. E, pela minha experiência, geralmente tudo isso se concretiza. Ou seja, o sonho torna-se realidade. Tenho elaborado e executado vários planos, e as coisas têm corrido conforme meu desejo (IZUNOME, 2018).

Com o objetivo de eliminação do sofrimento humano, Meishu-Sama elaborou, em diferentes fases de sua vida, três métodos de salvação que hoje são conhecidos como sendo Colunas de Salvação. A Primeira Coluna da Salvação é o *Johrei* que é à prática e o constante recebimento da luz de Deus; a Segunda Coluna é a Agricultura e Alimentação Orgânica Natural, que consiste no consumo e cultivo de alimentos produzidos livres de agrotóxicos; a Terceira coluna, o Belo, consiste no hábito de apreciar obras de arte como forma de se obter elevação espiritual.

De acordo com Fonseca (2018) as Colunas de Salvação demonstram a abrangência da doutrina da religião, uma vez que estabelecem fundamentos espirituais a respeito de um método de manejo e também propõem um ideal estético.

A prática do *Johrei*, o desenvolvimento da Agricultura Natural e a promoção do Belo são práticas básicas messiânicas capazes de transformar as pessoas materialistas em espiritualistas, e as egoístas em altruístas, restituindo ao planeta seu equilíbrio original (FONSECA, 2018, p. 35).

As três Colunas de Salvação possuem suas conexões. Porém como a proposta desta dissertação é o estudo da Segunda Coluna de Salvação messiânica, logo não irei descrever integralmente sobre o *Johrei* e o Belo.

2.1.4 Espiritualidade Messiânica

O conceito de espiritualidade apresentado por Giovanetti (2005, p. 136 apud LEMOS *et al.*, 2019, p.19) trata de uma dimensão de como o ser humano dá sentido a realidade, onde não implica uma ligação com uma realidade superior mas, como o ser humano se posiciona diante da dor, dos sofrimentos, dos

problemas que precisam ser enfrentados e de sua capacidade de autotranscender criando sentido para suas relações cotidianas. Na mesma esteira, Koenig (2001) apresenta a espiritualidade como sendo um anseio por respostas ao significado da vida e o relacionamento com o transcendente, sendo que isso pode ou não desenvolver práticas religiosas (LEMOS *et al.*, 2019, p.19).

Para Moggi e Burkhard (2004) a espiritualidade apresenta características comuns a grandes religiões como, por exemplo, o amor, o respeito à vida, a fé, o livre arbítrio, a fraternidade, a esperança, a ética, a bondade, a igualdade e a liberdade.

As novas religiões japonesas na qual se enquadra a IMM apresentam respostas aos adversos efeitos sociais e humanos da rápida modernização do Japão, inseridas neste contexto, começaram a oferecer curas e novas formas de vivência do cotidiano, promovendo “rituais de reforço dos laços familiares rompidos pela migração, aconselhamento sobre a criação de filhos no ambiente urbano e técnicas para enfrentar o estresse” (CLARKE, 2000, p.6-7).

Para Capra (1995, apud Lemos *et al.*, 2019, p 77) a visão oriental é caracterizada pela consciência de harmonia e vínculo relacional onde todos os fenômenos são tidos como manifestações de caráter único.

Correspondendo as características apresentadas no que diz respeito à espiritualidade, Meishu-Sama descreve

Se fizerem uma profunda análise da Igreja Messiânica Mundial, compreenderão que ela não é de caráter popular como teórico. Podemos dizer mesmo que é uma Ultrarreligião, inédita para a humanidade. E não é só isso. O que defendemos não se restringe apenas à Religião. Nosso objetivo é dar a mais alta diretriz ao campo da Medicina, da Agricultura, da Arte, da Educação, da Economia, da Política, enfim, a tudo quanto diz respeito ao homem. Em suma: queremos colocar a teoria em prática, de maneira que a Fé seja vivida em nosso dia-a-dia (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991 p. 181 *apud* TOMITA, 2014, p. 211).

As religiões existentes geram várias espiritualidades como algo intrínseco a elas. “Espiritualidades” e “religiões” apresentam características tendo polos individuais e institucionais dentro do domínio geral da “religião”. Uma religião sem espiritualidades é impossível de imaginar. Mas, de forma inversa uma espiritualidade sem uma religião é totalmente possível (HANEGRRAFF, 2017, p. 412). A perspectiva de Mokiti Okada sobre a IMM parece confirmar essa característica:

Conforme venho esclarecendo, a nossa Igreja é uma religião que abarca todos os campos da atividade humana e que poderia ser denominada Empresa Construtora do Novo Mundo. Entretanto, como isso pareceria fachada de alguma construtora civil, o jeito é chamá-la, por enquanto, Igreja Messiânica Mundial. O objetivo dessa organização religiosa é o progresso e desenvolvimento da civilização conciliando a ciência material e a ciência espiritual. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991, p.19).

Essa característica das novas espiritualidades começa a surgir no contexto social brasileiro, nos anos setenta, “com a repressão às formas de engajamento político”, que iniciou “o surgimento dos aspectos mais místicos e individualizados do movimento Nova Era” (MAGNANI, 2000, p.16 apud FARIA, 2012, p. 166), o que proporcionou o ressurgimento de movimentos de caráter místico que já estavam presentes no Brasil em tempos anteriores, tais como o “Círculo esotérico da comunhão do pensamento, a Sociedade Antroposófica do Brasil, a Rosacruz, modalidades de artes marciais, bem como boa parte das religiões de matriz japonesa”. Segundo Guerriero

Quando pensamos nas grandes religiões mundiais, pensamos logo no cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo, judaísmo e outras que, juntas, não passam de vinte denominações. As novas religiões seriam, então, tanto aquelas que fogem dos modelos dessas grandes religiões, como também os novos grupos surgidos do interior delas, trazendo novas mensagens e caminhos diferentes para se atingir a salvação ou plenitude. Vale lembrar que dificilmente uma religião surge do nada, de uma revelação nova, ou da mente de um líder criativo que traz uma novidade jamais vista anteriormente. Praticamente todas surgem a partir daquelas já existentes, como uma ruptura ou oposição praticada por pessoas que acreditam que a sua religião não é mais verdadeira, se corrompeu ou fugiu dos princípios e não é mais fiel à revelação original. A partir daí, funda-se uma nova corrente que traz um novo caminho (GUERRIERO, 2010, pág. 103).

Faria (2012, p. 167) apresenta que as religiões de origem japonesa “fazem parte das novas formas de expressar comportamentos ou condutas religiosas que tem por objetivo a busca por caminhos direcionados à elevação espiritual do ser humano”. Essas novas formas correspondem ao *New Age Movement*, porém ele ressalta que esse movimento possui uma classificação ampla e com muitas particularidades se diferenciando entre si. “Sobre estas novas religiões vindas do Japão, tais particularidades são cruciais e devem ser delineadas, não obstante a alocação das mesmas no campo mais amplo dos Movimentos do tipo Nova Era.”

Faria (2012, p. 173) apresenta que na IMM tanto os três grandes males, quanto os três pequenos, possuem relação com os pensamentos, palavras e

atitudes dos seres humanos, que, ao cultivarem sentimentos e pensamentos negativos, introduziram substâncias artificialmente criadas e não naturais, tais como os remédios, alimentos cultivados com o uso de fertilizantes e adubos químicos, acabam afetando não somente o seu próprio corpo, mas o próprio planeta.

2.2 A II COLUNA DE SALVAÇÃO MESSIÂNICA – AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO ORGÂNICA NATURAL

2.2.1 O despertar da II Coluna de Salvação

Esta coluna de salvação começa a ser desenvolvida por Meishu-Sama a partir de suas experiências pessoais no que se refere aos problemas de saúde e problemas financeiros que o fundador enfrentou durante sua vida. Por isso, para adentrar nesta coluna julgo necessário o percurso biográfico da vida do fundador.

A poesia, escrita em 20 de novembro de 1931, marca o início da Agricultura Natural na vida religiosa de Meishu-Sama, em suas palavras: “Quando apanho uma folha seca caída no chão, sinto nela a indiscutível Lei do Ciclo da Vida”.

Diferentemente da arte que sempre fez parte da vida do fundador, a Agricultura Natural apenas foi desenvolvida em momento posterior ao processo de iluminação e revelação divina, que ocorreram respectivamente em 1926 e em junho de 1931. Meishu-Sama decidiu se mudar com sua família para o Hozan-so, em Tamagawa, Tóquio, no ano de 1935. O fundador encarregou Mitiaki Okaniwa de iniciar o cultivo de verduras e a criação de galinhas. Okaniwa retirou a grama de uma extensão de aproximadamente mil metros quadrados, arou a terra e fez a roça. Iniciou o cultivo no verão com o plantio de berinjela, pepino e tomate. Naquela ocasião, o fundador estava passando por uma situação de dificuldade financeira em decorrência de atividades religiosas terem sido consideradas ilegais na época. Diante dessa situação, o cultivo de verduras teve, a princípio, a função de alimentar o fundador, sua família e os membros.

Apesar de todo o esforço de Okaniwa, o resultado dessa fase de trabalho, que durou até 1939, foi fraco. Meishu-Sama solicitou a Okaniwa a procurar mudas de verduras que tivessem sido cultivadas com a menor quantidade possível de

fertilizantes e plantou-as. Os resultados alcançados foram muito bons. Os produtos demoraram um pouco para crescer, mas tinham um sabor excelente, além de não terem sido atacados por pragas (BOLETIM INFORMATIVO, 2017).

Assim, Meishu-Sama comprovou que o erro da agricultura tradicional era o desrespeito e a negligência em relação à Natureza e obteve provas concretas de que os fertilizantes químicos, excrementos de origem animal e os agrotóxicos intoxicavam as plantas e o solo, sendo a causa do aparecimento de pragas e doenças. Meishu-Sama concluiu, também, que eles eram prejudiciais à saúde dos agricultores, dos consumidores e dos animais domésticos.

As pesquisas e os exercícios práticos continuaram. Segunda Guerra Mundial, o método de cultivo da Agricultura Natural estava totalmente sedimentado. A sua divulgação efetiva, no entanto, só começou no pós-guerra, em 1948, quando foi publicado o primeiro número da revista “*TijoTengoku*” (Paraíso Terrestre), no qual o Fundador, sob o pseudônimo de “*Shin-no-sei*”, incluiu um artigo denominado “O cultivo sem fertilizantes”.

Meishu-Sama fazia críticas à agricultura que utilizava fertilizantes químicos em grande quantidade e pulverizava amplamente as culturas com agrotóxicos começaram a chamar a atenção dos meios de comunicação da época, quando os malefícios do uso de tais produtos começaram a evidenciar-se. “Podemos dizer que a reação antecipada do Fundador em relação aos problemas da poluição é um facto que merece grande atenção, na história do Japão” (BOLETIM INFORMATIVO, 2017).

No Brasil usa-se a palavra agricultor. Em japonês o ideograma correspondente a “agricultor” era lido antigamente como “tesouro”. Se os agricultores não produzissem os alimentos, os consumidores estariam em total desespero (FMO, 2012).

2.2.2 Agricultura e Alimentação Natural – O ideal de Meishu-Sama

O princípio fundamental da Agricultura Natural é o absoluto respeito à Natureza, que é uma grande mestra. Quando observamos o desenvolvimento e o crescimento de tudo que existe, compreendemos que não há nada que não dependa da força da Grande Natureza, isto é, do Sol, da Lua e da Terra, ou, em

outras palavras, do fogo, da água e da terra. Sem dúvida isso ocorre também com as plantações, pois, se a terra for mantida pura e elas forem expostas ao sol e abundantemente abastecidas de água, produzir-se-á mais do que o necessário para o sustento do ser humano. Dirijam seu olhar para a superfície do solo das matas e atentem para a abundância de capins secos e folhas caídas, cuja provisão é renovada em cada outono. Eles representam o trabalho da Natureza para enriquecer o solo, e ela nos ensina que devemos utilizá-los.

Na obra biográfica de Mokiti Okada – Meishu-Sama, para que todos entendam o princípio da agricultura natural, é explicada por meio da ciência espiritual no qual ele tomou conhecimento pela Revelação Divina.

A fim de que todos entendam realmente o princípio da Agricultura Natural, proponho-me explicá-los por meio da ciência espiritual, da qual tomei conhecimento por meio da Revelação Divina, pois é impossível fazê-lo através do pensamento que norteia a ciência material. No início, talvez seja muito difícil compreender este princípio, mas, à medida que lerem várias vezes e o saborearem bem, fatalmente a dificuldade irá diminuindo. Caso isso não aconteça, é porque a pessoa está muito presa as superstições da Ciência (FMO, 1982, p. 61).

A força básica responsável pelo crescimento das plantas é o elemento solo; os elementos água e fogo são forças auxiliares. A qualidade do solo é um fator importantíssimo, pois representa a força primordial para o bom ou o mau resultado da colheita, portanto a condição principal para se ter alimentos com energia vital é a melhoria da qualidade do solo.

O método para fertilizar o solo consiste em fortalecer sua energia através de torná-lo puro e limpo, pois quanto mais elevado for o seu grau de pureza, maior é a força que permite o desenvolvimento das plantas. E fortalecer sua energia significa não misturar ao solo nada a não ser compostos naturais, fazendo-o permanecer puro e preservado.

Conforme destaca Fonseca (2018) Agricultura Natural é um pilar da Igreja, trata-se, portanto, de um mecanismo eficaz de salvação à medida que acreditam que essa prática é capaz de despertar o ser humano para sua natureza divina.

2.3 A Igreja Messiânica Mundial No Brasil (IMMB)

Para compreendermos a chegada da Igreja Messiânica Mundial em território Brasileiro é necessário contextualizar o período das imigrações japonesas para o Brasil e também a introdução das religiões japonesas aqui.

Em 1908 começou oficialmente a imigração japonesa para o Brasil. Em 18 de junho deste mesmo ano o navio “*Kasato-Marú*” desembarca em Santos no estado de São Paulo trazendo o primeiro grupo de 168 famílias sendo aproximadamente 781 pessoas (OZAKI, 1990, p.11)

Ainda de acordo com Ozaki (1990), os japoneses que aqui desembarcaram, traziam consigo sua língua, costumes, cultura e sua religião. Nos primeiros 10 anos de imigração, os japoneses buscavam manter intactas suas tradições, deste modo não buscavam aprender a língua e os costumes brasileiros. O objetivo dos imigrantes era trabalhar e retornar ao Japão(OZAKI, 1990, p. 12)

Os imigrantes japoneses em sua maioria eram xintoístas ou budistas, porém, neste período não havia templos ou algum líder espiritual que pudessem acompanhá-los. Como o interesse dos imigrantes era trabalhar e retornar para o seu país, a prática religiosa não era um elemento essencial, as devoções tradicionais eram realizadas entre os familiares (OZAKI, 1990, p. 12-3)

Para Raffo (2014) o imigrante japonês superou o racismo sofrido pelos brasileiros pouco a pouco. O imigrante e seus descendentes ganharam respeito dos brasileiros, desta forma foram adaptando e desenvolvendo as mais diversas áreas, especialmente a agricultura. Deste modo, a imigração japonesa contribuiu para o pluralismo brasileiro.

Após o final da II Guerra Mundial muitos imigrantes que tinham o desejo de regressar à sua terra permaneceram de fato no Brasil. A devastação ocasionada pela guerra, fez com que os imigrantes fixassem no Brasil. A partir de então os costumes japoneses e brasileiros começaram a constituir laços.

Com a permanência dos imigrantes, as religiões japonesas começaram a ser introduzidas no Brasil. Cabe ressaltar que em alguns países da América do Norte, templos budistas e xintoístas foram construídos por imigrantes, no Brasil por prevalecer o cristianismo católico, as religiões japonesas eram praticadas na informalidade.

Para Castilho e Godoy (*apud* MORI, 2006), as religiões japonesas no

Brasil podem ser compreendidas em quatro períodos sendo: o primeiro período é a ausência de religião; o segundo período é as atividades religiosas na colônia; o terceiro período é conhecido como êxodo rural e por último o quarto período é denominado ressurreição das religiões japonesas.

(...) O primeiro, no início da imigração, de 1908 à década de 20, é designado "ausência de religião" e exprime a precária situação dos imigrantes japoneses naquela época. O segundo período, que vai desde a década de 20 a meados da de 30, quando se intensificou a imigração, foi classificado como "atividades religiosas na colônia", Nesse período, apareceram as primeiras NRJ, como Honmon-Butsuryushu (primeira instituição budista japonesa), introduzida em 1936, pelo imigrante Genju Ibaragui, Oomoto, Tenrikyo e a Seicho-No-Ie. O terceiro período, designado "êxodo rural - migração urbana", abrange a metade da década de 30 ao início da década de 50. Nele se processa a migração urbana quando, por conta de uma bem-sucedida conjuntura econômica da agricultura, muitos japoneses passaram de arrendatários a agricultores independentes. Alguns se mudaram para as cidades, de preferência para capitais, como São Paulo, sendo a principal razão desse êxodo a educação dos filhos. Nesse contexto, foram os japoneses adaptando-se às cidades em uma nova estrutura que se formava na composição social brasileira: a classe média (CASTILHO; GODOY, 2006, p.71).

Diante deste contexto apresentado, em 1954 uma jovem chamada Teruko Sato, teve no Japão o desejo de difundir a religião messiânica no exterior, assim, recebeu a permissão de vir ao Brasil para tal missão. Teruko Sato desembarcou na cidade de Belém no estado do Pará. No ano seguinte os primeiros ministros chegaram ao Brasil e assim a Igreja é oficialmente implantada recebendo o nome de Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB) (TOMITA, 2014, p. 55)

Para Tomita (2014) a implementação da IMMB é dividida em cinco fases:

- 1) Difusão pioneira multifacetária (1954-1964);
- 2) Instituição legal da Sede Central e abertura de frentes de expansão em território nacional (1964 – 1975);
- 3) Diversificação das atividades da IMMB (1976-1984);
- 4) Construção e inauguração do Solo Sagrado do Brasil / Pós-construção (1985-2000)
- 5) Implantação do sistema de *Johrei Center* e Centralização no Trono de Kyoshu (4º Líder Espiritual) – (a partir de 2000 até os dias atuais) (TOMITA, 2014, p.53-4).

Os missionários voluntários que chegavam ao Brasil ainda não contavam com o suporte da Sede Geral da IMM, na primeira etapa de difusão não havia uma diretriz que norteasse o trabalho de todos os missionários. Neste período, a difusão da religião messiânica se dava pela cura através do *Johrei* e também pela propagação da toxidade dos remédios que causavam malefícios à saúde da

população. Diante disto, algumas denúncias foram realizadas por brasileiros no primeiro período de implementação (1954-1964), alegando a prática de curandeirismo (RAFFO, 2014, p. 78).

Cabe ressaltar que as religiões japonesas foram introduzidas no Brasil com a finalidade de atender os imigrantes e seus descendentes que aqui iam se formando. No início se manteve as religiões para os japoneses, porém o lado humanitário e a cura de doenças, principalmente nas novas religiões, passaram a atrair os brasileiros (OZAKI, 1990, p. 21). Renato Ortiz (1991) já havia salientado ao estudar o fenômeno da Umbanda que o catolicismo praticado no Brasil possibilitava a inserção dos cristãos em outras denominações religiosas com o propósito de alcançar a cura, e depois podiam ou não retornar às suas práticas religiosas tradicionais. Esse *ethos* pragmático entre os cristãos brasileiros pode ter favorecido o fenômeno de inserção de brasileiros nas novas religiões japonesas estabelecidas no Brasil.

Berger (1985) ressalva que a religião é um dos mais eficientes apoios contra a perda de sentido do homem. Esta tem uma força tão poderosa sobre o homem porque também tem sido uma força de alienação.

Raffo (2014) aborda uma questão importante enfrentada no campo cultural no período de difusão da IMM. Uma das grandes dificuldades enfrentadas foi explicar aos brasileiros a prática do ofertório de gratidão em dinheiro. Ainda segundo ele “Muito diferente do Brasil católico, no Japão, a cultura da retribuição é vastamente difundida e enraizada” (p.117). É comum no meio religioso japonês retribuir em dinheiro as graças recebidas.

Em 1964 é efetivado o registro como pessoa jurídica da Igreja Messiânica Mundial – Sede Central do Brasil. Em 1965 a Sede Central da IMM. A partir deste ano começam a ser editados os periódicos da igreja em língua portuguesa. Em 1971, foi instituída a Fundação Messiânica (renomeada Fundação Mokiti Okada em 1981) para o desenvolvimento de atividades artísticas, culturais, assistenciais e de pesquisas, especialmente no campo da agricultura e meio ambiente.

Conforme apresentado neste tópico de forma sucinta, a trajetória messiânica no Brasil apresenta suas complexidades bem como suas dificuldades de inserção na sociedade brasileira. As dificuldades encontradas não foram causa de intimidação para os missionários e hoje a IMMB é uma grande referência na formação de novos missionários. Para Tomita (2009) o Brasil tem grande

importância na difusão da igreja em diversos países e deste modo a “identidade messiânica brasileira é marcada pela harmonia de diferenças”.

A tese de Weber (1999) sobre o desencantamento do mundo não corresponde à realidade no cenário religioso brasileiro, a própria inserção e difusão das novas religiões japonesas no Brasil a partir da década de 1960, já num contexto de suposta racionalização, é um indicativo de que o desencantamento não é uma realidade, talvez a dinâmica brasileira seja melhor explicada por uma secularização encantada, conforme indica Follmann (2007).

Nessa esteira, conforme afirma Totaro (2011) seria a própria secularização que gera “a consciência de que o domínio instrumental do mundo é inalcançável e até não desejável, de que seu conhecimento lógico-teórico é inexaurível, abrindo, assim, as portas a um conceito de realidade como base perenemente contraditória diante de toda procura de coerência” (p. 83). Assim, a secularização, que havia abandonado a religião, hoje aponta para o mistério como limite criativo da razão (Nicolescu 1996; Magnin 1998). E é esse cenário que possibilita que novas representações do mundo e novos sentidos para a existência constituam o cenário brasileiro, daí a tese de Follmann (2007) de que é a própria secularização que reencanta o mundo.

Assim, vemos que o universo religioso do Brasil é construído por diversas influências decorrentes de todas as partes do Mundo. As diversas formas de olhar o sagrado, no Brasil, permitem mesclar os elementos sagrados, míticos, simbólicos e ritualísticos de todas as crenças, formando um rico e atrativo sincretismo.

Nos últimos vinte anos, como resultado dos pioneiros na difusão da IMM no Brasil, a Igreja Messiânica veio se expandindo fortemente não só no Brasil como no mundo inteiro. De acordo com o site Institucional da Igreja, hoje, como resultado concreto da dedicação, existe no Brasil mais de 500 unidades religiosas denominadas *Johrei Centers*, onde, diariamente, os messiânicos realizam suas práticas devocionais.

2.3.1 Fundação Mokiti Okada (FMO)

Conforme apresenta no site institucional, a Fundação Mokiti Okada foi instituída no Brasil em 19 de janeiro de 1971 como “uma entidade jurídica de

direito privado, sem fins lucrativos, visando à consecução de objetivos morais, culturais, educacionais, assistenciais e ambientais em conformidade com a Filosofia de Mokiti Okada. É uma entidade do terceiro setor, sendo reconhecida e certificada como uma entidade de utilidade pública nos âmbitos municipal, estadual e federal com atuação em todo o território nacional através de programas, projetos e atividades”

Ainda de acordo com o site institucional, a Fundação Mokiti Okada possui sua sede na cidade de São Paulo-SP e realiza ações em vários locais do Brasil e “seus trabalhos atendem os mais variados públicos: crianças, jovens, adultos e melhor idade, e envolvem a sociedade civil organizada, comunidades, pesquisadores e poderes públicos. Para tanto, conta com parcerias, patrocínios privados ou editais do setor público”.

Durante esses anos de trabalho da instituição muitos projetos e iniciativas já foram premiados pelo seu teor de inovação e comprometimento com o bem-estar da sociedade. Para a Fundação, tão importante quanto o trabalho desenvolvido ao longo de sua existência, são os frutos colhidos com suas ações, que apontam resultados significativos e capazes de transformar vidas.

De acordo com Tomita (2014), essa instituição desenvolve atividades culturais, artísticas e assistenciais. O campo de atuação dessa instituição cresceu e atualmente desenvolve atividades realizando cursos direcionados à alimentação, sustentabilidade, ensino, pesquisa, saúde e espiritualidade.

Também é função da FMO a publicação de livros voltados ao público religioso as obras correspondem a respeito da vida, obra e ensinamentos de Meishu-Sama, sendo traduções do japonês para o português de responsabilidade do setor de tradução da Igreja Messiânica Mundial.

Para Ribeiro (2011) tanto a Igreja Messiânica como a Fundação Mokiti Okada têm o objetivo de levar os ensinamentos de Meishu-Sama para a sociedade: a primeira o faz através do *Johrei* (cujo uso está diretamente atrelado à religião); a segunda através do Belo, Agricultura e Alimentação Natural e por meio de projetos sociais.

As áreas de atuação da FMO correspondem aos ensinamentos de Meishu-Sama e as práticas realizadas pelos membros. As atividades desenvolvidas correspondem a atividades que comportam as três colunas de salvação da IMM. Desta forma as áreas de atuação são: *Ikebana Sanguetsu*;

Instituto Arte e Cerâmica; Setor Musical; Cultura e Arte; Alimentação Natural; Centro de Pesquisa Mokiti Okada; Espiritualidade e Saúde; Planeta Azul; Faculdade Messiânica; Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade Socioambiental; Editorial – publicações.

2.3.2 Korin Empreendimentos

A Korin empreendimentos foi fundada em 1994. Apresenta visão empresarial baseada na filosofia e no método de Agricultura Natural de Mokiti Okada – Meishu-Sama. A empresa privilegia o perfeito equilíbrio entre preservação e uso dos recursos naturais.

A Korin foi fundada a partir da afinidade eletiva com esta coluna de salvação por nove famílias messiânicas. De acordo com Fonseca (2018) a princípio as famílias não tinham objetivos comerciais.

Durante um longo período de mais de 10 anos aconteceram investimentos significativos sem um retorno proporcional, uma vez que os resultados produtivos obtidos eram muito reduzidos. Foi só a partir de 2007 que uma mudança de gestão permitiu promover acertos estruturais, investindo num quadro de colaboradores profissionalizado. Desta maneira, a empresa reorientou suas estratégias, valendo-se de uma crescente onda de consumo moldada principalmente por anseios de saúde e bem-estar. Com tal orientação, já a partir de 2008, resultados positivos começaram a acontecer, o que perdura atualmente, de forma cada vez mais consolidada (DEMATTE FILHO, 2014, p. 25).

O principal objetivo da Korin é contribuir para a expansão da Agricultura Natural e, conseqüentemente, para o desenvolvimento pleno e sustentável de seus praticantes, priorizando a qualidade de vida, o meio ambiente e a responsabilidade social.

A *holding* Korin Empreendimento e Participações LTDA é a empresa que gerencia e controla as atividades da Korin Agropecuária LTDA e de outras corporações, tais como a Korin Meio Ambiente LTDA; Korin Alimentos LTDA; CNM - Serviços de Jardinagem e Paisagismo LTDA e a CNM – Construtora Novo Mundo LTDA (IZUNOME, 2011, p. 12)

Conforme apresenta Fonseca (2018) atualmente, o mercado da Korin extrapola o ambiente religioso. No interior de São Paulo, Ingrid e Karen trabalham juntas com terapia bioenergética: a partir da análise energética de seus pacientes, prescrevem um determinado tipo de homeopatia ou chá. Além disso, durante as

consultas, ambas costumam recomendar aos pacientes que modifiquem parte de seus hábitos, sobretudo os alimentares: apesar de serem vegetarianas e de grande parte da clientela se alimentar carne, as terapeutas recomendam a ingestão do frango da Korin, em virtude de o mesmo ser orgânico e, portanto, não/menos nocivo à saúde (FONSECA, 2018, p. 134).

Atualmente, a agroindústria atua transversalmente em diversas cadeias produtivas que variam desde a comercialização e produção de legumes, frutas e verduras orgânicas; produção e comercialização de insumos para a agricultura orgânica e sustentável – a exemplo do Bokashi (fertilizante natural) e das sementes orgânicas; produção de ovos, carnes, peixes e frangos e outros produtos, café, mel, óleo de soja orgânico, arroz orgânico, feijão orgânico, pipoca, entre outros produtos. Atualmente, a Korin possui em seu portfólio 200 produtos. O maior volume e o que apresenta maior percentual de lucro continua sendo o frango, porém o leque tem aumentado, tanto em quantidade quanto em diversidade.

Também é atividade do grupo Korin orientar tecnicamente os agricultores, para o fortalecimento de unidades agrícolas familiares sustentáveis, adotando e transferindo iniciativas tecnológicas inovadoras gerando desenvolvimento econômico e social aos praticantes.

Conforme apresenta no site institucional “Temos o compromisso de desenvolver uma prática agrícola justa, capaz de oferecer alimentos puros, sem prejuízo à saúde do lavrador e do consumidor, resguardando a integridade ambiental”. O grupo Korin mantém a responsabilidade ética garantindo não só a qualidade desde a origem ao produto final

Os produtos da Korin estão classificados em três linhas: Sustentável, Orgânica e de Agricultura Natural, em uma sequência crescente de valores.

Ao verificar o site institucional da empresa é possível identificar que os produtos apresentam em seu rótulo apenas a identificação de produto orgânico. Esta certificação é credenciada pelo Ministério da Agricultura. A legislação brasileira (Lei 10.831/03) é atendida e, por isso, os produtos são denominados “orgânicos”, recebendo o selo do Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade Orgânica (SisOrg). No Brasil não ainda não há uma certificação para produto orgânico natural.

A Linha Orgânica apresenta produtos certificados, enquanto que a Linha da Agricultura Natural foi criada com o propósito de se tornar o caminho a ser seguido por todos os produtores, propondo um cultivo natural onde exista a harmonia entre o meio ambiente, a alimentação, a saúde do homem e também a espiritualidade (RELATÓRIO DE AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS KORIN AGROPECUÁRIA, 2015, 30).

A agricultura orgânica e natural difundida pela Korin não consiste apenas em não usar agrotóxicos, mas também, e fundamentalmente, pelo respeito à natureza e seus ciclos e pelo equilíbrio entre o homem e o meio ambiente (RELATÓRIO DE AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS KORIN AGROPECUÁRIA, 2015, p.21).

De acordo com Fonseca (2018) ainda que tal distinção não seja clara, a empresa sinaliza que tem como missão a utilização de métodos produtivos que gradativamente concretizem a Agricultura Natural, objetivo claramente alicerçado nos ideais religiosos da Igreja Messiânica Mundial.

De acordo com o “Relatório de Ações Socioambientais Korin Agropecuária”, (2015) os produtos da Linha Sustentável, são os primeiros na linha de “evolução” para a Agricultura Natural, eles apresentam características que lhes garantem diferenciais de mercado. Desta forma essa Linha Sustentável apresenta as seguintes características:

são livres de aditivos químicos, quimioterápicos e conservantes. Além disso, são economicamente viáveis, ecologicamente corretos, socialmente justos, culturalmente aceitos, levam em consideração o bem-estar animal e são baseadas em práticas de comércio justo, que valorizam o produtor (RELATÓRIO DE AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS KORIN AGROPECUÁRIA, 2015, p. 30).

Como dito acima, No Brasil não há uma certificação para os produtos “Orgânico Natural”, como alternativa nos rótulos dos produtos da Korin é possível encontrar a descrição “Linha Sustentável”.

2.3.3 A IMMB Em Goiânia

A experiência feita com o sagrado provoca no sujeito crente uma variedade de sentimentos carregados também de valores morais que Otto (1985) chama de numinoso. Desta forma a história da IMMB em Goiânia se entrelaça à

história de vida de Sandra Maria Dorna Sartori, uma carioca que através da sua experiência religiosa difundiu os ensinamentos de Meishu-Sama.

Conforme anotações pessoais de Sandra Maria Dorna Sartori cedida para essa entrevista, em janeiro de 1968, recém-casada Sandra Maria Dorna Sartori saiu do Rio de Janeiro, para residir com seu esposo Alberto em Goiânia. Logo após, seu irmão, foi transferido para São Paulo e sua avó, faleceu. Sua mãe entrou em uma tristeza profunda.

Nesta época uma grande amiga contou que havia no Rio de Janeiro um japonês que fazia milagres com as mãos e levaram a mãe de Sandra até ele e ela ficou muito impressionada com a oração, ou seja, o *Johrei* e com o japonês Tetsuo Watanabe, que mais tarde se tornou o Presidente da IMMB (Atualmente é falecido).

Nas palavras de Sandra, em entrevista concedida para essa pesquisa, realizada no dia 14 de outubro do ano de 2019.

no dia seguinte retornaram lá, minha mãe, meu padrasto e minha tia. Dois meses depois, em novembro de 1968, os três receberam o *Ohikari* e passaram a dedicar suas vidas à Obra Divina. Quando soube disso, achei interessante, mas não me despertou a vontade de saber o que era realmente. Meu marido, Alberto, e eu vínhamos de famílias católicas, mas não éramos praticantes, nem sequer íamos à missa. Acreditávamos que bastava acreditar em Deus e em alguns santos.

Já em Goiânia com sua mãe e seu padrasto, então Sandra recebeu o seu primeiro *Johrei*. Segundo ela, na mesma entrevista:

Meu padrasto ministrou-me o meu primeiro *Johrei*, num profundo silêncio, comecei a sentir grossas lágrimas rolares pelo meu rosto. Fiquei surpresa, pois não via motivo para isso, eu estava feliz com eles na minha casa e tudo estava em harmonia. Perguntei-lhe porque eu estava chorando e ele, sabiamente, me respondeu: para não preocupar com isso. Mas ele sabia o que eu só entenderia anos depois; era a manifestação de emoção dos meus antepassados, de alegria e gratidão da minha alma, pois esse estava sendo o meu primeiro encontro com Meishu-Sama.

Tudo corria bem na vida de Sandra, porém ela sentia um enorme vazio dentro de si. Ela se sentia tão longe de Deus e questionava como poderia aproximar Dele. Este foi um sentimento que ela não revelou a ninguém nem mesmo ao seu marido.

Após este fato, Sandra narra que:

Certo dia fomos a Itapira – São Paulo, onde residia a família do Alberto, meu esposo. Lá uma irmã da minha sogra, espírita Kardecista, me disse: Sandra, minha mãe (avó do Alberto que não conheci, pois faleceu antes de iniciarmos o namoro), apareceu para mim mandando uma mensagem para você. Ela disse que você está angustiada em busca de uma religião, mas em breve você vai conhecer uma à qual vai se dedicar para o resto da sua vida. Fiquei pasma, como ela pôde conhecer meus sentimentos se eu não contara à ninguém? Eu não acreditava em espíritos, diante disto não podia duvidar e revelei o que realmente sentia e ainda perguntei: Mas ela disse qual é a religião? Porém ela respondeu que não. Voltamos para casa, pensei nas religiões que conhecia de nome (nem sequer me lembrei da Igreja Messiânica dos meus pais) e concluí que deveria ser uma católica praticante.

Depois de assistir três missas, Sandra continuava sentindo o mesmo vazio e então resolveu esquecer esse assunto. Durante quatro anos, sua família enviava do Rio de Janeiro livros com os Ensinamentos de Meishu-Sama e contavam da alegria com que dedicavam¹¹. Estavam felizes servindo e já haviam conduzido outras pessoas para servirem também.

Sandra conta que não entendia muito bem os Ensinamentos de Meishu Sama, mas ao ler sobre pragmatismo ficou muito impressionada.

Sempre imaginei que quem tinha fé deveria praticá-la e não guardá-la para si. Isto despertou meu interesse, mas somente quando li o Ensinamento "Sabor da Fé", é que senti como se uma barreira dentro de mim se quebrasse, minha cabeça fervia e eu dizia É isto que tanto procuro e senti uma felicidade nova, algo que não pensava existir, tudo em mim vibrava na expectativa de saber mais, de me aproximar de Deus

Sandra continua, “então telefonei para minha mãe e perguntei como fazia para ingressar nessa religião?. Ela chorou e me disse: o Ministro Watanabe sempre diz sua filha será nossa primeira 'pedrinha' no estado de Goiás. Vou falar com ele”

O ministro Watanabe solicitou que Sandra fosse ao Rio de Janeiro assistir aulas para receber o Ohikari. Sandra conta que

Ele autorizou que eu assistisse o que fosse possível. Eu já estava com três filhos, no início da gravidez do quarto filho e só poderia passar quinze dias no Rio. Era a primeira vez que eu entrava num templo messiânico. No Culto de Outorga¹², dia 17 de dezembro de 1972, eu mal sabia como me comportar, me sentia confusa, não compreendendo nada do ritual da cerimônia. No dia seguinte eu e minha mãe voltamos à Igreja para fazer oração e falar com o responsável, Ministro Watanabe, pois

¹¹ Dedicar é uma expressão utilizada pela IMM que significa “serviço voluntário”. O membro pode dedicar tanto dentro como fora da Igreja. Dentre os vários tipos de dedicação se tem a dedicação de tempo e oferta monetária. A oferta monetária é mais conhecida pelo termo “donativo”.

¹² Outorga: Cerimônia realizada para entrega do *Ohikari*. O outorgado passa a ser membro da IMM

naquele mesmo dia já voltaria para minha casa. Ao entrar em seu gabinete, me entregou uma apostila dizendo: Come a divulgação da obra Divina no estado de Goiás e diga ao seu marido que peço para ajuda-la". Aquilo foi um choque! Minha vontade era sair correndo, fazer de conta que nada daquilo tinha acontecido, me arrependi de estar ali, senti dor no estômago e frio na barriga. Mas a única coisa "que fiz foi dizer: Sim senhor

Após o retorno à Goiânia, o sogro de Sandra ficou doente e ela e seu esposo foram a Itapira - SP. Seu sogro foi diagnosticado com câncer. Sua sogra era católica e solicitou assistência na paróquia, então diariamente levavam a eucaristia a seu sogro. A cunhada de Sandra era espírita e lhe aplicava passes. Embora não praticasse nenhuma religião, o seu sogro aceitava todo tipo de ajuda.

Sandra acrescenta

me disseram que com o *Ohikari* levo a Luz de Deus às pessoas, se for verdade, posso ajudá-lo. Então passei a lhe ministrar *Johrei*, mesmo sem nenhuma convicção. Até que um dia Dona Sílvia me falou: O Antoninho me disse que não entende o que você faz para ele, mas é a única coisa que alivia seu sofrimento. Fiquei surpresa e feliz e pude ministrar-lhe *Johrei* até no seu último momento de vida.

Para Sandra essa primeira experiência caracteriza o alicerce de toda sua vida missionária.

Ao retornar a Goiânia Sandra relata dois fatos que como consequência despertara o início da religião messiânica em Goiânia. O primeiro:

Um dia, indo à padaria, a vizinha da casa em frente à minha, Dona Aparecida, puxou conversa comigo e me falou da sua filha caçula, que sofria de convulsões diariamente, precisando ser levada ao hospital todas as noites, além disso, sofria retardo mental, tinha doze anos, mas sua idade mental era de quatro anos. Com muito acanhamento perguntei se ela aceitava que eu fizesse uma oração para a menina. Ela aceitou e logo depois fui à sua casa onde ministrei *Johrei* em sua filha. Naquela noite a menina já não foi ao hospital.

Sandra ministrava *Johrei* todos os dias e as convulsões da menina foram diminuindo até desaparecerem por completo. Em poucos meses, uma avaliação com a psicóloga, ficou constatado conforme relato de Sandra que sua idade mental de 4 anos passara para o equivalente a 8 anos. A mãe da menina, Dona Aparecida, veio a se tornar a primeira membro de Goiânia.

O segundo fato importante foi que um rapaz de São Paulo que era frequentador na Sede Central da Igreja Messiânica, recebeu o endereço de Sandra e foi até sua casa. Conforme relato de Sandra esse foi o começo de uma

importante etapa, pois junto com este rapaz começaram a vir jovens dependentes químicos.

A fama da casa de Sandra começou a espalhar. Outras pessoas começaram a ir receber *Johrei* à tarde e à noite. Segundo relata ela

Havia dias em que me desesperava, sozinha, não sabia como atender à minha família e às pessoas que me procuravam. Naquela época, Alberto trabalhava muito, dava muito plantão e eu não podia contar com ele para me ajudar com as crianças. Muitas noites quando a última pessoa saía olhava meus filhos dormindo no sofá, no chão, sem comer ou tomar banho, eu chorava e perdia perdão a eles.

Sandra conta que a carga em realizar tudo sozinha estava pesada. Seu esposo não participava dessas atividades, e também não se opunha ao que Sandra fazia. “Certo dia senti que não aguentava mais tudo aquilo, vou comunicar às pessoas que não posso mais atendê-las e nem ministrar *Johrei*. Preparei-me para isso sentindo um alívio”.

Neste mesmo dia, chegou uma senhora que com seu filho que estava prestes a cometer suicídio. Sandra imediatamente foi até o rapaz e ministrou *Johrei* até que ele desistisse do suicídio. Segundo Sandra,

Naquela noite o meu choro foi de vergonha, pois entendi a resposta de Meishu-Sama e pela primeira vez pedi com muita humildade e sinceridade que ele me ajudasse, que me desse condições para continuar a sua Obra. Logo após este acontecimento alguns frequentadores manifestaram o desejo de receber o *Ohikari*.

Diante do ocorrido, os familiares de Sandra vieram do Rio para Goiânia. Enquanto sua mãe ajudava com as crianças, seu padrasto dava aulas de iniciação e levava os futuros membros para serem outorgados em Brasília. “Dividi minha sala, metade com sofás e TV e na outra metade, seis cadeiras e seis banquinhos. Um vizinho fez banquinhos e cadeiras e uma moldura para a pequena foto de Meishu-Sama que colocamos na parede e para onde dirigíamos as nossas orações” Este quadro é guardado por Sandra como uma relíquia.

O responsável pela Igreja em Brasília, periodicamente vinha à Goiânia acompanhando e orientando o desenvolvimento dos membros. Foi organizada uma grande outorga para 22 membros.

Com o número de membros aumentando, foi necessário alugar um local exclusivo para realizar as atividades. Para pagamento do aluguel cada mês Sandra penhorava joias que nunca foram resgatadas, vindo a perder todas.

A frequência de pessoas continuava aumentando, vários daqueles jovens usuários de drogas, que não haviam se recuperado, continuavam frequentando a casa. Os vizinhos ficavam incomodados e ameaçaram chamar a polícia para tirar os jovens dependentes químicos juntamente com Sandra e sua família.

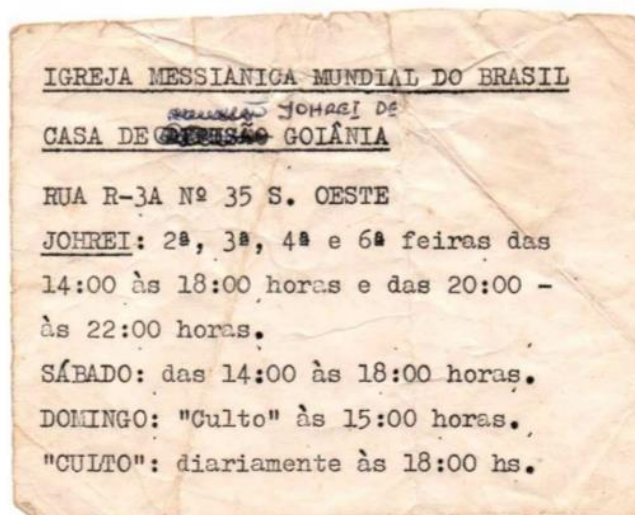
Sandra narra que certo dia uma jovem, que havia acabado de receber o *Johrei*, ao ir embora foi surpreendida por um cão raivoso que ameaçava lhe atacar. Ainda, segundo Sandra, ela gritou "Meishu-Sama" e levantou a mão na direção do cão, imediatamente ele se abaixou, deitou e foi se acalmando, até que se levantou e foi embora. Esse fato, conforme a entrevistada, fez com que muitos vizinhos ao verem esta cena deixassem de lado as ameaças e duas vizinhas se tornaram membros.

Em 1975 houve uma mudança para uma casa maior e confortável. Porém em alguns meses, tudo mudou. Diminuiu a frequência e muitos membros se mudaram para outros estados. Sandra se sentiu triste diante da situação, mas não desistiu.

Em 15 de novembro de 1975, os membros de Goiânia tiveram a permissão para tornar oficialmente "Casa de Reunião de Goiânia". A Igreja Messiânica já se tornara bem conhecida em Goiânia e passou a realizar exposições de artes em galerias com obras de artistas já renomados, o que despertava no público uma curiosidade em conhecer uma religião que se interessava em divulgar arte, já que a terceira coluna de salvação da IMM é o belo.

No ano de 1981 "A casa de Reunião de Goiânia" mudou para outro local e teve início uma nova fase. A figura abaixo apresenta o panfleto informativo com o horário das atividades realizadas na casa de Reuniões de Goiânia.

Figura 3 - Panfleto informativo



FONTE: Arquivo Pessoal de Sandra Maria Dorna Sartori

Conforme anotações pessoais de Sandra Maria Dorna Sartori cedidos a esta entrevista, em 1982 houve a formatura da primeira turma de alunos de *Ikebana*¹³, A Academia *Sanguetsu*¹⁴ no decorrer desses anos, formou professoras e várias turmas de membros e não membros. Tem participado ativamente junto ao Governo do Estado e do Município com exposições e distribuição de mini arranjos a toda a sociedade. Neste mesmo ano, Goiânia foi à primeira cidade brasileira a ter instituído pela Câmara Municipal o "Dia do *Ikebana*", 21 de setembro, que se comemoram com uma exposição de arranjos na própria Câmara de Vereadores de Goiânia.

Pela ativa participação dos membros em atividades beneficentes, filantrópicas, culturais, assistenciais, em 9 de junho de 1994 Sandra recebe o título de Cidadã Goianiense, por indicação do Vereador Hélio Seixo de Britto.

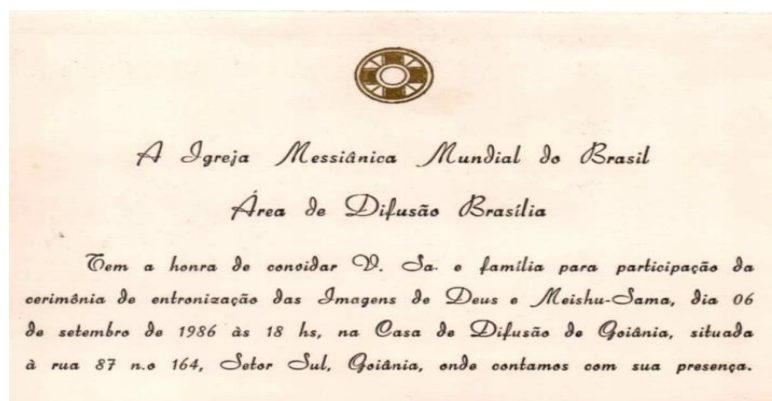
Em 1986, o Reverendo Yamamoto celebrou o culto de entronização das Imagens de Deus e de Meishu-Sama, deste modo a "Casa de Reunião de Goiânia passa a se chamar Casa de Difusão"¹⁵. A figura abaixo apresenta o convite distribuído para a celebração deste culto.

¹³ Ikebanas: arte de arranjos florais. Essa arte faz parte da III Coluna de Salvação. Os messiânicos praticam a arte da Ikebana Sanguetsu que respeita e valoriza a Grande Natureza não modificando os tamanhos, formatos das flores, folhas e galhos utilizados. (<https://www.fmo.org.br/sanguetsu/>)

¹⁴ Sanguetsu" é composto por "San" (montanha) e "Guetsu" (lua), remete à imagem da Lua que se ergue atrás das montanhas. O estilo Sanguetsu respeita e valoriza a Grande Natureza e possui como princípios básicos a Verdade, o Bem e o Belo. Seu objetivo é contribuir para a construção de um mundo melhor e formar pessoas de mente e sentimentos belos. (<https://www.fmo.org.br/sanguetsu/>)

¹⁵ A casa de reunião são unidades de pequeno porte. Subordinam-se à casa de difusão e, geralmente, têm como responsáveis um ministro assistente ou um assessor de ministro. A casa de

Figura 4 - Convite do culto de entronização



FONTE: Arquivo Pessoal de Sandra Maria Dorna Sartori

A expansão pelo estado começou pela cidade de Anápolis, para onde semanalmente o missionário, Sr. Correia ia dar aulas e assistência. Na cidade de Goiás, foi residir Cristina, membro do Rio de Janeiro.

Sandra atribui que esse desenvolvimento só foi possível graças aos milagres que ocorreram através do *Johrei*.

Diante das informações obtidas em relação à história da IMMB em Goiânia retomo a minha hipótese quanto a ausência de afinidade eletiva em relação a segunda coluna de Salvação da IMM (Agricultura e alimentação Orgânica Natural). A difusão messiânica em Goiânia se deu enfatizando apenas a Primeira coluna de Salvação (o *Johrei*), que de acordo com Gonçalves (2009) não apresentam a mesma hierarquia. A adesão do Goiano se deu através dos benefícios de cura do *Johrei*. Talvez a busca pela cura, já presente no *ethos* cristão brasileiro, gere afinidade com essa coluna de salvação, e seja o principal motivador para adesão às representações disponibilizadas pela IMM. Diante de tal fato, isso também explica a pouca adesão dos membros à segunda coluna.

A partir de 1994, Sandra deixa de ser responsável pela difusão da IMMB. Porém continuou se dedicando junto aos membros. Seu esposo (atualmente falecido) e seus filhos também se tornaram messiânicos e são “dedicantes”¹⁶.

difusão é uma divisão territorial de médio porte entregue à coordenação, geralmente de um ministro adjunto. Subordina-se à igreja. (RAFFO, 2014, p. 106)

¹⁶ Membro que desempenha voluntariamente em servir a Deus e ao próximo por meio da prática da fé messiânica (RAFFO, 2014, p.28).

No decorrer dos 30 anos (1972 – 2002) foram realizadas inúmeras atividades e eventos: Formação de Ministros, seminaristas e missionários; Seminários interestaduais de missionários e de jovens; Aprimoramentos para membros; Simpósios de saúde; Exposições de Ikebana; Exposições de artes plásticas; Campanha de Natal; Atividades festivas em creches e asilos para idosos; Participação ativa dos membros, do início à conclusão do Solo Sagrado do Brasil; Trabalhos e eventos em parceria com os Governos Estadual e Municipal, Polícia Militar e Juizado de Menores em relação às leis de trânsito, faixa de pedestres, meninos de rua, colégios; Distribuição de mini-arranjos em eventos governamentais, entre outros.

No dia 10 de novembro de 2002, Tetsuo Watanabe que na época era o presidente da IMMB esteve em Goiânia e este momento foi de muita importância para os messiânicos de Goiânia.

Sandra narra que

Olhando para trás sinto como se não tivesse passado tão longo tempo. Parece que tudo começou ontem, tão gratificante foram os anos de aprendizado, de experiências, de ver o servir multiplicado pela dedicação incansável de tantos membros. Vivenciamos e vivenciaremos sempre o que de mais belo Meishu-Sama nos proporcionou: O sabor da fé.

Atualmente o local de encontro dos messiânicos chama-se *Johrei Center* Extensão Goiânia conforme apresentado na figura 5 e 6. Fica localizado no Setor Marista e recebe diariamente membros e frequentadores de diversas localidades.

Figura 5 e 6 – *Johrei Center* Extensão Goiânia



Fonte: <https://Johrei-center-extensao-goiania.business.site/#gallery>

3 O REAL: A II COLUNA DE SALVAÇÃO NA IGREJA MESSIANICA MUNDIAL DO BRASIL – JOHREI CENTER EXTENSÃO GOIÂNIA

Neste capítulo serão abordados os resultados da pesquisa empírica para fomentar o diálogo com o campo teórico. Assim, serão apresentados os dados obtidos na pesquisa de campo, a partir do que pôde ser captado em relação ao *habitus* dos messiânicos durante a reconstrução da trajetória de vida e observação participante. O resultado obtido refere-se aos sentidos atribuídos pelos messiânicos à alimentação para verificar a afinidade eletiva entre esses sentidos e os ofertados pela Igreja Messiânica do Brasil, em especial, pelo *Johrei Center* Extensão Goiânia em relação à coluna de salvação da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural preconizada por Meishu-Sama.

Os locais de observação foram: *Johrei Center* Extensão Goiânia, localizada na Rua T 53, nº 238 Setor Marista – Goiânia-GO e o solo Sagrado de Guarapiranga localizado na cidade de São Paulo.

Para tanto, foram realizadas entrevistas, no ambiente natural do entrevistado que seguiram um roteiro de perguntas. A entrevista e a observação participante permitiram obter informações de dados subjetivos, estes que se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Ao passo que a História de vida possibilitou acessar a gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação, o foco não foi apenas captar o testemunho dos indivíduos, seus sentimentos, explicações e reações para suas ações, mas captar o que subjaz essas manifestações, ou seja, as relações entre as condições de existência, a consciência, as práticas e as ideologias de cada participante. Ou seja, nossa busca com a História de Vida, as entrevistas e a observação participante foi apreender o sistema de disposições duráveis e transferíveis, que funciona como princípio gerador e organizador de práticas e de representações, associado a uma classe particular de condições de existência, que Bourdieu (1989) chama de *habitus*.

A pesquisa compreende dez histórias de vida de dez membros messiânicos do *Johrei Center* Extensão Goiânia, sendo cinco membros que se consideram adeptos a II Coluna de Salvação e outros cinco membros que se consideram não adeptos a II Coluna de Salvação. Para a identificação dos entrevistados estes foram divididos em dois grupos: aos adeptos a II Coluna de

Salvação receberam a sigla “A” acrescida de número sequencial; aos não adeptos a II Coluna de Salvação receberam a sigla “N” acrescido de número sequencial. Assim temos: sujeitos (1A), (2A), (3A) (4A) (5A), (1N), (2N) (3N) (4N), (5N). Os entrevistados são de ambos os sexos, levando em consideração a idade superior a 18 anos e serem membros (outorgados) messiânicos pelo menos há um ano.

Para os dez membros entrevistados por opção da pesquisadora foi mantido o sigilo dos nomes. Para os demais relatos o nome foi mantido uma vez que os colaboradores quiseram suas identificações.

Quando ao perfil dos membros messiânicos entrevistados, 50% dos entrevistados se declaravam do sexo masculino e 50% se declaravam do sexo feminino. Quanto aos membros adeptos da II Coluna 60% se declaravam do sexo feminino e 40% se declaravam do sexo masculino. Para os membros não adeptos da II Coluna de Salvação 60% dos entrevistados se declaravam do sexo masculino e 40% se declaravam do sexo feminino.

50% dos adeptos da coluna de salvação são Goianos e 50% dos não adeptos a coluna de salvação são de outros estados do Brasil predominando a região centro-oeste.

60% dos entrevistados são autônomos e possuem curso superior. A média salarial tanto para adeptos e não adeptos da coluna de salvação são de quatro salários mínimos vigentes.

Tendo como método de pesquisa a história de vida fundamentada em “conhecimentos subjetivos e condições objetivas analisadas” considerando a narrativa pessoal dos dez entrevistados e os elementos que compõe o *habitus* de cada indivíduo que se estruturam pelo contexto religioso e social, gestos, sentimentos e simbolismos que passam a ser associados na história do indivíduo compondo sua estrutura social visível e invisível de “reconstruir a vivência” (ROSENTHAL, 2014, p. 214).

As experiências vividas pelos entrevistados fazem referência à forma que atualmente se lida com o passado como também ao que foi vivido no momento ocorrido. Desta forma

É possível, sobretudo, que no processo de rememoração exigido ou induzido pela narração se apresentem impressões, sentimentos, imagens, percepções sensoriais e físicas ou componentes até agora recalçados das situações lembradas que não sejam compatíveis com a perspectiva do presente, não correspondam ao interesse da

apresentação e às regras dos discursos sociais atuantes no presente, ou então que há muito tempo não são lembrados ou sobre os quais ainda não falou (ROSENTHAL, 2014b, p.231).

A história de vida é um método que possibilita ao pesquisador e entrevistado “uma relação em que a ética e a dimensão de alteridade são fundamentais”. Durante todo o processo de fala do entrevistado as lembranças não são apenas uma repetição do que foi vivido, mas se trata de um trabalho de reconstrução e deslocamento, que possibilita captar as estruturas objetivas que conformaram a *práxis* do sujeito.

Desse modo, para estruturar os sentidos possíveis que orientam as escolhas dos messiânicos no contexto de Goiânia, utilizou-se a construção de tipos ideais, conforme indica Weber (2003). Assim, a fim de visualizar as afinidades eletivas entre os tipos ideais e a realidade empírica a partir da história alimentar do Brasil e de Goiás, foram construídos tipos ideais de sentidos possíveis atribuídos à alimentação, com o intuito de comparar o mundo social empírico, no contexto do *Johrei Center* em Goiânia.

Deste modo serão utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos de Weber (2003) para fins metodológicos e não analíticos, uma vez que Weber (2003) parte da perspectiva ocidental Europeia para entender a religião e a sua compreensão sobre a religião não é apreensível para dinâmica que ocorre na IMM.

Levaremos em consideração cinco tipos ideais do *ethos* alimentar goiano ao analisar os depoimentos dos adeptos:

- 1 - *habitus* caipira ligado ao consumo de alimento natural;
- 2 - *habitus* caipira ligado ao sustento;
- 3 - *habitus* caipira ligado ao *status*;
- 4 - *habitus* caipira pouco habituado a alto investimento em alimentação;
- 5 - *habitus* caipira espiritualista e ecológico.

Para compor a observação participante, foram realizadas também observações no culto, na rotina diária dos messiânicos na igreja, viagens em caravanas, cursos e vivências e em outros ritos tendo como objetivo principal o foco na coluna de salvação – Agricultura e Alimentação Orgânica Natural. As

observações foram feitas de forma espontânea e mediante autorização dos membros.

Os dados apresentados é fruto da pesquisa participante na IMMB – *Johrei Center Extensão* Goiânia de agosto a dezembro de 2019 e também da visita ao Solo Sagrado de Guarapiranga em abril de 2019. Neste período foi me possibilitado participar de momentos significativos com os membros da igreja.

Neste processo, encontrei desafios, mesmo não sendo messiânica construí uma relação de amizade com os membros do *Johrei Center* e messiânicos de outras demais localidades do país. As minhas visitas constantes ao local de encontro dos membros em Goiânia eu já estava recebendo atribuições de membros principalmente no que se refere a II Coluna de Salvação, desta forma, em diversos momentos houve a necessidade de afastar do meu objeto de estudo.

Como suporte para a pesquisa de campo, foi utilizado o instrumento ‘diário de campo’ para análise do objeto investigado. De acordo com Minayo (2014, p. 295) neste instrumento deve conter informações escritas de impressões pessoais que não foram coletadas nas entrevistas e que são resultados de conversas informais e observações comportamentais.

3.1 O REAL NO PROTÓTIPO DO PARAÍSO TERRESTRE: VISITA AO SOLO SAGRADO DE GUARAPIRANGA-SP

Para adentrarmos nessa temática, julgo necessário compreender a concepção de Paraíso Terrestre, uma vez que é tão enfatizado e difundido na doutrina da Igreja Messiânica Mundial.

Conforme apresenta Meishu-Sama, Paraíso Terrestre “é uma expressão que soa maravilhosamente. Não há nada que inspire mais Luz e Esperança”. Para muitos essa expressão é considerada utópica, porém Meishu-Sama se posiciona diferente dizendo: “Quanto a mim, creio na sua chegada e sinto-a bem próxima” (FMO, 1978, p.9).

Ao definir o que seja Paraíso Terrestre, o fundador da IMM apela para a imaginação e descreve:

O Paraíso Terrestre pode ser compreendido como o Mundo dos Felizes. Será um mundo de alta civilização, sem doença, sem miséria e sem conflito. Nós é que temos de encontrar a forma de minorar o sofrimento

humano e transformar este mundo repleto de males em Paraíso (FMO, 1978, p.9).

Desta forma, Meishu-Sama considera que o Paraíso Terrestre é o mundo dos felizes e, neste lugar onde pessoas se reúnem e se tornam felizes, ali está estabelecido o Paraíso Terrestre, onde não há pobreza, conflito e doença.

A proposta ideológica de Paraíso Terrestre pode ser verificada nas palavras proferidas pelo fundador da IMM, uma vez que ele compara a sua proposta com demais denominações religiosas

Não há dúvida de que “Paraíso Terrestre” é uma expressão que se refere ao mundo ideal, onde não existe doença, pobreza nem conflito. O “Mundo de Miroku”, anunciado por Buda, a chegada do “Reino dos Céus”, profetizada por Cristo, a “Agricultura Justa”, proclamada por Nitiren, e o “Pavilhão da Doçura”, idealizado pela Igreja Tenrikyo, têm o mesmo significado. (ANTONIO *apud* FMO, 2003, p.9)

Conforme apresenta Clarke (2002, p. 21) para a Igreja Messiânica Mundial, “o avanço espiritual depende da construção do paraíso na terra” uma vez que, no mundo espiritual não é possível crescer. Desta forma, para que ocorra esse crescimento é preciso voltar à terra várias vezes. Porém para que as voltas apresentem eficácia, “as condições da terra precisam ser favoráveis”. De acordo com Clarke (2002) todos estes fatores correspondem ao motivo espiritual para a construção do paraíso na terra.

Conforme nos apresenta Fmo (1983, p. 240) Meishu-Sama ensina que “as realizações Divinas são elaboradas em forma extremamente pequena e vão se expandindo gradativamente até que adquirem amplitude Mundial.” Por acreditar que, “tudo se desenvolve a partir de uma pequena forma ou um pequeno modelo”, em 1945 no Japão, juntamente com os membros da IMM, Meishu-Sama inicia a construção de protótipos do Paraíso Terrestre, chamado por ele de Solos Sagrados. Mesmo diante de inúmeras dificuldades do período pós II Guerra Mundial, o fundador da IMM desenvolveu a construção do primeiro protótipo do Paraíso Terrestre uma vez que, estava absolutamente convicto de que essa construção “possuía um profundo significado no desenvolvimento da providência Divina” (FMO, p. 240).

Meishu-Sama estabeleceu nas cidades de Hakone, Atami e Kyoto, no Japão, modelos de Solos Sagrados que pudessem ser construídos pelo mundo. Conforme apresenta Clarke (2002, p.22), os protótipos de Hakone, Atami e Kyoto

ensinam que “a virtude e a verdade ao serem transmitidas” apresentando a “beleza na forma de caligrafia, cerâmica, horticultura, pintura, a arte e as coisas belas em geral, uma lição que as religiões e as antigas civilizações tinham esquecido”. Clarke (2002, p. 22) ainda acrescenta que, para o fundador da IMM, o mal que está enraizado na mente humana pode ser extinto. Uma doença causada por pensamentos errados, pode ser extinta através da “purificação da mente por meio de *Johrei*, Agricultura Orgânica Natural (*shizen noho*) e o belo, é lógico que todas as desvantagens, pobreza, miséria etc., podem também ser erradicadas”.

A concepção de Paraíso Terrestre na Doutrina Messiânica não se limita a construção (no sentido de lugar) de um mundo paradisíaco uma vez que são construídos modelos deste mundo, mas na transformação de seres humanos em paradisíacos que promovem a construção deste mundo isento de pobreza, conflito e doença e prevaleça a Verdade, o bem e o belo.

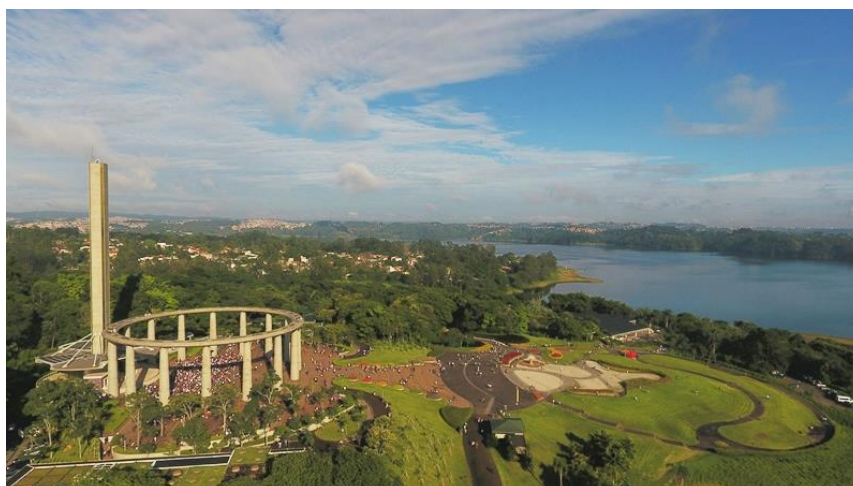
Para tanto, Okada construiu três paraísos em miniatura no Japão, nas cidades de Hakone, Atami e Kyoto, que deveriam ser a inspiração para a construção de protótipos semelhantes nos outros países, até que todo o mundo se tornasse paradisíaco. Isso não significa, porém, transformar o planeta num imenso Jardim do Éden. A construção do paraíso, segundo os textos de Mokiti Okada, significa a construção de seres humanos paradisíacos, pois, estes sim, é que estarão qualificados para a construção do paraíso em toda a Terra. Portanto, os elementos constitutivos de um protótipo, sejam arquitetônicos ou paisagísticos, tanto em sua forma como em sua função, devem apenas ser os meios de expressar, em seu conjunto, esse conteúdo e inspirar os seus visitantes a participarem dessa obra que os messiânicos consideram mundial (RIBEIRO, 2009, p. 02).

Criação Divina e criação humana são características que compõe a harmonia dos Solos Sagrados. De acordo com o site institucional da IMMB, Meishu-Sama tinha como objetivo deixar para a humanidade o suporte para a construção de um mundo ideal consolidado na Verdade, no Bem e no Belo.

Conforme já mencionado, uma vez que para os messiânicos o avanço espiritual depende da construção do Paraíso Terrestre, a Igreja Messiânica Mundial possui Solo Sagrado de Atami, Solo Sagrado de Hakone, Solo Sagrado de Kyoto, estes três estão localizados no Japão, o Solo Sagrado de Saraburi localizado na Tailândia, Solo Sagrado de Cacucaco que está localizado na África, vale ressaltar que este protótipo de Paraíso Terrestre encontra-se em construção e o Solo Sagrado de Guarapiranga localizado no Brasil.

Como resultado do esforço voluntariado de milhares de membros messiânicos brasileiros, em novembro de 1995 é inaugurando o Solo Sagrado de Guarapiranga localizado na cidade de São Paulo na região de Parelheiros, numa área de 327.500 m². Esta imensa estrutura “funciona para dar aos membros uma ideia, e mais além, uma experiência parcial da vida harmoniosa e sem conflito, e um sabor do belo”. O local dá prioridade ao belo e à arte e, em consequência, está aberto para todos que visitam o caminho para crescer intelectual e espiritualmente. O Solo Sagrado de Guarapiranga é também um lugar de aprimoramento, de romaria, vivências, escola de *Ikebana Sangetsu*, e desenvolvem muitas outras atividades que compõe as práticas messiânicas (CLARKE, 2002, p.24). A figura abaixo apresenta uma vista aérea do local Sagrado para os messiânicos.

Figura 7 - Solo Sagrado de Guarapiranga localizado na cidade de São Paulo – Brasil



FONTE: <https://solosagrado.messianica.org.br/galeria>

O Solo Sagrado de Guarapiranga recebe milhares de pessoas de diversas localidades do mundo uma vez que este é o primeiro protótipo do Paraíso Terrestre construído fora do continente asiático. Visitar o Solo Sagrado faz parte das práticas messiânicas e o *Johrei Center* Extensão Goiânia realiza caravanas semestrais para o Solo Sagrado de Guarapiranga. Como parte da pesquisa de campo, em abril de 2019 foi realizada uma visita ao Solo Sagrado de Guarapiranga.

Aproximadamente 60 pessoas entre membros e frequentadores compuseram a excursão. Jovens, crianças, idosos e os ministros da Igreja participaram dessa caravana. O objetivo da caravana era levar os Jovens Messiânicos do *Johrei Center* Goiânia para participarem do “Culto Mensal dedicado aos Jovens”.

A caravana com destino ao Solo Sagrado saiu no dia 6 de abril de 2019, sexta-feira às 14h30. No dia 08 de abril de 2019 a caravana retorna para Goiânia, chegando ao seu destino final no dia 09 de abril de 2019. Para participar da caravana é cobrada a quantia de quatrocentos reais. Neste valor estão inclusos: transporte, hospedagem de uma noite em hotel em São Paulo com café da manhã incluso. Também estava incluso café da manhã e almoço no Solo Sagrado para o dia de dedicação¹⁷ dos caravanistas, este que antecede o dia do culto.

Uma vez que o aporte metodológico aqui utilizado busca captar o *habitus* atribuído à alimentação verificando a afinidade eletiva à Segunda Coluna de Salvação messiânica, a observação participante como caravanista buscou captar em detalhes a prática da Segunda Coluna de Salvação no espaço sagrado objetivado pelo fundador da IMM, onde deve prevalecer a verdade, o bem e o belo, este trio que se conecta as colunas de salvação. Minha impressão ao ter contato com esse espaço foi descrita no diário de campo:

Ao adentrar no Solo Sagrado de Guarapiranga, a dimensão arquitetônica construída pelo homem e a dimensão da natureza, se mesclam de maneira ímpar provocando aos olhos tamanha admiração. Ao caminhar pelo local, é possível verificar referências às três colunas de salvação (*Johrei*, Agricultura e alimentação Orgânica Natural e o Belo), ora em espaços separados, outras em conexão no mesmo ambiente (Diário de Campo, 07 de abril de 2019)

Apresentando uma grande área de extensão, diversas empresas viabilizam a conservação e manutenção do Solo Sagrado. As instituições: Fundação Mokiti Okada; Centro de Pesquisa Mokiti Okada; Ikebana Sanguetsu; Faculdade Messiânica; Korin Agropecuária Ltda.; Korin Meio Ambiente KMA Ltda; Korin Construtora Novo Mundo e Korin Alimentação, são parceiras responsáveis que, trabalham na promoção de práticas sustentáveis uma vez que, o respeito e o

¹⁷ Os caravanistas de Goiânia juntamente com outros de demais localidades do país cuidaram da limpeza do Solo Sagrado de Guarapiranga em preparação para o Culto Mensal de agradecimento dedicado aos jovens.

cuidado com a natureza compõem as práticas da IMM deixadas pelo seu fundador (MARQUES *et al.*, 2015, p. 3).

O sistema de gestão ambiental adotado e com simples práticas podem sustentar uma organização, que além de ganhos na qualidade da conservação e limpeza do parque, a utilização da compostagem orgânica, mantém a beleza da flora além de produzir alimentos livres de agrotóxicos que são cultivados na horta, e fornecem alimentos de qualidade para seus visitantes e voluntários (MARQUES *et al.*, 2015, p.4).

Para a prática da Agricultura Natural difundida por Meishu-Sama, o Solo Sagrado de Guarapiranga conta com os sítios Boa Vista, Casa Grande e Sol Nascente. Nestes sítios são desenvolvidos cultivos de vegetais orgânicos naturais para atender a demanda do refeitório do Solo Sagrado e também para realizar vivências e aprimoramentos com membros e frequentadores. São Plantados nos sítios alface, escarola, almeirão, cebolinha, couve, rúcula, inhame, caqui e feijão. Conforme apresentado na figura abaixo a produção de hortaliças é maior em relação o que é plantado quanto aos outros vegetais.

Figura 8 e 9 - Cultivo Orgânico e Natural de vegetais que abastecem o refeitório do Solo Sagrado.



FONTE: Arquivo pessoal de Janaina Josias de Castro

Juliano Santos, assistente de produção agrícola, biólogo, “dedicante” do setor de produção de mudas de hortaliças, destaca durante minha visita que

Todo alimento cultivado nos sítios é para abastecer o refeitório do Solo e uma vez na semana tem uma feirinha para os funcionários. Mas a principal finalidade da Agricultura Natural nesse local é que se torne um modelo de agricultura natural, onde membros da igreja, frequentadores, agricultores, e etc possam ter um momento de aprendizado, tendo um contato direto com a natureza. Desta forma será provocado o sentimento

de respeito e gratidão ao solo, aos agricultores, e ao alimento que chega a sua mesa todos os dias. (entrevista concedida para esta pesquisa no dia 07 de abril de 2019)

É perceptível na fala de Juliano o interesse em inserir os valores da IMM nos membros que visitam o Solo Sagrado. Como vimos, esses novos valores serão sempre alocados conforme o arbítrio do *habitus* originário do sujeito, mas ainda que seja mais forte, é sempre possível apreender novas informações que comporão nosso *habitus*, no entanto, as aquisições mais novas são condicionadas pelas mais antigas, daí que a figura do agricultor é sempre salientada, como uma forma de evocar o passado coletivo de agricultores.

De acordo com Juliano, a vivência é realizada com grupos de caravanistas que dedicam cerca de uma hora à atividade, proporcionando ao indivíduo vivenciar e refletir como é a vida no campo, despertando o sentimento de gratidão ao agricultor uma vez que correspondem as práticas dos antepassados a lida com a terra, abaixo na figura 10 é possível verificar caravanistas realizando esta vivencia. Os caravanistas do *Johrei Center* Extensão Goiânia não realizaram vivências nesta prática, pois não constava na programação da caravana.

Figura 10 - Membros realizando vivências com a Segunda Coluna de Salvação da IMMB



FONTE: Arquivo pessoal de Janaina Josias de Castro

Após o cultivo e a colheita dos vegetais orgânicos naturais produzidos, eles são encaminhados ao refeitório do Solo Sagrado e serão consumidos por funcionários e membros. Conforme explica Juliano, todos os dias 250 funcionários

contratados e membros “dedicantes” voluntários realizam suas refeições no refeitório.

De acordo com Juliano: “Para nós funcionários pagamos somente uma taxa simbólica por mês de 22 reais, mas para a maioria dos “dedicantes” que ficam de períodos maiores ou que dedicam em alguns setores, eles fornecem alimentação como cortesia, por exemplo, na agricultura temos os monitores que ficam um final de semana, ou alguns dias para nos ajudar nas atividades. Essas pessoas não pagam pela refeição Durante os cultos de maior concentração de pessoas, o refeitório é fechado, pois não conseguem atender a demanda do público”.

hoje tudo o que é produzido aqui nos sítios é enviado ao refeitório. Ainda não conseguimos atender cem por cento a demanda. O que é plantado aqui é de acordo com o que o refeitório necessita. Atualmente estamos conseguindo abastecer com os vegetais folhosos, e alguns temperos. Existe um planejamento de sementeiras para atender o solo, é feita uma vez por semana e elas ficam na estufa por aproximadamente trinta dias e depois são transplantadas para o campo e ficam lá até o tempo necessário para realizar a colheita. Diariamente são irrigadas e também ministramos *Johrei* nelas. (entrevista concedida para esta pesquisa no dia 07 de abril de 2019).

Durante a observação participante quanto ao fornecimento de refeições no refeitório do Solo Sagrado, foi possível verificar durante o café da manhã e almoço a presença de alimentos convencionais¹⁸, alimentos orgânicos e alimentos orgânicos naturais cujo cultivo obedecem aos ensinamentos correspondentes a Il Coluna de Salvação. Conforme apresentado na figura 11 e 12, os alimentos disponibilizados são: Pão, queijo, leite, café, bolachas, geleias banana e açúcar orgânico para o café da manhã. Para o almoço, foram servidos arroz, carne em cubos ao molho, feijão, farofa, diversos tipos de saladas, suco e uma maçã para sobremesa.

Figura 11 e 12 - Refeições fornecidas no refeitório do Solo Sagrado de Guarapiranga

¹⁸ Termo utilizado para alimentos cujo cultivo e produção envolvem o emprego de substâncias e quantidades de adubos sintéticos e pesticidas.



FONTE: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Em entrevista concedida por Juliano Santos em 07 de abril de 2019, ele descreve:

o refeitório é gerido pela Korin alimentos, então parte dos alimentos já vem deles. Os vegetais são os que produzimos aqui, mas conforme já dito não conseguimos atender a demanda, daí adquirimos fora e dependendo do período não encontra o orgânico, então é comprado o convencional mesmo. O arroz, a carne bovina, e o frango em alguns momentos são os orgânicos Korin, mas prevalece o convencional.

Para atender as pessoas nos dias de grandes cultos, o Solo Sagrado conta com uma área de alimentação onde diversas barracas vendem seus alimentos. Conforme apresentado na figura 13 e 14, são oferecidos sanduíches, comida oriental, Pastel, Alimento Natural, Lanche Orgânico e diversos outros são oferecidos como opção para os frequentadores.

Figura 13 e 14 - Área de alimentação do Solo Sagrado de Guarapiranga



FONTE: Arquivo pessoal de Janaina Josias de Castro

Em outro espaço do Solo Sagrado fica a exposição da Horta da Agricultura Natural. Diversas plantas são apresentadas, algumas estão em vasos com o intuito de demonstrar ao visitante que é possível o cultivo em suas residências.

A IMMB possui o Programa Horta em Casa & Vida Saudável, que foi criado pela Fundação Mokiti Okada. Com o objetivo de levar o conceito da Agricultura Natural a toda população e principalmente aos moradores de grandes centros urbanos, esse programa ensina a prática dos princípios básicos da Agricultura natural em pequenos vasos e pequenos espaços despertando o sentimento de gratidão pelo alimento diário e pelo trabalho dos agricultores. De acordo com Fonseca (2018, p.125) a direção da IMMB criou a secretaria de “Agricultura Natural que assumiu o compromisso de ampliar a adesão dos religiosos ao *Programa Horta em Casa & Vida Saudável*, desenvolvido pela FMO”.

Quando se observa o programa *Horta em Casa & Vida Saudável*, nota-se que a *Agricultura Natural* adquiriu uma nova prática não limitada apenas ao consumo de produtos orgânicos, mas também ao passar a ser vivenciada através do cultivo. Como a maioria dos messiânicos não possui conhecimento técnico acerca de como produzir hortas em vasos, um conjunto de cursos passaram a ser oferecidos aos religiosos (FONSECA, 2018, p.127).

Percorrendo o Solo Sagrado de Guarapiranga é possível identificar a proposta da Coluna de Salvação da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural ensinada por Meishu-Sama. Conforme apresentado na figura abaixo, há um espaço no Solo Sagrado de Guarapiranga chamado “Horta da Agricultura Natural” que conta com diversos tipos de hortaliças, vegetais e frutas. Este espaço é para visitação dos caravanistas.

Figura 15 - Exposição Horta da Agricultura Natural no Solo Sagrado de Guarapiranga.



FONTE: Arquivo pessoal de Janaina Josias de Castro

Conforme descreve Terror (2009, p.53) ele criou o método da Agricultura Natural com o objetivo de “resgatar a pureza do solo e dos alimentos e preservar a diversidade e o equilíbrio biológico”. Essa prática de cultivo foi desenvolvida baseada no respeito ao meio ambiente, e realiza-la contribuí para a elevação da qualidade da vida humana.

Em entrevista concedida para esta pesquisa Juliano Santos apresenta sua relação cotidiana com a II Coluna de Salvação da IMM

Há 20 anos que sou messiânico. Eu venho de uma família de agricultores e meu pai trabalha com agricultura até hoje, foi até por esse motivo que eu cheguei aqui no Solo Sagrado, não foi tanto pela minha formação em biologia, mas acredito veementemente que os meus antepassados me guiaram para que eu pudesse dedicar na Agricultura natural. Quando eu fui buscar a faculdade que eu iria fazer eu busquei por aquilo que

pudesse me fazer feliz e fazer outras pessoas felizes. Eu conhecia a agricultura natural pelos ensinamentos de Meishu-Sama, mas vivenciar e saber de fato o que é Agricultura Natural foi somente quando eu cheguei no Solo Sagrado. Não é apenas plantar alimentos sem agrotóxico mas é uma relação íntima com a natureza, é enxergar Deus como uma grande natureza.(...) eu já tinha afinidade pela natureza mas aqui isso ficou mais evidente e eu consegui me conectar com Deus e enxergar Deus através de tudo. (...) Me sinto feliz por aprender e poder passar isso para outras pessoas. Aqui conhecemos outras pessoas, trocamos várias experiências e podemos relembrar momentos da infância, o que nos aconteceu no passado. Quanto à prática da alimentação orgânica natural, eu ainda não consigo me alimentar 100%, mas estou inserindo, até porque a acessibilidade é fácil, eu levo daqui. Até mesmo aqui no solo não conseguimos 100%. [sic] (entrevista concedida para esta pesquisa no dia 07 de abril de 2019).

Nessa perspectiva Fonseca (2018, p. 36) apresenta que, a agricultura e a arte são elaboradas a partir de motivações religiosas e, além disso, a presença de ambas na doutrina da religião demonstra a intenção de Meishu-Sama de criar um movimento religioso capaz de abarcar todas as esferas da vida humana.

É por esse fator que talvez a IMM consiga tantos adeptos, apesar de ser uma religião de origem nipônica, ao dialogar com os elementos tradicionais dos brasileiros, como a agricultura, acaba motivando a adesão e permanência de muitos dos membros.

Segundo Meishu-Sama a Agricultura Natural anseia colocar novamente o mundo na “ordem perfeita da Grande Natureza” onde seja possível ter recursos naturais disponíveis e saudáveis, como também “criando paz, bem-estar e saúde” onde nenhuma classe seja sacrificada e todos possam viver cada vez melhor (M-O-A, 2017, p. 20).

3.2 RECONSTRUÇÃO DO *HABITUS* ALIMENTAR DOS MEMBROS DO *JOHREI CENTER* EXTENSÃO GOIÂNIA.

Para Bourdieu (1989) o *habitus* é produto de experiência individual, histórica e coletiva e também da interação entre essas experiências. Desta forma, ao realizar as entrevistas reconstruindo a trajetória de vida dos dez membros do *Johrei Center* extensão Goiânia foi permitido captar o que não pode ser encontrado em documentos de outra natureza, como por exemplo, as relações cotidianas do entrevistado, como casos que foram pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais e impressões particulares dos membros.

Como ponto de partida para reconstruir o *habitus* alimentar dos membros da Igreja Messiânica Mundial do Brasil em Goiânia se faz necessário compreender o perfil e como se deu a inserção de cada indivíduo na religião messiânica.

Dos 5 membros adeptos da II Coluna de Salvação 4 (A1, A2, A3 e A4) apresentaram que, a busca por autoconhecimento e questionamentos do cotidiano foram a motivação predominante para conhecer e permanecer na IMMB.

Conforme descreve A1 membro da IMMB há 9 anos:

Sempre tive um Espírito de busca e autoconhecimento. Sou católica de batismo e como grande parte dos católicos não praticantes eu ia a missa de vez em quando. Conheci outra religião Japonesa e frequentei por 10 anos. Eu cheguei na IMMB por intermédio de uma tia, e eu vim buscar oração pela minha avó que havia falecido há um ano, e eu queria prestar homenagem a ela. Minha vó recebeu *Johrei* no hospital e ao conversar com minha tia achamos que receber o *Johrei* e colocar o nome dela diante do altar era uma forma de homenageá-la, ao fazer tudo isso gostei muito daqui e acabei ficando.

Para A2:

Sou membro da IMMB há 2 anos. Estudei várias religiões. Me tornei adepto de uma filosofia hindu por alguns anos. Depois, fiquei parado por muito tempo em *stand by*, mas retornei a uma religião dentro da messiânica.

Para A3:

Minha mãe era messiânica há 15 anos, ela sempre ministrava *Johrei* em mim e me falava dos ensinamentos, mas eu nunca tinha despertado. Foi então que há 4 atrás anos minha esposa faleceu, e se não fosse a messiânica e eu não estaria vivo. Se não fosse messiânica eu não estaria vivo.

Para A4 membro da Igreja há 30 anos:

Em determinada época eu tive muitos questionamentos e a igreja que eu frequentava não me respondia a isso. Me afastei. Tive uma perda familiar e a Igreja Messiânica me deu as respostas que eu precisava.

Para os 5 membros entrevistados não adeptos da II Coluna de Salvação 4 (N1, N2, N3 e N4) apresentaram que a busca por cura, problemas familiares e financeiros foram motivos para se tornarem membros da IMMB.

Conforme descreve N1, terapeuta holística, membro da IMMB há 3 anos:

Eu cheguei aqui através de uma astróloga védica. Ela fez uma previsão pra mim que eu ia ter um problema de saúde e que eu devia buscar o *Johrei*, mas eu não levei muito a sério. Um tempo depois a doença apareceu, hemorragia uterina, eu me desesperei e busquei a Igreja Messiânica e nesse período eu também estava passando por problemas financeiros e conflitos familiares.

Para N2 membro há 3 anos:

Cheguei na Igreja Messiânica através da minha esposa que estava passando graves problemas de saúde, através do *Johrei* ela foi curada, a partir disso ficamos aqui na Igreja”. Para N3: “conheci a messiânica através do meu chefe, sempre o trazia para receber *Johrei*, até que um dia comecei a receber também e decidi não sair mais, nessa época eu tinha conflitos familiares e isso me fortaleceu”.

Para N5:

Teve uma época que enfrentei muitas doenças, andei por caminhos errados, usei drogas, e um dia passei na porta da Igreja Messiânica e o achei interessante a foto do Senhorzinho (Meishu-Sama), ministraram *Johrei* em mim e as coisas foram mudando e a um pouco mais de três anos estou aqui.

A herança religiosa familiar também se faz presente no contexto dos entrevistados. Conforme apresenta A5:

Minha mãe já era messiânica e eu a acompanhava desde que tenho treze anos. Meu marido não é messiânico, mas não se importa em receber *Johrei*, ele é católico e quando vai a missa eu vou com ele, mas aqui ele não vem comigo”.

Para N4:

“Desde que nasci sou Messiânica. Estudei em colégio católico desde a minha alfabetização, nunca batizei e nem crismei. Por mais que seja uma religião que a gente respeita e acredita, ela não é atual”.

Embora N4 aponte que é Messiânica de nascença, o que poderia corresponder ao que Bourdieu (1989) chama de herdeiros, aqueles cujo capital foi incorporado desde o *habitus* primário, em função de seus familiares (especialmente pai e mãe) serem detentores deste mesmo capital, e por isso, teriam uma relação maior de naturalidade com os códigos culturais desse espaço social. Assim, mesmo os pais e avós sendo fundadores da IMM em Goiânia, não são adeptos da coluna de salvação e por isso, a N4 não teria incorporado em suas práticas os elementos dessa coluna.

Cada experiência vivida pelos entrevistados resultou em atribuições dada aos alimentos desde as experiências da infância resultando no que hoje são atribuídos por eles em relação ao ato de comer. Uma vez que o *habitus* originário seja forte, outras experiências podem se compor a ele.

Por outro lado, alguns dos entrevistados mencionam uma experiência esotérica anterior à IMM, indicando que a busca dentro do que chamamos de *habitus* ecológico e espiritualista pode ser um dos motivadores para a adesão desses membros à IMM.

Quando indagados sobre os sentidos dado à alimentação pelos membros messiânicos em Goiânia, os entrevistados indicaram um dos tipos ideias construídos para essa pesquisa como sendo a função da alimentação, correspondendo ao que chamamos de *habitus* caipira ligado ao sustento. Os adeptos da II Coluna de Salvação descrevem

A4: Comida é necessidade, é saúde e é para nos manter vivo. Nos alimentamos para ter energia vital, para termos força para realizar nossa missão. Minha família sempre teve bons hábitos alimentares, meus pais lidavam com fazendas então sempre tive uma alimentação saudável. [sic]
 A5: Energia vital. É saúde. Sou messiânica há 30 anos. Eu morava na fazenda, então por si minha alimentação já era natural. Antes não tinha o que tem hoje, eu comia banha de porco, tomava o leite lá da vaca. [sic]

Para os membros não adeptos à II Coluna de Salvação

N1: Abastecer de energia e saúde. Também como por prazer, eu adoro comer e gosto de comer coisas que fazem mal. Por ex. doces. [sic]
 N2: Sobrevivência e prazer. Sou membro há 3 anos Mudei somente um pouco diminuindo sal e açúcar. [sic]
 N3: Alimentação é vida, se você não come você não para em pé. Sempre fui da Igreja. Temos uma boa alimentação, mas nunca voltada para a alimentação orgânica natural. Era uma alimentação normal, até porque isso antes não era algo tão forte na Igreja, não tinha isso de horta em casa. Meus pais são messiânicos e também não tem essa prática. Para eles é arroz, feijão e carne. [sic]
 N5: A comida é necessidade para manter vivo. [sic]

É perceptível para os membros não adeptos da segunda coluna a visão do alimento como sustento, dentro de um espectro mais individualista em que a alimentação, enquanto realidade empírica, não depende da tradição e da coletividade, o que pode não contribuir para uma adesão imediata à segunda coluna de salvação.

Ao expressar opinião sobre a utilização de produtos industrializados, os membros fomentam o que Carvalho e Luz (2010) descrevem acerca do *habitus* desenvolvido pelos agentes sociais no estilo “natural”, esses agentes são propensos a recusar certos valores de uma “vida moderna”, mesmo que na prática, reproduza esses valores consumistas, individualistas e competitivos, de algum modo. Certas mutações culturais são mais um recuo estratégico eventual do que uma mudança de *habitus*.

Ao serem perguntados: Você consome alimentos industrializados? Qual sua opinião sobre a industrialização dos alimentos? E como é visto o polo industrial Korin que produz alimentos destinados às práticas da II Coluna de Salvação

A1: Consumo muito poucos alimentos industrializados. Com essas práticas da Igreja meu paladar mudou, eu consigo sentir a química dos alimentos. Não sou tão a favor de alimentos industrializados. A indústria é muito mercadológica e comercial. Então eu tenho um pouco de desconfiança. Sei pouco sobre a Korin, só vejo falar dela aqui na Igreja, mas é um ponto positivo. A parte mercadológica e comercial é diferente, pois tem um apelo saudável. [sic]

A2: Consumo produtos industrializados, mas é muito pouco. A indústria é um mal inevitável, que gradativamente as pessoas estão acordando para a saúde e vai mudando. A korin é uma proposta maravilhosa e inovadora. [sic]

A3: Consumo alimentos industrializados, mas tenho certeza que é muita química utilizada e esses alimentos não tenho quase nenhuma energia vital. Acho a Korin Inovadora, necessária e se fortalece a cada ano que passa e ajuda evitando o surgimento de muitas doenças e diminui os gastos com remédios. [sic]

A4: Sim. Quando sabemos que faz mal acaba que fica com a consciência pesada. Quando compro esses produtos consumo pouco. Não tem como o 100% natural. A gente até gosta desses produtos industrializados, mas não é a melhor opção. Eu vejo a Korin não só livre de agrotóxicos, mas sentimento de amor. [sic]

A5: Não deixamos de consumir produtos industrializados. Mas, agora o pessoal que fornece as verduras estão fazendo molho de tomate orgânico, ai eu estou comprando também. Os produtos deles vem com a certificação orgânica certinha eles vendem nas feiras. Se a gente consumir mais produtos industrializados o que vai acontecer com a população? Tá todo mundo obeso porque não come direito. Por exemplo, o frango, com 20 dias já estão fazendo o abate, ele tá lá gordo então quem come essa carne vai engordar também. A produção da Korin é muito positiva. [sic]

Para os não adeptos à Segunda Coluna:

N1: Sim. Alimentos industrializados não é uma prática saudável. A Korin é muito positiva. [sic]

N2: Sim. A industrialização carrega muito nos conservantes, sal e gordura. Os alimentos industrializados são muito carregados em produtos. A Korin é um fator positivo para a Igreja. [sic]

N3: Sim. Você consome porque é fácil mesmo sabendo que não é bom. A korin é excelente. [sic]
N4: Sim. Eu consumo produtos industrializados e a indústria faz parte do mundo. A korin é fantástica. É bem legal e tem público pra isso. [sic]
N5: Sim. Acho que a indústria é um veneno para o ser humano. A korin é a criação de um mundo novo. É um fator muito positivo. [sic]

Para Gonçalves (2009) a postura dos não adeptos à II coluna de Salvação se daria pelo alto custo dos produtos. Embora, todos os entrevistados salientem a importância e excelência da Korin, ao mesmo tempo em que apontam a nocividade dos produtos industrializados, a pouca utilização desses produtos nas rotinas dos membros da IMM pode ser justificada pelo alto custo destes produtos.

No entanto, partindo do pressuposto de que existe um contexto histórico gerador do gosto, aqui indicamos esse elemento como sendo o *habitus* caipira, que define a percepção desses membros, bem como sua forma de pensar e a sua conduta, podemos avaliar que esse cálculo não é completamente consciente, já que o *habitus* caipira se sustenta também pelo baixo investimento na alimentação, e talvez, essa estrutura seria a promotora do que é perceptível, pensável e julgado razoável na perspectiva do campo alimentar goiano, ao qual esses indivíduos estão inscritos. Logo, por mais que a racionalidade indique as vantagens da aquisição de alimentos da Korin, os membros são sujeitos dessa estrutura estruturada do campo, de seus códigos e preceitos, mas dentro de limites, de restrições inculcadas e aceitas. A conduta dos membros pode agregar improvisação e criação, conforme indica Bourdieu (1989).

Logo, há uma afinidade entre a constituição do gosto alimentar goiano, inscrito em um *habitus* caipira com o modelo de alimentação natural pós-moderno. Conforme demonstrado nas entrevistas há um favorecimento a essa segunda coluna de salvação da IMM, voltada à alimentação saudável e natural. Por outro lado, o consumo de determinados alimentos, como a carne bovina, associada com status e sustento, por outro, não geraram motivação para que os adeptos da IMM considerem essa coluna de salvação como interessante ao ponto de ser incluída em suas rotinas. Além disso, entendemos que o alto custo deste tipo de alimentação, também pode se revelar como um entrave à adoção dessa coluna como elementar na vida cotidiana dos adeptos.

Desta forma, os entrevistados apontam os seguintes entraves para consumo de produtos na cidade de Goiânia:

N1: Dificuldade financeira e acessibilidade em Goiânia. [sic]

N2: Há uma certa dificuldade em consumir devido ao custo, mas a ação social torna melhor a acessibilidade devido aos preços. É só uma questão de mudança de atitude. [sic]

N3: A dificuldade é achar o lugar para comprar. Se não tiver perto de casa tenho que locomover. Ai comprar os vegetais você tem que comprar em grandes quantidades e também pode perder. Outra questão é o valor, só que o custo não é alto, minha situação financeira que no momento não permite. Se eu tivesse boas condições financeiras e o local para adquirir fosse fácil o acesso, eu só comia produto natural. [sic]

N4: A dificuldade em consumir é o valor, pois onera muito no orçamento familiar. Se eu pudesse só comprava orgânico, mas se um maço de salsinha orgânica estiver 6,00 reais e o convencional estiver 1,00 real eu vou comprar o convencional. O preço é algo que atrapalha a substituição total. [sic]

N5: Os alimentos são acessíveis, é positivo o custo benefício. [sic]

Para Faria, (2012, p. 195) a IMMB não visa uma “busca introspectiva da espiritualidade, com práticas individualizadas de exercícios espirituais, tais como meditações, jejuns, orações, cânticos, afastamento do ambiente coletivo e busca por espaços de quietude, mas, ao contrário”, convivem com a sociedade maior, e objetivam sempre a promoção da felicidade coletiva. Assim, mesmo adotando esta postura voltada para uma visão holística da saúde espiritual e material do homem, busca a institucionalização coletiva dessa busca, não tornando ela independente da tradição messiânica. Logo, busca um equilíbrio entre a postura secularizada das novas espiritualidades e a institucionalização da mesma. Esta seria a postura que viabilizaria seus fiéis a obtenção de graus maiores de felicidade. Desta forma podemos observar no quadro demonstrativo abaixo

QUADRO 1 - Dados obtidos em entrevista

| O que te chama mais atenção nas práticas da Igreja Messiânica Mundial no Brasil? | | | |
|---|--|--------------------|--|
| ADEPTOS | | NÃO ADEPTOS | |
| A1 | A forma pragmática. É você poder fazer ao próximo tanto aqui dentro como fora. | N1 | Johrei. |
| A2 | Pragmatismo baseado em altruísmo, voltados para um bem maior, fazer os outros felizes para ser feliz. E também o Johrei que é a maior experiência da minha vida, me deu força em aspecto tanto material quanto espiritual. | N2 | É uma religião pragmática. Ensina a ser uma pessoa melhor, simpática, de bem consigo mesma e isso transforma tudo no geral. Ministras e receber Johrei são presentes de Meishu-Sama. |
| A3 | A felicidade que envolve todas elas. Felicidade ao realizar, você sai mais leve em uma outra atmosfera. | N3 | Tudo, mas o Johrei Foi aqui que recebi muitas graças. Uma atrás da outra, foi mudança de vida. |

| | | | |
|-----------|---|--|--|
| A4 | Conheci aqui pelo Johrei. Mas é uma religião altruísta e pragmática. Tem uma doutrina muito ampla que abrange alimentação, educação e cultura. A maneira como os ensinamentos são passados também é com o livre arbítrio, nada é imposto. A gente tem que avaliar se quer ou não. Não existe obrigação e punição. | | N4 Olha, quanto às práticas, o que mantém todo messiânico na Igreja é o poder do Johrei, que é o que a gente vê milagre e fortalece nossa fé. O que me atrai na Igreja é a filosofia, não é algo autoritário, é leve, é uma religião atual, contemporânea, trata os problemas da atualidade, o que a gente vive. |
| A5 | Tudo pra mim me chama atenção. Por exemplo, o belo é uma coisa que me chama muita atenção porque antes eu não tinha essa visão. A agricultura Natural eu faço questão de praticar. O belo pra mim é o mais difícil, em casa eu não tenho isso, por exemplo, colocar uma cortina bonita, decoração, essas coisas. O Johrei é tudo. | | N5 Os resultados. Aqui você fala direto com Deus. Foi aqui que encontrei o que eu não procurava e aqui eu sou feliz. |

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos dados obtidos em entrevista.

Os não adeptos da coluna de salvação mencionam com exclusividade o *Johrei* como caminho para a felicidade, entendemos que esses membros possuem uma noção mais individualizada da espiritualidade e por isso, haviam indicado a cura como principal função da adesão à IMM. Acreditamos que possuem um grau maior de independência frente à tradição e à coletividade e, por isso, o *Johrei* se apresenta como valor maior que orienta suas práticas e adesão à IMM. Por outro lado, os adeptos à segunda coluna, mencionam o *Johrei*, mas dão ênfase também às demais colunas de salvação, indicando uma visão mais holística da espiritualidade da IMM, e maior coesão com a doutrina da mesma.

Boff (2009, p.179) apresenta a espiritualidade trabalhando com valores que apresentam sentido com a totalidade e com o futuro, este que está além do tempo histórico.

Boff (2015, p. 394) ao falar sobre uma espiritualidade ecologicamente sustentável descreve que, o paradigma da modernidade está a serviço das transformações ilimitadas da natureza, mas não se deve pensar e agir desta maneira, é necessário preservar e conservar o mundo convertendo pessoas para um olhar com objetivo menos destruidor.

A partir do que Boff apresenta, podemos identificar na fala dos adeptos à II Coluna o *Habitus* caipira espiritualista ecológico. Uma vez que a visão voltada à preservação ambiental compõe a doutrina messiânica, os adeptos da II Coluna de Salvação apresentam dar importância a isto corroborando para a adesão à IMM.

A1: As três colunas de salvação são fundamentais para que a pessoa se torne realmente messiânico é o equilíbrio entre as três. Elas abrangem tudo o que corresponde ao seu humano. As três colunas nos colocam em relação com o ser humano e toda a criação.

A2: A agricultura orgânica é primordial não só para os messiânicos, mas para todos, pois uma pessoa saudável é mais feliz. Quanto menos toxinas uma pessoa ingere mais saudável ela é e uma pessoa saudável é uma pessoa feliz. Um corpo doente é um corpo que sofre. Um corpo sem saúde é um corpo doente e um corpo doente sofre e não é feliz. Tudo dentro da Igreja Messiânica é muito importante. Sempre corri de instituições, mas aqui eu vejo que Meishu-Sama pode colocar a humanidade em uma condição melhor.

A3: O Johrei é o carro chefe da igreja e já experienciei muitos milagres através deles. Mas quando você visita o solo sagrado você vê a magnitude do belo. Já a Agricultura natural é muito importante neste mundo de agrotóxico, a agricultura natural nos ensina a olhar para o meio ambiente e o belo nos faz contemplar a natureza.

A4: A agricultura natural tem dois sentidos: de quem planta e quem consome. A agricultura natural ajuda a manter o organismo limpo, e o Johrei limpa as toxinas. Ambas são importantes para tornar o mundo mais feliz.

A5: Pra gente ter uma vida mais tranquila e saudável temos que reunir as três colunas Não adianta alimentar o corpo e não alimentar o espírito.

Ao realizar a reconstrução do *habitus* alimentar dos membros do *Johrei* Center Extensão Goiânia foi observado que não só há diversidade de atitude e de opinião, mas ideias, compreensão, e disposições que tendem a mudanças com o tempo em razão de diversas circunstâncias, dentre elas o trânsito de informações, bens, serviços, pessoas e valores típicos do movimento global de mundialização da cultura.

Essas disposições correspondem a significados e sentidos incorporados pelos sujeitos ao longo da história vivida e representam um acervo de possibilidades para a vida futura, sendo que o corpo representa o principal espaço para sua construção como uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade (CARVALHO; LUZ, 2010, p. 148).

3.3 O REAL: A II COLUNA DE SALVAÇÃO PRATICADA PELOS MEMBROS DO JOHREI CENTER EXTENSÃO GOIÂNIA

A II Coluna de Salvação compõe a Doutrina deixada pelo fundador, sua prática não se limita ao espaço sagrado, abrange também a rotina privada dos membros. Vejamos a seguir quais os subsídios que o *Johrei* Center apresenta para a promoção dessa prática que não se limitam ao espaço sagrado. As

observações foram feitas no *Johrei Center* Extensão Goiânia e colaboraram para captar o *habitus* alimentar dos membros.

3.3.1 Cultos

Conforme descrito no site institucional, a Liturgia da IMM tem influências xintoístas, no entanto, no Brasil, a liturgia da IMM foi adaptada à cultura ocidental tanto nos ritos quanto nos objetos utilizados nos cerimoniais.

No *Johrei Center* extensão Goiânia os cultos são divididos em diário (matinal e vespéral), mensal e especial, os cultos especiais pelo calendário anual da IMM são: Culto do Ano Novo e da Fundação da IMM, Culto do Paraíso Terrestre, Culto em agradecimento pela Agricultura Natural, Culto às Almas dos Antepassados e o Culto do Natalício de Meishu-Sama. Os cultos são realizados pelos ministros, estes que correspondem ao cargo hierárquico da igreja. Essa rotina é confirmada também por Anjos (2012, p.80) ao analisar a liturgia da IMMB em sua dissertação de mestrado.

O Culto diário matinal e vespéral acontece de segunda à sábado no *Johrei Center* Extensão Goiânia, o culto matinal inicia às nove horas da manhã e o culto vespéral inicia às seis horas da tarde, estes cultos têm duração de no máximo trinta minutos. Nesses cultos, os messiânicos, “agradecem as bênçãos e proteção recebidas no dia a dia” (ANJOS, 2012, p.80). As figuras abaixo apresentam o local e o momento da realização dos cultos diário.

Figura 16 e 17 - Culto Matinal



Fonte: Arquivo Pessoal de Janaína Josias de Castro

Os membros entrevistados participam dos cultos que acontecem no *Johrei Center* Goiânia. 80% dos adeptos à II Coluna de Salvação realizam funções nos ritos litúrgicos que preparam o culto, bem como alguns também são assistentes de ministros, e realizam funções em outros setores do *Johrei Center*. Por outro lado, 90% dos membros não adeptos à II Coluna de Salvação realizam funções basicamente relacionadas a ministração de *Johrei*. Deste modo é possível verificar de acordo com Bourdieu (1898) a relação “dominante e dominado” uma vez que os adeptos podem ser vistos como os detentores de poder.

3.3.2 Culto de Agradecimento Mensal

É a oportunidade em que os messiânicos e frequentadores oferecem à Deus sua gratidão pelo mês que findou e lhe fazem pedidos e renovam compromissos para o mês que se inicia (ANJOS, 2012, p.80).

No *Johrei Center* extensão Goiânia o culto de agradecimento mensal acontece no segundo domingo de cada mês e o rito durante o culto corresponde a: leitura do salmo de gratidão; momento das oferendas; recepção dos ministros; oração *Amatsu norito* e oração messiânica; *Johrei* coletivo; momento de ensinamento do líder religioso (Meishu-Sama); leitura do ensinamento de Meishu-Sama; Ensinamento de fé (testemunho); formação com o ministro. Conforme apresentado na figura 18, as oferendas são água, arroz e sal e representam, respectivamente, o céu, a terra e os alimentos oriundos do mar. Anjos (2012, p. 75) explica que esses três elementos juntos, formam o *Oniku*, cuja tradução significa “algo que se oferece todos os dias”: (ANJOS, 2012, p. 75). Também é colocado no altar flores e alimentos como, por exemplo, frutas, verduras e hortaliças como oferendas aos antepassados. Os vegetais ofertados são adquiridos em supermercados ou ofertados pelos membros podendo ser ou não orgânicos e naturais.

Figura 18 - Culto Mensal – Ritos Litúrgicos



Fonte: Arquivo Pessoal de Janaina Josias de Castro

3.3.3 Culto em agradecimento pela Agricultura Natural

O mês de agosto é dedicado a II Coluna de Salvação da IMM. O culto dedicado a Agricultura Natural no *Johrei Center* Goiânia ocorreu no segundo domingo do mês de agosto tendo início às dez horas da manhã e término às onze horas da manhã e trinta minutos.

De acordo com a figura 18, neste culto em especial, foi montado altar com alimentos e o posicionaram logo abaixo da figura do fundador. Conforme observado e conversado com os membros que estavam responsáveis por esta função, os alimentos utilizados eram provenientes de supermercados, alguns orgânicos e outros convencionais. Alguns membros que possuem horta em casa segundo os princípios da agricultura natural ofertaram alguns alimentos colhidos por eles para este culto.

Figura 19 - Culto da Agricultura Natural – Altar das oferendas preparado



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Foi observado conforme apresentado na figura 19, que as pessoas que “dedicavam” nessa função litúrgica vestiam jalecos, máscaras e proteção para os sapatos. Conforme apresenta Fonseca (2018, p. 60) os objetos que “pertencem ao altar ou que serão colocados diante dele não podem ser manipulados pelo “dedicante” quando vestido com seus trajes habituais, pois contaminariam as oferendas, tornando-as impuras”. Cabe ressaltar que esta prática apresentada por Fonseca (2018) é realizada como preparativo em todos os cultos mensais.

Figura 20 - Culto da Agricultura Natural - Membros preparando o ambiente para o culto



Fonte: Arquivo pessoal Janaína Josias de Castro

Como demonstração e incentivo a esta coluna de Salvação, foi organizada uma pequena exposição com mudas de alface, coentro, cebolinha e girassol provenientes da agricultura natural cedidas pela IMM – Brasília-DF e também uma exposição com vegetais orgânicos e convencionais alguns *Banners* da Korin conforme apresentado na figura 20, com incentivo à Ação Social e os benefícios da coluna foram colocados em diversos lugares do *Johrei Center* extensão Goiânia.

Figura 21- *Banner* da Korin informativo da Ação Social promovida pela IMM.



No que diz respeito ao rito deste culto, ele se assemelha ao rito dos cultos mensais de agradecimento que corresponde a: Leitura do salmo de gratidão; momento das oferendas (água, arroz e sal) e os vegetais; recepção dos ministros; oração *Amatsu norito* e oração messiânica; *Johrei* coletivo; momento de ensinamento do líder religioso (Meishu Sama), leitura do ensinamento de Meishu-Sama, Ensinamento de fé (testemunho), formação com o ministro e avisos finais.

Durante o culto foram lidos ensinamentos de Meishu-Sama em relação à II Coluna de Salvação. Um membro adepto dessa prática que não compõe o quadro de entrevistados para esta pesquisa, apresentou um relato abordando sua “experiência de fé” após passar a plantar e consumir produtos provenientes dessa coluna de salvação:

Sou membro desde dezembro de 2018. Em 2017 estava enfrentando diversos problemas por estar fora do agrado de Deus. Tive a oportunidade de conhecer a Igreja Messiânica através de indicação do meu terapeuta. Resolvi vir ao *Johrei Center* Goiânia e ao receber meu primeiro *Johrei* uma luz se fez diante de mim. Comecei a conhecer as práticas messiânicas e depois outorguei. (...) Como sempre gostei muito de plantas e do manuseio com a terra, passei a ser acompanhado pelo ministro responsável da Coluna de salvação da Agricultura Natural. Comecei a dedicar na horta caseira e na manutenção do *Johrei Center*. Com a prática diária neste setor meus sentimentos modificaram, compreendi melhor a noção da terra e da agricultura natural, e passei a ter muita gratidão pelos meus antepassados que também trabalharam no

campo. Pude então perceber uma grande mudança na minha vida e da minha família, pois a partir desse pratica ficamos mais próximos. (Diário de campo 11 de agosto de 2019)

Ao final do culto, o ministro avisa que estava disponível a lista para os interessados em comprar os produtos pela Ação social (tema que será abordado mais adiante) e pergunta aos membros quem realiza o cultivo da horta em casa baseado nos ensinamentos de Meishu-Sama, dos aproximadamente 250 membros presentes, foi contado pelo ministro que apenas 5 pessoas possuíam. O culto foi encerrado e conforme apresentado nas figuras 22, 23 e 24, as pessoas passavam para ver a exposição. As pessoas eram orientadas pelo ministro responsável pela Agricultura Natural do *Johrei Center* sobre quais mudas eram aquelas. Era sugerido que, ao levar a muda se fizesse um donativo¹⁹ de gratidão, porém se não fosse feito não era impedimento para levar as mudas.

Figura 22 - Exposição durante o Culto da Agricultura Natural



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

¹⁹ Termo utilizado para oferta monetária.

Figura 23 - Exposição durante o Culto da Agricultura Natural



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Figura 24 - Exposição durante o Culto da Agricultura Natural



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

3.3.4 O Culto Natalício

Meishu-Sama nasceu em 23 de dezembro de 1882, data próxima ao Natal Cristão. De acordo com Anjos (2012, p. 83) para os messiânicos, este culto “é a oportunidade em que não só prometem realizar a Obra Divina na Terra, mas também oferecem suas orações para que a Luz que ele transmite do céu seja derramada sobre toda a humanidade”.

O culto natalício de Meishu-Sama no Johrei Center Goiânia aconteceu no dia 23 de dezembro as 19h30.

Antes de iniciar o culto, cada pessoa que chegava recebia uma pequena quantidade de flor, e era orientada para cumprimentar o altar e colocar as flores com sentimento de gratidão a Meishu-Sama (Diário de campo, 23 de dezembro de 2019).

No que diz respeito ao rito deste culto, ele se assemelha ao rito dos cultos mensais de agradecimento que corresponde a: leitura do salmo de gratidão;

momento das oferendas (água, arroz e sal) e os vegetais; recepção dos ministros; oração *Amatsu norito* e oração messiânica; *Johrei* coletivo; momento de ensinamento do líder religioso (Meishu Sama); leitura do ensinamento de Meishu-Sama; Ensinamento de fé (testemunho); formação com o ministro e avisos finais.

Após o culto natalício de Meishu-Sama, o ministro celebrante convida todos os presentes para participarem de um momento de confraternização conforme apresentado nas figuras 25 e 26.

O momento de confraternização corresponde a um “aniversário”, a mesa ornamentada, bolos, bolo de aniversário, salgadinhos, doces e sucos. Todos os presentes ficaram próximos à mesa e cantaram “parabéns” para o fundador da IMM. Ao final todos desejavam “Feliz Natalício” e se serviam. (Diário de campo, 23 de dezembro de 2019).

Figura 25 - Momento de Confraternização após o culto Natalício de Meishu-Sama



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Figura 26 - Momento de Confraternização após o culto Natalício de Meishu-Sama



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

3.3.5 A alimentação na rotina do *Johrei Center* Extensão Goiânia

Na rotina do *Johrei Center* Goiânia é perceptível o que apresenta Canesqui e Garcia (2005c, p. 169-170), ao demonstrar que, a inserção das práticas alimentares no cotidiano do indivíduo confere espaço a variáveis configurações que, constituem a sociedade em suas complexidades, e as práticas alimentares cotidianas não é restringida somente ao alimento, mas a toda uma dinâmica que envolve o que, quem, como, onde e quando são produzidos e consumidos e também as regras, valores, normas, crenças e significados que acompanham o ato de alimentar associados a uma carga cultural.

Na estrutura do *Johrei Center* Extensão Goiânia há um espaço de convivência onde funciona a cozinha. Diariamente não são produzidas grandes refeições neste local. Café, chás, e lanches trazidos por membros são diariamente partilhados durante o período de dedicação. As refeições são *produzidas de acordo com as atividades que irão acontecer no Johrei Center*.

Aos domingos que realiza o culto mensal de gratidão, os membros participam de aulas de aprimoramentos sendo necessário permanecer no Johrei Center o dia todo. Para estes dias são disponibilizados alimentos para o café da manhã e almoço. As refeições são produzidas por membros na cozinha do *Johrei Center* Goiânia conforme apresentado na figura 27, ou contratam algum serviço de *buffet* para oferecer marmitas nos dias de culto mensal.

Figura 27 – Membros produzindo refeições



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

A matéria-prima para a produção das refeições é adquirida em mercados da cidade e os alimentos são uma mescla de convencionais e orgânicos conforme apresentado na figura 28.

Figura 28 – Produtos Utilizados para produção das refeições



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Conforme apresenta na figura 29 e 30, há no *Johrei Center* uma pequena horta mantida de acordo com os ensinamentos da Igreja, quando possível os vegetais provenientes dela compõe as refeições, porém são poucos.

Figura 29 - Horta Orgânica Natural do *Johrei Center* Extensão Goiânia



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Figura 30 - Horta Orgânica Natural do *Johrei Center* Extensão Goiânia



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Conforme figura 31 e 32, para o café da manhã também são adquiridos alguns produtos como pães, bolos, bolachas iogurtes rocas e etc, e outros são produzidos e doados por membros.

Figura 31 - Café da manhã no dia de Culto de Agradecimento Mensal



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Figura 32 - Café da manhã no dia de Culto de Agradecimento Mensal



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

O membro ou frequentador ao adquirir alimentos para o café da manhã é solicitado que seja realizado o donativo sem valor especificado, a caixa para o depósito do envelope com o valor fica ao lado da mesa com os alimentos conforme figura abaixo. No que diz respeito ao almoço, na semana que antecede o culto, é realizado o controle dos interessados e no dia do culto recolhido o dinheiro, é cobrado em média 15 reais por refeição.

Figura 33 – Caixa para depósito do donativo do café da manhã



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Para o almoço também são adquiridos alguns produtos e outros são produzidos e doados por membros. Conforme apresentado na figura 34 é possível verificar que os alimentos consumidos pelos membros da IMMB correspondem aos alimentos de uma dieta convencional. Arroz, strogonoff de frango orgânico da empresa Korin, batata palha, e uma variedade de saladas (contendo vegetais orgânicos e convencionais).

Figura 34 - Almoço no dia de Culto de Agradecimento Mensal



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Os membros participantes desta pesquisa, ambos os adeptos e não adeptos realizam as refeições para participarem dos momentos de aprimoramento. Foi possível identificar que os membros adeptos realizam funções auxiliar aos ministros da Igreja, alguns dos membros não adeptos ajudam a distribuir os alimentos e ajudar na cozinha.

O ato de alimentar promove interações entre os membros. O *Johrei Center* realiza momentos de confraternização e festas tradicionais que compõe o cenário brasileiro. Com origem nipônica, a IMMB uma vez inserida no Brasil adere ao *habitus* brasileiro. O “Arraiá messiânico” assim é denominado pelos membros em Goiânia, com diversas comidas típica brasileira e goiana demonstram isso.

Abaixo nas figuras 35, 36 e 37 é possível verificar os alimentos típicos da culinária goiana bem como, alimentos típicos para as festas juninas. Pipoca, cural de milho, canjica e espetinho compõe o cardápio da festa.

Figura 35, 36 e 37 - Alimentos vendidos durante o “Arraiá Messiânico”



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

3.3.6 Ação Social

A ação social²⁰ é promovida pela empresa Korin e tem como objetivo levar produtos alimentícios naturais aos membros e frequentadores da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. A indústria conta com representantes em distribuidoras em diversas regiões do Brasil. Conforme apresenta Josi Sampaio, membro de *Johrei Center* Extensão Goiânia responsável voluntária pelo setor da Ação Social: “Em diversos supermercados do país é possível encontrar produtos Korin, porém a ação social tem o intuito de oferecer nas Igrejas Messiânicas do Brasil os produtos com valores mais acessíveis do que nos supermercados” [sic].

A prática da ação social é realizada no *Johrei Center* Extensão Goiânia há mais de três anos conforme relato de Josi Sampaio. Os produtos para atender os membros de Goiânia vêm da distribuidora da empresa localizada em Brasília – DF.

Os produtos vêm para Goiânia uma vez por mês. Para adquiri-los é necessário solicitar ao responsável pelo setor a comanda com a disponibilidade e preços dos produtos. Os interessados preenchem quais produtos e quantidades querem adquirir e realizam o pagamento. O pagamento deve ser colocado dentro do “envelope de gratidão” e especificar o destino do dinheiro. Após isso, o envelope deve ser colocado no “depósito” de donativos.

²⁰ Termo utilizado pela IMMB para a ação promovida na igreja para aquisição de produtos com valores acessíveis da Indústria Korin.

Ao chegarem os produtos os mesmos são separados de acordo com o que cada solicitante especificou. Os produtos chegam mediante a data descrita na comanda e o solicitante deve retirar no dia marcado entre as 14h e 21h no *Johrei Center* extensão Goiânia.

Quanto à aquisição dos produtos no *Johrei Center* Extensão Goiânia, a responsável pelo setor Josi Sampaio descreve: “já chegou a ter 50 comandas. Nos meses de novembro, dezembro e janeiro as vendas são menores, mas depois melhoram. Acredito que se as pessoas promovessem mais essa prática como, por exemplo, as pessoas que compram, as vendas melhorariam. Eu sempre vejo com o fornecedor o melhor preço que ele pode fazer, mas tem muita gente que nunca nem sequer olhou a comanda e fala dos preços”.

Josi Sampaio se define como adepta a II Coluna de Salvação da IMMB.

Aqui em Goiânia tem algumas pessoas que não conseguem ainda consumir os produtos da ação social, elas alegam que é muito caro. Eu tenho comigo o seguinte, se eu for olhar o preço do arroz no supermercado eu vou achar caríssimo esse arroz da Korin, então eu não olho. Verdura e fruta eu faço o seguinte, se der para comprar orgânico no supermercado, eu não compro, se não der eu como arroz, feijão e a carne. Eu prefiro assim do comprar verdura que é cheio de agrotóxico. Não é sempre que encontra promoção de orgânicos, aqueles com o selinho. Então, não precisa comprar tudo, aos poucos, dentro do seu orçamento é que começa a consumir. (entrevista concedida para esta pesquisa dia 28 de novembro de 2019).

Durante as entrevistas, ao serem perguntados sobre a prática da ação social as repostas foram:

Adeptos a II Coluna de Salvação.

A1: Sim. A Ação Social é maravilhosa, é uma grande permissão para nós messiânicos usufruir disso da loja korin. Se acabasse faria falta, ainda mais que eu só compro aqui.

A2: Esporadicamente. A ação social é a filosofia da Igreja Messiânica.

A3: Sim. O produto vem mais em conta é uma oportunidade de adquirimos mais saúde.

A4: Sim. É fundamental para o membro despertar para a pratica e verificar as diferenças de sabor e qualidade dos produtos.

A5: Sim, principalmente o frango, é diferente demais. A ação social é muito positiva porque tem um preço melhor e você sabe de onde vem esse alimento.

Não Adeptos da II Coluna de Salvação

N1: Sim. Às vezes. A ação social é maravilhosa. Confiamos nos produtos da Korin, pois acredito que ele é feito de uma forma mais sagrada, bem feita e com respeito. A consciência ao consumir não fica tão pesada.

N2: Às vezes. A ação social é muito importante, pois a igreja orienta e te dá condições para o uso.

N3: Sim. Não é todo mês. Compro sal, açúcar e café. Acho muito importante.

N4: Comprei produtos na ação social para experimentar, mas devido ao preço não faço o uso para sempre.

N5: Não compro. Mas a ação social é positiva, pois nos permite consumir nossa própria crença, nossa própria fé.

Acessibilidade em Goiânia para os adeptos

A1: Ainda é pouca em Goiânia, mas tem crescido. Em outros estados é melhor

A2: Se torna mais fácil pela ação social, mas ela ainda não abrange todas as necessidades.

A3: Fantástica devido a ação social.

A4: Pouca produção para muita procura, por isso o preço é maior. A dificuldade de ir até o lugar faz com que as pessoas não consumam. Se eu tenho uma feira ao lado de casa, eu não vou andar para buscar algo que vá me custar 20 reais.

A5: Restaurante que fornece comida orgânica eu nunca vi. Tem uma lanchonete aqui perto que diz que tem, uma hora vou parar lá pra ver. Mas as pessoas hoje em dia estão com tanta ganancia de querer produzir, vender e ganhar dinheiro que não vai estar preocupado em qualidade se vai ter agrotóxico, se vai ser natural ou não, só querem o dinheiro. Eu penso que aqui em Goiânia por mais que tenha uma feira ou outra é muito pouca, tinha que aumentar a produção.

Para os Não adeptos da II Coluna de Salvação

N1: Pouca acessibilidade em Goiânia

N2: Não sei como é. Não compro.

N3: A acessibilidade em Goiânia é boa, tem feiras e supermercados, mas perto da minha casa não.

N4: Péssima. Particularmente acho Goiânia um dos piores lugares para você inovar em qualquer tipo de coisa. A cultura goiana é muito enraizada no que as pessoas já acreditam. Fui vegetariana por opção por três anos e a minha dificuldade era gigante. Tive que parar de ser vegetariana porque todos os lugares que eu ia só comia mandioca e batata. Engordei muito.

N5: Fácil e positiva uma vez que sei que tem a ação social e em alguns mercados.

Abaixo nas figuras 38 e 39 é possível verificar as comandas que são disponibilizadas aos membros do *Johrei Center* Extensão Goiânia para realização das compras dos produtos da Korin. As comandas correspondem aos meses de setembro e novembro de 2019.

Figura 38 - Comanda para pedidos da Ação Social Mês de Setembro

| PEDIDO JOHREI CENTER'S - IGREJA BRASÍLIA - JC GOIÂNIA | | | |
|---|--------------------|---------------------------|-----------------------|
| Cliente: | | JOHREI CENTER GOIÂNIA | |
| Telefone para contato: | | | |
| DATA DE ENTREGA: | | dia 12/09- das 14H as 21h | |
| Dedicante responsável pelo recebimento: | | | |
| DATA DO PEDIDO: | Vigência da Tabela | SET/2019 | |
| DESCRIÇÃO PRODUTO (Frango) | QUANTIDADE | PREÇO DA UNIDADE | TOTAL PRODUTO (R\$) |
| ASA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 10,00 | R\$ - |
| CORAÇÃO CONG. BDJ 600GR | | R\$ 13,50 | R\$ - |
| COXA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 4,50 | R\$ - |
| COXINHA DA ASA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 9,50 | R\$ - |
| FÍGADO CONG. BDJ 600GR | | R\$ 3,50 | R\$ - |
| FILÉ DE PEITO CONG. BDJ 600GR | | R\$ 20,00 | R\$ - |
| FILEZINHO SASSAMI CONG BDJ 600GR | | R\$ 21,00 | R\$ - |
| FRANGO INTEIRO CAIPIRA CONG. Unidade * | | R\$ 21,00 | R\$ - |
| MEIO DA ASA CAIPIRA CONG. 600GR * | | R\$ 8,50 | R\$ - |
| MOELA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 4,00 | R\$ - |
| SOBRECOXA CAIPIRA CONG. BDJ 600GR* | | R\$ 7,50 | R\$ - |
| DESCRIÇÃO PRODUTO (CARNES) | QUANTIDADE | PREÇO DA UNIDADE | TOTAL PRODUTO (R\$) |
| CAPA COXÃO MOLE CONG KG | | R\$ 25,00 | R\$ - |
| CAPA DE FILE CONG BOV KG | | R\$ 25,00 | R\$ - |
| PEITO CONG BOV. KG | | R\$ 28,00 | R\$ - |
| PEIXINHO CONG BOV KG | | R\$ 38,00 | R\$ - |
| HAMBURGUER BOVINO CONG. c/360g | | R\$ 14,50 | R\$ - |
| HAMBURGUER FRANGO CONG. c/360g | | R\$ 14,50 | R\$ - |
| HAMBURGUER BOV. ORG. CONG. c/340g | | R\$ 22,00 | R\$ - |
| HAMBURGUER BOV. ORG. COSTELA CONG. c/340g | | R\$ 25,00 | R\$ - |
| ALMÔNDEGA BOVINO - c/500g | | R\$ 25,00 | R\$ - |
| ALMÔNDEGA DE FRANGO - c/500g | | R\$ 19,00 | R\$ - |
| QUIBE BOVINO - c/500g | | R\$ 18,00 | R\$ - |
| CARNE MOÍDA DE PALETA ORG PCT 400G | | R\$ 17,50 | R\$ - |
| CARNE MOÍDA DE COXÃO DURO ORG PCT 400G | | R\$ 17,50 | R\$ - |
| CARNE MOÍDA DE FRANGO PCT 400G | | R\$ 15,50 | R\$ - |
| DESCRIÇÃO PRODUTO (Mercearia e Ovos) | QUANTIDADE | PREÇO DA UNIDADE | TOTAL PRODUTO (R\$) |
| ARROZ AGULHINHA POLIDO PCT 1 KG | | R\$ 10,50 | R\$ - |
| ARROZ AGULHINHA INTEGRAL PCT 1 KG | | R\$ 10,50 | R\$ - |
| FEIJÃO PRETO ORG. 500G | | R\$ 9,50 | R\$ - |
| FARINHA DE MANDIOCA ORG TORRADA 500G | | R\$ 6,00 | R\$ - |
| CANJICA AMARELA ORG. 500G | | R\$ 5,00 | R\$ - |
| MILHO DE PIPOCA ORG. 500 GR | | R\$ 9,00 | R\$ - |
| GRÃO DE BICO ORG. 500GR | | R\$ 21,00 | R\$ - |
| FARINHA DE MILHO ORG. 500G | | R\$ 6,50 | R\$ - |
| MEL ORGÂNICO Bisnaga 350 GR | | R\$ 18,50 | R\$ - |
| EXTRATO DE PRÓPOLIS VERDE ORG | | R\$ 19,50 | R\$ - |
| OVOS GRANDES C/10 UNID | | R\$ 10,00 | R\$ - |
| OVOS GRANDES -C/20 UNID. | | R\$ 19,00 | R\$ - |
| CAFÉ ORG TORRADO MOÍDO - CX 250G | | R\$ 18,00 | R\$ - |
| CAFÉ SUT TM VACUO - UNID 500G | | R\$ 22,00 | R\$ - |
| AÇUCAR ORG CLARO - PCT 1 KG | | R\$ 7,00 | R\$ - |
| SAL MARINHO PCT 1KG | | R\$ 3,00 | R\$ - |

Fonte: Arquivo Pessoal do *Johrei Center* Extensão Goiânia cedido para esta pesquisa.

Figura 39 - Comanda para pedidos da Ação Social Mês de Novembro

| PEDIDO JOHREI CENTER'S - IGREJA BRASILIA - JC GOIÂNIA | | | |
|---|---------------------------|------------------|-----------------------|
| Cliente: | JOHREI CENTER GOIÂNIA | | |
| Telefone para contato: | | | |
| DATA DE ENTREGA: | dia 14/11- das 14H as 21h | | |
| Dedicante responsável pelo recebimento: | | | |
| DATA DO PEDIDO: | Vigência da Tabela | NOV/2019 | |
| DESCRIÇÃO PRODUTO (Frango) | QUANTIDADE | PREÇO DA UNIDADE | TOTAL PRODUTO (R\$) |
| ASA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 10,00 | R\$ - |
| CORAÇÃO CONG. BDJ 600GR | | R\$ 11,50 | R\$ - |
| COXA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 4,50 | R\$ - |
| COXINHA DA ASA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 7,00 | R\$ - |
| FÍGADO CONG. BDJ 600GR | | R\$ 3,50 | R\$ - |
| FILÉ DE PEITO CONG. BDJ 600GR | | R\$ 18,00 | R\$ - |
| FILEZINHO SASSAMI CONG BDJ 600GR | | R\$ 18,00 | R\$ - |
| FRANGO INTEIRO CAIPIRA CONG. Unidade * | | R\$ 22,00 | R\$ - |
| MEIO DA ASA CAIPIRA CONG. 600GR * | | R\$ 9,00 | R\$ - |
| MOELA CONG. BDJ 600GR | | R\$ 4,00 | R\$ - |
| SOBRECOXA CAIPIRA CONG. BDJ 600GR* | | R\$ 8,00 | R\$ - |
| DESCRIÇÃO PRODUTO (CARNES) | QUANTIDADE | PREÇO DA UNIDADE | TOTAL PRODUTO (R\$) |
| CAPA COXÃO MOLE CONG KG | | R\$ 25,00 | R\$ - |
| CAPA DE FILE CONG BOV KG | | R\$ 26,00 | R\$ - |
| COSTELA MINGA CONG BOV. KG * | | R\$ 24,00 | R\$ - |
| MUSCULO DA PALETA CONG. BOV KG* | | R\$ 25,00 | R\$ - |
| PEITO CONG BOV. KG | | R\$ 30,00 | R\$ - |
| HAMBURGUER BOVINO CONG. c/360g | | R\$ 12,50 | R\$ - |
| HAMBURGUER FRANGO CONG. c/360g | | R\$ 12,50 | R\$ - |
| ALMÔNDEGA BOVINO - c/500g | | R\$ 17,00 | R\$ - |
| ALMÔNDEGA DE FRANGO - c/500g | | R\$ 16,00 | R\$ - |
| QUIBE BOVINO - c/500g | | R\$ 17,00 | R\$ - |
| CARNE MOÍDA DE PALETA ORG PCT 400G | | R\$ 17,50 | R\$ - |
| CARNE MOÍDA DE COXÃO DURO ORG PCT 400G | | R\$ 17,50 | R\$ - |
| CARNE MOÍDA DE FRANGO PCT 400G | | R\$ 14,00 | R\$ - |
| DESCRIÇÃO PRODUTO (Mercesaria e Ovos) | QUANTIDADE | PREÇO DA UNIDADE | TOTAL PRODUTO (R\$) |
| ARROZ AGULHINHA POLIDO PCT 1 KG | | R\$ 10,50 | R\$ - |
| ARROZ AGULHINHA INTEGRAL PCT 1 KG | | R\$ 10,50 | R\$ - |
| MEL ORGÂNICO Bisnaga 300 GR | | R\$ 18,50 | R\$ - |
| OVOS MEDIOS C/ 10 UNID | | R\$ 9,00 | R\$ - |
| OVOS MEDIOS -C/ 20 UNID. | | R\$ 18,00 | R\$ - |
| CAFÉ SUST TM VACUO - UNID 500G | | R\$ 23,00 | R\$ - |
| AÇUCAR ORG CLARO - PCT 1 KG | | R\$ 7,00 | R\$ - |
| SAL MARINHO PCT 1 KG | | R\$ 3,00 | R\$ - |
| COMPOSTO MEL E PRÓPOLIS ORG SABOR HORTELÃ * | | R\$ 11,50 | R\$ - |
| EXTRATO DE PRÓPOLIS VERDE ORG | | R\$ 20,00 | R\$ - |
| FARINHA DE MANDIOCA ORG TORRADA 500G | | R\$ 6,00 | R\$ - |
| FEIJÃO PRETO ORG. 500G | | R\$ 9,50 | R\$ - |
| CANJICA AMARELA ORG. 500G | | R\$ 6,00 | R\$ - |
| MILHO DE PIPOCA ORG. 500 GR | | R\$ 9,00 | R\$ - |
| SEMENTE DE CHIA ORG. 200G* | | R\$ 11,50 | R\$ - |
| SEMENTE DE LINHAÇA DOURADA ORG. 200G * | | R\$ 8,00 | R\$ - |
| BOLSA TÉRMICA KORIN P VERDE 15 L * | | R\$ 49,00 | R\$ - |
| BOLSA TÉRMICA KORIN G VERDE 28 L * | | R\$ 62,00 | R\$ - |
| | | | R\$ - |

Fonte: Arquivo Pessoal do *Johrei Center* Extensão Goiânia cedido para esta pesquisa.

3.3.7 Curso – Multiplicadores de horta Caseira

O curso de Multiplicadores de Horta Caseira tem como propósito preparar pessoas para divulgar e expandir o método da Agricultura Natural, preconizado pelo Messias Meishu-Sama. A missão da horta caseira conforme apresenta na apostila institucional é “despertar a natureza divina do ser humano e guia-lo para o caminho do aperfeiçoamento para que ele se torne um homem verdadeiro”. (AGRICULTURA NATURAL, 2017, p. 5)

A prática da horta caseira apresenta “uma pedagogia messiânica do cuidado”, ou seja, pelo o cuidado que a planta necessita, aprende a cuidar das outras pessoas também com isso promove o encaminhamento de pessoas para a Igreja também uma vez que, encaminhar pessoas é uma das principais atividades que os membros devem desenvolver “enquanto praticantes dos ensinamentos de Meishu-Sama”. (FONSECA, 2018, p. 125)

O curso de multiplicadores de Horta Caseira teve início em setembro de 2019 e seu encerramento foi em setembro de 2019. Os alunos foram separados em grupos devido à disponibilidade que cada um tinha para as aulas. O curso foi realizado no *Johrei Center* Goiânia e as aulas eram divididas em teoria e prática. A teoria era ministrada pelo ministro da IMMB Carlos Daniel Rodrigues através de vídeo aulas. Após a teoria, as aulas práticas eram ministradas pelo ministro responsável da Agricultura Natural do *Johrei Center* Goiânia.

Segundo o atual ministro responsável pela horta caseira, a primeira turma de multiplicadores da horta caseira recebeu o certificado no dia 28 de agosto de 2019. A turma iniciou com 15 participantes, e 9 pessoas concluíram o curso e receberam o certificado, sendo 8 membros e 1 frequentador.

Quanto aos dez entrevistados para esta pesquisa sendo adeptos e não adeptos da Il Coluna de Salvação, apenas o membro A5 participou desta turma de multiplicadores, os demais que responderam “sim” realizaram em outro momento.

A1: Não. Somente algumas vivências.

A2: Não.

A3: Sim. No curso aprofundamos o nosso conhecimento.

A4: Sim. No começo foi difícil porque não tenho muita habilidade com a terra, tudo que planto não vinga. Dai a Igreja explica que os bons sentimentos tem que transferir para a plantinha e isso mexe muito com a gente, porque você tem que levar vida para receber vida.

A5: Sim, até levei esse trabalho para um grupo de escoteiros. A gente está tentando passar esse conceito para as crianças. Lá não posso falar de Meishu-Sama, não podemos falar sobre isso, mas trabalhamos a espiritualidade, lá não falamos de religião. Falamos para eles agradecerem aos antepassados que eram agricultores.

Para os não adeptos da II Coluna de Salvação.

N1: Não. Só algumas vivências.

N2: Não. Somente fiz algumas vivências.

N3: Não realizei.

N4: Não, nunca tive interesse.

N5: Sim. Fazer o curso significa ver um mundo novo e principalmente ter contato com os antepassados. Os meus antepassados eram da terra, meus pais e avós, por isso está no meu DNA o gosto para mexer com a terra.

Figura 40 e 41 - Momento de Aula prática do Curso de Multiplicadores da horta caseira no *Johrei Center* Extensão Goiânia



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

Figura 42 e 43 - Apostilas utilizadas durante o curso



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

O curso de Multiplicadores é aberto para a sociedade e teve um custo de cinquenta reais e materiais inclusos (apostilas, recipientes para terra e mudas, sementes, folhas para compostagem). No dia da formatura é entregue a cada formando um envelope para realizar um donativo de agradecimento pela conclusão do curso conforme apresentado na figura 44 e 45. Não é estipulado valores. Também é solicitado a cada formado que verifique a disponibilidade para dedicar na II Coluna de Salvação, atuando nas vivências, cuidado com a horta, e desenvolvendo outros cursos.

Figura 44 e 45 – Envelope “Donativo de Gratidão” e Certificado do curso



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Josias de Castro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ramos (2006, p. 269) apresenta que a noção de tipo ideal implica em admitir que a ciência não é uma cópia da realidade, de que nosso conhecimento da realidade é, portanto, necessariamente limitado e imperfeito.

Os tipos ideais de Weber (2003) tomados para fins metodológicos para a análise acerca do *habitus* alimentar e sua relação com a coluna de salvação da IMM “expõem como se desenvolveria uma forma especial de conduta humana, se o fizesse com toda rigidez com respeito ao fim, sem perturbação alguma de erros e efeitos e de sua orientação unívoca para um só fim” (RAMOS 2006, p. 269). No entanto, buscamos ir além desse sentido estritamente racional de uso dos sentidos, ousando uma hermenêutica que possibilitasse acessar as estruturas objetivas e subjetivas que operam sobre as escolhas dos sujeitos (*habitus*). Assim, apesar do discurso de custo benefício sobre a adesão aos alimentos produzidos pela Korin, pudemos concluir que o *habitus* caipira pouco habituado ao alto investimento em alimentação seria um dos geradores dessa prática (nesse caso ausência da prática). Isso porque fosse o cálculo de custo-benefício em relação à alimentação saudável realmente realizado, os danos causados pela alimentação não saudável, como possíveis doenças, gerariam custos emocionais e financeiros que compensariam o alto investimento na alimentação natural. Embora, alguns depoentes tenham apontado para esse fato, continuam não aderindo à alimentação natural ofertada pela Korin, em função do alto custo financeiro. Por outro lado, muitos desconhecem os reais custos desses produtos, mas utilizam esse argumento para justificar suas posições.

Logo, entendemos que tais práticas seriam sistematizações dos elementos simbólicos, construídos culturalmente, a partir, segundo Bourdieu (1989) de um processo de interiorização da externalidade ou de externalização da interioridade. O *habitus* caipira, em parte, cria predisposições para recusar certos valores de uma “vida moderna” ao mesmo tempo que reproduz esses valores consumistas, individualistas e competitivos, de algum modo em suas rotinas.

Esse jogo de ressignificações não ocorrem sem contradições, uma vez que, esse mesmo *habitus* caipira, por outro lado, seria também o facilitador da adesão à alimentação natural e saudável, feita por meio do cultivo da própria horta, o que reduz os altos custos. Os valores negados da modernidade por esse

grupo estão relacionados à doutrina da IMM de negação aos malefícios que a indústria competitiva introduz à alimentação industrializada, ao mesmo tempo, que garante um retorno à tradição, e conseqüente, recusa aos valores competitivos voltados à competição social, típicas do capitalismo. Essa disposição teria uma afinidade eletiva com a alimentação “natural” pós-moderna de que fala Carvalho e Luz (2011) e que favorece à adesão de membros à IMM.

No entanto, o *habitus* caipira que idealiza a alimentação como sustento e *status* e associa alimentação ao mérito, não gera afinidades com a concepção messiânica de alimentação saudável. Isso justificaria certa dificuldade que os ditos adeptos à segunda coluna de salvação apresentam em aderir à 100% de uma alimentação saudável.

Os interesses fazem parte do jogo simbólico, motivando as novas incorporações em função das disposições já internalizadas no *habitus* dos indivíduos. Assim, a incorporação da ideia de uma alimentação saudável, para muitos, compromete o prazer e o sustento que a alimentação deveria promover, uma vez que limita as possibilidades de obtenção de alimento, reduzindo o acesso ao grande rol de possibilidades alimentícias (e sociais) modernas, o que pode comprometer o status do indivíduo fora do âmbito messiânico. Por outro lado, podemos concluir que os não-adeptos são também os sujeitos que aderiram com maior vigor à lógica individualista moderna, e usam o *Johrei* como forma de obter cura e satisfazer aspirações espirituais de contato individual com o transcendental. Esses sujeitos reduzem a IMM à essa coluna de salvação, negligenciando a institucionalização da felicidade e salvação ofertada pela IMM por meio das outras duas colunas.

Nesse sentido, a IMM favorece a permanência dos dois grupos de membros uma vez que sua doutrina embora esteja associada a uma busca holista espiritual, garante por meio do *Johrei* a individualização dessa espiritualidade por um lado, e por outro, a institucionalização da salvação, por meio das outras duas colunas. Assim, os membros, adeptos, ou não-adeptos, conseguem utilizar de forma pragmática e subjetiva as colunas de salvação de acordo com o arbítrio de seus *habitus*.

As relações alimentares que muitas religiões estabelecem como proibições e restrições alimentares, não está presente na IMM. A relação alimento e religião na IMM se apresenta de forma diferente, apresentando que os alimentos

não devem ser ingeridos porque causam malefícios à saúde provocando danos na essência de sua natureza, uma vez que podem ser produzidos de maneira inadequada degradando o meio ambiente. Nesse sentido, que parte dos ensinamentos fazem reflexões acerca da maneira correta de se realizar o cultivo. Nessa perspectiva, a agricultura apresenta motivações religiosas e, a presença na doutrina da religião demonstra a intenção de Meishu-Sama de criar um movimento religioso capaz de abarcar todas as esferas da vida humana (FARIA, 2012, p.174). Esse movimento favorece a adesão de membros com distintos *habitus*, seja aqueles com maior dependência frente à tradição e à coletividade, no caso de Goiânia, inspirados por um *habitus* caipira, seja aqueles com maior grau de individualização, que procuram uma teologia menos elaborada e que dão maior ênfase ao poder do pensamento e da palavra, bem como na eficácia simbólica da ação ritual do *Johrei*, que possibilita o êxtase e a libertação do indivíduo.

Assim, a Igreja Messiânica constrói um pressuposto antropológico para a sua doutrina, na qual a relação homem-natureza tem papel destacado na história e no destino da humanidade. Nela encontram-se as bases para restrições aos avanços advindos da ciência, como os remédios, os alimentos, a agricultura química e o sistema médico, todos impregnados de poluentes e toxinas, distantes das forças da natureza. Porém, a ciência não está, absolutamente, eliminada dos procedimentos de Meishu-Sama. Através de pesquisas científicas, a IMM estimula, em várias partes do mundo, avaliações experimentais que favorecem a legitimação das suas práticas (ANJOS, 2012, p. 29).

Essa estratégia visa aumentar o poder simbólico de sua estrutura doutrinária a fim de promover constrangimento suficiente aos seus membros garantido-lhe legitimidade enquanto religião, e diferenciação em relação às demais religiões. No entanto, ao adentrar em um ambiente cultural diverso daquele de sua constituição, observamos que embora não haja em sua doutrina uma hierarquização entre as colunas de salvação da IMM, a coluna da alimentação e do belo acabam sendo relativizadas, e passam a ser elaboradas ou racionalizadas para que não haja conflito com a coluna entendida como tendo maior valor no contexto brasileiro, que é o *Johrei*. Assim, embora no contexto brasileiro a IMM tente adotar como estratégia de conservação das estruturas sociais a sucessão com vistas à manutenção da doutrina, as subversões dessas por parte dos integrantes, requerem mudanças de estratégias por parte da IMM, mas que até

agora não têm afetado estruturalmente sua lógica de constituição. Embora, a II coluna de salvação seja preterida ao *Johrei*, a IMM mantém por meio de sua estrutura institucional ações pedagógicas que orientam os membros à adesão a um *habitus* alimentar natural e saudável, como as visitas ao Solo Sagrado de Guarapiranga, os aprimoramentos, o Culto de Agradecimento Mensal e culto da Agricultura Natural, o curso de multiplicadores da horta caseira, as relações cotidianas e a ação social.

Esta também é uma das maneiras para olhar a II Coluna da Alimentação da IMM uma vez que a prática requer a substituição da Agricultura e Alimentação convencional, os membros conseguem praticar à medida que internalizam os ensinamentos, que passam a compor os seus *habitus*.

REFERÊNCIAS

ABREU, Edeli Simioni de; VIANA, Isabel Cristina; MORENO, Rosymaura Baena; TORRES, Elizabeth Aparecida Ferraz da Silva. Alimentação mundial: uma reflexão sobre a história. In. *Saúde e Sociedade*, vol.10, n.2, 2001, pp.3-14. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902001000200002>>. Acesso em: 10 set. 2019.

Alimentação: O Ponto de Vista Messiânico. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1992.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Atlas de Festas Populares de Goiás. Organizadora, Maria Geralda de Almeida; autores, João Guilherme da Trindade Curado ... [et al.]. - Goiânia: Gráfica da UFG, 2015.

ANJOS, Emilson Soares dos. *Modificações litúrgicas como expressão do processo de transplantação: divergências e convergências no ritual funeral da Igreja Messiânica Mundial do Japão e do Brasil*. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP, 2012.

ANTONIO, Anderson dos Santos. *Paraíso Terrestre em um mundo de miseráveis: análise da proposta teológica da igreja messiânica mundial no Brasil na construção de um paraíso terrestre e na erradicação da pobreza, a partir dos escritos de seu líder-fundador Mokiti Okada*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2019. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1877>>. Acesso em: 31 out. 2019

ARAÚJO, Wilma Maria Coelho (et al.) [...]. *Da alimentação a gastronomia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

ARRAIS, Tadeu Alencar. *Geografia contemporânea de Goiás*. Goiânia: Vieira, 2004. 166 p.

ARTIAGA, Zoroastro. *História de Goiás*. 1959.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Negros e Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. São Paulo: Ática, 1983.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985

BOFF, Leonardo. *A opção-Terra: a solução para a Terra não cai do céu*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOFF, Leonardo.. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Ed. ver. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOLETIM INFORMATIVO. Igreja Messiânica Mundial de Portugal. Boletim Informativo nº 52. 2017. Disponível em: <<http://www.messianica.pt/boletim-mensal/>>. Acesso em: 7 out. 2019.

BOURDIEU Pierre; ORTIZ, Renato (org). *Sociologia*. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer, um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Sombras na Catedral: A Influência New Age na Igreja Católica e o Holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto. In. *Numen*, v. 1 n. 1, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21762>>. Acesso em: dez. 2019.

CANESQUI, Ana Maria e GARCIA, Rosa Wanda Diez (orgs.). Ciências Sociais e Humanas nos cursos de Nutrição. In: CANESQUI Ana Maria, GARCIA Rosa Wanda Diez (orgs). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005a. p. 255-274. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-14.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2019.

CANESQUI, Ana Maria e GARCIA, Rosa Wanda Diez (orgs.). Ciências Sociais e Humanas nos cursos de Nutrição. In: CANESQUI Ana Maria, GARCIA Rosa Wanda Diez (orgs). *Mudanças e Permanências da Prática Alimentar Cotidiana de Famílias de Trabalhadores*. Editora Fiocruz; 2005b Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/outros-assuntos/antropologia-e-nutricao-um-dialogo-possivel/17-antropologia-e-nutricao-um-dialogo-possivel.pdf#page=171>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

CANESQUI, Ana Maria e GARCIA, Rosa Wanda Diez (orgs.). Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação. In: CANESQUI Ana Maria, GARCIA Rosa Wanda Diez (orgs). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005c. p. 9-19. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-01.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2019.

CARVALHO, Maria Claudia da Veiga Soares; LUZ, Madel Therezinha. Simbolismo sobre "natural" na alimentação. In. *Ciênc. saúde coletiva*, v.16, n.1, 2011, p.147-

154. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000100018>>. Acesso em: 4 ago. 2019.

CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; LUZ, Madel Therezinha; PRADO, Shirley Donizete. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. In. *Ciênc. saúde coletiva*, vol.16, n.1, 2011, p.155-163. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000100019>>. Acesso em: 5 ago. 2019

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Global, 2004.

CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CARNEIRO, H. Comida e sociedade: Significados Sociais na História da Alimentação. Curitiba. In. *História: Questões & Debates*, n. 42, Editora UFPR, 2005, p. 71-80. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/4640/3800>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

CLARKE, Peter B. Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo). In. *iLHA*, Florianópolis, n.1, dez. 2000, p.104 à 122. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14648>> Acesso em: 20 dez. 2019.

CLARKE, Peter B. A construção de um mundo sem doença e sem violência: o alvo de Sekai Kyusei Kyo (Igreja Messiânica Mundial). In. *Revista de Estudos da Religião*, nº 4, 2002, p. 20-33. <https://www.pucsp.br/rever/rv4_2002/p_clarke.pdf> Acesso em: 20 dez. 2019.

CLARKE, Peter B. As Novas Religiões Japonesas e suas Estratégias de Adaptação no Brasil. In. *Revista de Estudos da Religião*, jun., 2008, p. 22-45. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2008/t_clarke.pdf> Acesso em: 22 dez. 2019.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

CORRÊA, Norton Figueiredo. Olhares Antropológicos sobre a alimentação: A cozinha é a base da religião: a culinária ritual no batuque do Rio Grande do Sul. In. *Arq. Bras. ABA*, Recife, v.2 (1), 2017, p. 116-127. Disponível em: <<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/ABA/article/view/1212/pdf>>. Acesso: 13 jan. 2019.

CROATTO, José Serevino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vasquez Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

CWIERTKA, Katarzyna J. *Moderna cozinha japonesa: comida, poder e identidade nacional*. Tradução de Cristina Cupertino. Apresentação a edição brasileira Arnaldo Lourençato. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

DEMATTE FILHO, Luiz Carlos. *Sistema agroalimentar da avicultura fundada em princípios da Agricultura Natural: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade*. Tese de Doutorado apresentada à ESALQ/USP 2014.

DORIA, Carlos Alberto. *A culinária materialista: construção racional do alimento e do prazer gastronômico*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIA, Alexandre Leite Souza. Condições do corpo, projeções da alma: a relação entre saúde, doença e espiritualidade na igreja messiânica mundial. In. *Intratextos*. Rio de Janeiro, 4(1), 2012, p. 160-180. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2100>>. Acesso em:

FERRARI, Evandro Sergio. *Religiões e Hábitos Alimentares: Uma Construção Histórica*. In. *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016.

FISBERG, Mauro; WEHBA, Jamal; COZZOLINO, Silvia Maria Franciscato. *Um, dois, feijão com arroz: alimentação no Brasil de norte a sul*. 1º ed. São Paulo: Atheneu, 2002.

FIORE, Gabriela. *A influência da Religião no Hábito Alimentar de seus adeptos*. Disponível em: <<http://www.unilago.edu.br/revista/edicaoatual/Sumario/2014/downloads/4.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2019.

FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. 8º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

FONSECA, Helen da. *Imagens, Flores e alface: A Igreja Messiânica e suas coisas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

F.M.O. Fundação Mokiti Okada (org.) *Alicerce do Paraíso v.1 – Ensinaamentos de Meishu Sama*. São Paulo. 1978.

F.M.O. *Alicerce do Paraíso v.2 – Ensinaamentos de Meishu Sama*. São Paulo. 1978.

F.M.O. *Luz do Oriente v. 2, 1ª edição*. São Paulo, 1982.

F.M.O. *Luz do Oriente v. 1, 1ª edição*. São Paulo, 1983.

F.M.O. *Alicerce do Paraíso v.1 – Ensinaamentos de Meishu Sama*. São Paulo. 1991.

F.M.O. *Alicerce do Paraíso* v.1, 6ª edição revisada e ampliada. São Paulo, 2017.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Ltda., 1989.

GODOY, Marília G. Ghizzi; SANTOS, Cibelle Dirce dos; CASTILHO, Gilberto Baptista. Novas Religiões Japonesas (Igreja Messiânica Mundial e Seicho-no-ie): Representações culturais e pertencimento religioso. In. *Revista Lumen et Virtus*, v. VII n. 17. 2016. Disponível em: <http://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_17/PDF/NOVAS%20RELIGI%20C3%95ES%20JAPONESAS.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

GONÇALVES. Alimentação e agricultura natural na Igreja messiânica mundial e suas dissidências. In. *Revista Eletrônica Nures*, ed. ano 4, nº 13, set/dez 2009. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nures/Revista13/goncalves.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

GUERRIERO, Silas. “Há algo de novo no campo das religiões: Os novos movimentos religiosos”. In. SILVA, Eliane Moura (et al.) (org). *Religião e Sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

HANEGRAFF, Wouter J. Espiritualidades da Nova Era como uma religião secular: perspectiva de um historiador (New Age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. In. *Social Compass*, 46(2), 1999.

HERNÁNDEZ, Francisco. *Antigüedades de la Nueva España*. Madrid: Dastin, 2000.

Hernandes, J.C.; Arnáiz M.G. *Alimentación y Cultura*. Perspectivas Antropológicas. Barcelona: Ariel, 2005.

IZUNOME. Ensino do mês - A verdadeira salvação. In. *Revista Izunome*, 2018. Disponível em: <<https://revistaizunome.messianica.org.br/item?id=283>>. Acesso em: 16 set. 2019.

KUWAE. Christiane Ayumi; MONEGO, Estelamaris Tronco; FERNANDES, Joana Aparecida. (Trans)Formações de Hábitos Alimentares dos Goianos. In. *CERES*, 4(1), 2009, p. 33-41. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ceres/article/view/1864/1459>>. Acesso em: 01 set. 2019.

LEMOS, Carolina Teles. *O sagrado e a experiência religiosa*. In: REIMER, Ivoni Richter e SOUZA, João Oliveira (coord.). *O Sagrado na Vida: Subsídios para aulas de teologia*. Goiânia, UCG, 2009.

LEMOS, Carolina Teles; Helyda de Oliveira; Marise Eterna Nunes. *Corpo e espiritualidade: do dualismo-sacrifício à abordagem transpessoal*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2019.

MARQUES, LUANA DA SILVA; CLAUDIA TEREZINHA KNISS; TATIANA CORTESE. *As Práticas Sustentáveis e a Gestão Ambiental do Solo Sagrado de*

Guarapiranga. Anais do IV SINGEP. São Paulo. 2015. Disponível em: <<https://singep.org.br/4singep/resultado/290.pdf>> Acesso em 20 dez. 2019.

MATERIAL DE ESTUDO DA IGREJA MESSIANICA MUNDIAL, 2018. Disponível em: <<https://Johreidiary2.files.wordpress.com/2018/11/20180914-material-de-estudo.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

MATTOS, Rafael da Silva; LUZ, Madel Therezinha. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. In. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, vol.19, n.2, 2009, p.489-507. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000200014>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MENESES, Ulpiano; CARNEIRO, Henrique. A História da Alimentação: balizas historiográficas. In. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 5(1), 1997, p. 9-91. Disponível: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47141997000100002>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 14^o ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MINTZ, S.W. Comida e Antropologia: uma revisão. In. *Revista de Ciências Sociais*. São Paulo: n. 47, v.16, 2001, p.31-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

M.O.A. *Agricultura e alimentação natural*: Divisão de Expansão Secretaria de Horta Caseira. 1^a ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2017.

MOGGI, V.; BURKHARD, D. *Como Integrar Liderança e Espiritualidade*: a visão espiritual das pessoas e das organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. Tradução de Leticia Martins de Andrade. 2^a ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

MOTTA, Andrea Cristina Shima; SILVESTRE, Dione Meneguetti; BROTHERHOOD, Rachel Maya. Gastronomia e Culinária Japonesa: das tradições às proposições atuais (inclusivas). In. *Revista Cesumar*, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/279>>. Acesso em: 08 set. 2019.

NAVES, Maria Margareth Veloso; COSTA, Nilce Maria da Silva Campos; CORREIA, Márcia Helena Sacchi; GONZAGA, Ana Laura Berberian; GIL, Maria de Fátima. Goiás. In: FISBERG, Mauro; WEHBA, Jamal; COZZOLINO, Silvia Maria Franciscato. *Um, dois, feijão com arroz: Alimentação no Brasil de norte a sul*. 1^a ed. São Paulo: Atheneu, cap. 2, 2002, p. 18-36.

NÉRY, Carlos Henrique Cardona. A gastronomia Religiosa como ponto turístico. Trabalho apresentado ao GT –14 “Gastronomia”, do VII Seminário de Pesquisa em turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/14/01_06_01_Nery.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2019

ORMOND, José Geraldo Pacheco (et al.). *Agricultura Orgânica: Quando o passado é futuro*. Rio de Janeiro: BNDS Setorial, 2002. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2479>>. Acesso em: 3 mai. 2019

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. *Cozinha Goiana*. Rio de Janeiro: Ed. Brasilart, 1ª ed., 1967.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora brasiliense. 2ª ed., 1991.

OTA, Hiroshi (et al.) (orgs.) *Agricultura Natural: horta em casa e vida sustentável*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2013.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.

OZAKI, André Mazao. *As Religiões Japonesas no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PÉCLAT, Gláucia Tahis da Silva Campos. *O empadão goiano: expressão de valores e práticas tradicionais*. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural) – Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

PRIMEIRAS NOÇÕES MESSIÂNICAS. Divisão de Expansão – Secretaria de Ensino Religioso. São Paulo. 2014.

RAFFO, Geórgia Branquinho de Oliveira. *A “localização” institucional da Igreja Messiânica Mundial: uma abordagem a partir da teoria da mundialização*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras Orientais da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-18102010-114131/publico/2010_GeorgiaBranquinhodeOliveiraRaffo.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

RAMOS, Guerreiro. Sua importância para a teoria e a prática da Administração. In: *RSP Revisitada: A sociologia de Max Weber*, ago/set, v. III, ano IX, 1946. *Revista do Serviço Público Brasília*, abr/jun, 57 (2), 2006, p. 267-282. Disponível: <<http://seer.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/200/205>>. Acesso em:

RELATÓRIO DE AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS KORIN AGROPECUÁRIA, 2015. Disponível em: <<http://www.korin.com.br/wp-content/uploads/2017/05/relatorio-2015.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.

RIBEIRO, Pedro Henrique Mendes. Comida e religiosidade: dos cultos afro-brasileiros para a história da alimentação brasileira. In: *Anais da XVII Semana de Humanidades*. Natal: UFRN, 2009. Disponível em: <<https://cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT23/23.1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2019.

RIBEIRO, Carlos Roberto Sendas. Um protótipo do paraíso à brasileira. São

Paulo, Fundação Mokiti Okada, 2011.

RIES, Julien. *O sentido do sagrado nas culturas e nas religiões*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

ROCHA, Leandro Mendes. *Os indígenas da província*. In: *O estado e os índios: Goiás 1850-1889*. Goiânia: Ed. UFG, 1998.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; SHIMODA, Aline Ramos Barros. O que o Japão faz aqui? Um olhar interdisciplinar em meio o patrimônio cultural alimentar da cozinha japonesa. In. *Revista Prâksis*, Novo Hamburgo, v. 1, jan. 2014, p. 105-110. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/779/93>> Acesso em: 20 ago. 2019.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social: uma introdução*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014a.

ROSENTHAL, Gabriele.. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. In. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v.14, n.2, mai/ago 2014, p.227-249. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17116/11471>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

SAHLINS, M. *Ilhas de história*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. *Como pensam os "nativos"*. São Paulo: Edusp., 2001 [1995].

SAKATSUME, Alex M. *Culinária Japonesa: A riqueza que agrada os cinco sentidos*. Edição: Centro Cultural e Informativo do Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro. Centro Cultural e Informativo do Consulado Geral do Japão - RJ. Nº1. 2015. Disponível em: <<https://www.rio.br.emb-japan.go.jp/Publicacoes/Culinaria.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SENAC, DN. *A história da gastronomia*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Paula Pinto e. *Farinha, feijão e carne-seca*. Um tripé culinário no Brasil colonial. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

SILVEIRA, Marcos Silva da. New Age & Neo-Hinduísmo: Uma Via de Mão Dupla nas Relações Culturais entre Ocidente e Oriente. In. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 7, n. 7, set. 2005, p. 73-101. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2278> acesso dez>. Acesso em:

SIGNORELI, Izabel Cristina Alves. *"Cozinha Goiana": Identidade e Tradição Culinária em Bariani Ortencio*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.

SONATI, Jaqueline Girnos; VILARTA Roberto; SILVA, Cleliani de Cassia. *Influências Culinárias e Diversidade Cultural da Identidade Brasileira: Imigração, Regionalização e suas Comidas*. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/cultura_alimentarcap14.pdf>. Acesso em: 11 set. 2019.

Site Institucional Da Igreja Messiânica Mundial No Brasil. Disponível em: <<https://www.messianica.org.br/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

SOUZA, João Oliveira. O sagrado e a tecnologia. In: REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, João Oliveira (coord). *O Sagrado na Vida: Subsídios para aulas de Teologia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009, p. 16-20.

SOUZA, Marcos André Torres de. *Ouro fino*. Arqueologia histórica de um Arraial de mineração do século XVIII em Goiás. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

SOUZA, Patrícia Rodrigues. *Religião e Comida: Como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do homem*. Dissertação (Mestrado em ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

SOUZA, Patrícia Rodrigues.. *A religião vai à mesa: Uma degustação de religiões com suas práticas alimentares*. São Paulo: Editora Griot, 2015.

SOARES, Fernando. *Alimentos de cunho religioso ganham espaço*. 2013. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=126837>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

TERROR, Heloisa Helena Guedes. *O Belo e a Salvação no pensamento de Meishu-Sama*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2009.

TOTARO, Paolo. Misticismo do cálculo e a ascese consumista: razão e fé no "crer sem pertencer" e no neopentecostalismo. In. *Relig. soc.*, vol.30, n.1, 2010, p.81-100. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872010000100005>>. Acesso em: 15 set. 2019.

TOMITA, Andréa. *Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica no Brasil*. Tese de doutorado (Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo. 2009.

TOMITA, Andréa. *Religiões Japonesas e a Igreja Messiânica no Brasil: integração religiosa e cultural*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

WIRZBA, Norman. *Alimento e fé - Uma teologia da alimentação*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ZANETI, Tainá Bacellar. *Das panelas das nossas avós aos restaurantes de alta gastronomia: Os processos sociais de valorização de produtos agroalimentares tradicionais*. 2012. Dissertação de Mestrado em Agronegócios, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

ANEXO I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome: _____

Idade: _____ anos

Sexo: () Feminino () Masculino

Escolaridade:

() Analfabeto(a) () Básica () Fundamental () Média

() Superior () Pós-Graduação

Profissão: _____

Minha faixa salarial:

() Até dois salários mínimos () Até quatro salários mínimos

() Até seis salários mínimos () Acima de sete salários mínimos

Há quanto tempo é membro da Igreja Messiânica Mundial no Brasil?

Frequenta alguma outra instituição religiosa? Qual?

O que te chama mais atenção nas práticas da Igreja Messiânica Mundial no Brasil?

Como você vê as três colunas de salvação (Johrei, Agricultura e Alimentação Orgânica Natural, e o Belo)? Todas têm a mesma importância?

Para você, A função da comida é: Obter energia? Sustento? Saúde? Sobrevivência? Manter Vivo?

O fato de uma religião ensinar como é a forma correta de se alimentar, como isto é visto por você?

Na sua rotina diária, como a Agricultura e Alimentação Orgânica Natural é praticada?

Antes de se tornar membro da Igreja Messiânica Mundial No Brasil, seus hábitos alimentares eram muito diferentes?

Você consegue consumir Alimentos Orgânicos Naturais quantas vezes na semana?

Há alguma dificuldade para consumir estes alimentos?

Você adquire produtos através da Ação Social realizada pelo *Johrei Center* Goiânia? Qual sua opinião sobre essa prática realizada pela Igreja?

Você consegue adquirir os Alimentos Orgânicos Naturais em outros estabelecimentos, ou apenas durante a Ação Social promovida pela Igreja em Goiânia?

Você já realizou o curso Horta Caseira oferecido pela Igreja Messiânica Mundial no Brasil? Caso a resposta seja Sim, como foi a experiência?

Você possui Horta com os princípios da Agricultura Natural em sua residência?

Você consome alimentos industrializados? Qual sua opinião sobre a industrialização dos alimentos?

Como você o Polo Agroindustrial da Korin, destinado somente a produzir alimentos de acordo com a prática Messiânica?

Como você vê de um modo geral a prática da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural pelos membros messiânicos?

Como você a acessibilidade de Alimentos Orgânicos Naturais para os messiânicos em Goiânia?

Qual é o seu sentimento ao praticar o segundo pilar da coluna de salvação (Agricultura e Alimentação Orgânica Natural)?

Os ensinamentos e a divulgação da prática da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural são suficientes para os membros e para a sociedade?

A prática da Agricultura e Alimentação Orgânica Natural pode ser uma forma de atrair membros para a Igreja Messiânica Mundial no Brasil?

O que você espera da Igreja Messiânica Mundial em termos de Salvação? O fato de promover salvação é um atrativo?

ANEXO II PARECER CONSUBSTANCIADO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DO IDEAL AO REAL: A COLUNA DE SALVAÇÃO e AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO ORGÂNICA NATURAL NA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL NO BRASIL (IMMB) / JOHREI CENTER GOIÂNIA.

Pesquisador: janaina josias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 18697519.0.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.516.046

Apresentação do Projeto:

MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PPGR

A ocorrerá na Igreja Messiânica Mundial do Brasil – Johrei Center Goiânia localizada na Rua T 53, nº 238 Setor Marista – Goiânia-GO. Para a investigação do Segundo Pilar de Salvação é necessário captar os sentidos atribuídos à alimentação para perceber a afinidade eletiva com os princípios messiânicos de salvação relacionados ao segundo pilar, ou seja, captar o habitus reconstruindo a trajetória de vida dos membros da Igreja Messiânica no Brasil através da história de vida e história oral. Serão feitas entrevistas, no ambiente natural do entrevistado em tom informal, que seguirão um roteiro de perguntas. A entrevista como coleta de dados é a técnica mais utilizada no trabalho de campo, ela permite obter informações de dados subjetivos, estes que se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Serão realizadas entrevistas tendo um roteiro como suporte com 10 membros da Igreja Messiânica Mundial de Goiânia, estes 10 (dez) membros serão divididos em dois grupos, sendo: 5 (cinco) membros que aderiram a Alimentação e Agricultura Orgânica Natural e 5 (cinco) membros que não aderiram a Alimentação e Agricultura Orgânica Natural. Os participantes serão de diferentes faixas etárias e sexo, todos acima de 18 anos. Os participantes devem ser membros há pelo menos 01 (um) ano da Igreja Messiânica Mundial no Brasil – Johrei Center Goiânia.

Endereço: Av. Universitária, 1.069
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **Fax:** (62)3946-1070 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.046

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo deste estudo é compreender a relação alimento e religião, verificando como estes dois aspectos estão presentes na Igreja Messiânica Mundial no Brasil particularmente na sua Coluna de Salvação – Alimentação e Agricultura Orgânica Natural, em Goiânia.

Objetivo Secundário:

Descrever a relação e a importância do alimento como sendo sagrado desde a sua obtenção, utilização nos ritos, caráter simbólico e como o mesmo interfere na vida dos adeptos. Analisar os ensinamentos deixados pelo fundador da Igreja Messiânica Mundial em relação à segunda coluna de salvação, como este vem sendo vivenciado pelos membros. Estudar a afinidade eletiva deste pilar de salvação da Igreja Messiânica com os elementos constitutivos da percepção de alimentação (habitus) entre os frequentadores da Igreja. Verificar a relação dos membros da Igreja Messiânica Mundial no Brasil – Johrei Center Goiânia com a segunda coluna de salvação da Igreja.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Como toda pesquisa que envolve seres humanos está suscetível a riscos, este estudo pode ser classificável com risco mínimo ao participante. No que diz respeito à sua integridade moral e física, foram estabelecidas providências como: tratamento psicológico, clínico e outros com despesas sendo de responsabilidade da pesquisadora caso ocorra algum problema durante a abordagem, que podem ser de ordem emocional, em função de eventuais memórias traumáticas que podem ser recordadas.

Benefícios:

Em relação aos benefícios da pesquisa em questão, é possível verificar que o alimento e a religião exercem influência social e comportamental sobre os indivíduos. Os membros da Igreja Messiânica Mundial no Brasil estarão contribuindo em apresentar, divulgar e conscientizar a prática dessa coluna de salvação uma vez que se acredita que são alimentos puros e mais saudáveis.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Serão realizadas observações no culto, na rotina diária dos messiânicos na igreja, cursos e vivências e em outros ritos tendo como objetivo principal o foco na coluna de salvação – Agricultura Natural. A análise de dados será mediante a reconstrução da história de vida dos membros uma vez que, a partir das entrevistas serão relatadas e analisadas as falas dos

Endereço: Av. Universitária, 1.069

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.605-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3946-1512

Fax: (62)3946-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.046

entrevistados para compreensão do habitus e a afinidade eletiva em relação a alimentação proposta pela Igreja Messiânica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos estão de acordo com a Resolução 510/2016

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Projeto de pesquisa não apresenta nenhum óbice ético. Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

INFORMAÇÕES AO PESQUISADOR REFERENTE À APROVAÇÃO DO REFERIDO PROTOCOLO:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua pesquisa em casos de alterações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.
2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil, relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar em suspensão do estudo.
3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.
4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|----------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1401220.pdf | 02/08/2019 20:31:25 | | Aceito |
| Outros | lattesorientadora.pdf | 02/08/2019 20:30:44 | janaina josias | Aceito |
| Outros | AUTORIZACAO.pdf | 02/08/2019 20:29:15 | janaina josias | Aceito |
| Cronograma | CRONOGRAMA.pdf | 02/08/2019 20:23:28 | janaina josias | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETOCOMITEFINALIZADO.pdf | 02/08/2019 20:22:59 | janaina josias | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / | TCLE.pdf | 02/08/2019 20:21:21 | janaina josias | Aceito |

Endereço: Av. Universitária, 1.069

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.605-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3946-1512

Fax: (62)3946-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.046

| | | | | |
|---------------------------|------------------|------------------------|----------------|--------|
| Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 02/08/2019 20:21:21 | janaina josias | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 02/08/2019 20:19:23 | janaina josias | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 19 de Agosto de 2019

Assinado por:
ROGÉRIO JOSÉ DE ALMEIDA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Universitária, 1.069
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **Fax:** (62)3946-1070 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br